UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM
ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE

NATÁLIA ALVES DE TOLEDO

**Nós de desaceleração na cidade de São Paulo:
espaços de lentidão em tempos de velocidade**

São Paulo
2018

NATÁLIA ALVES DE TOLEDO

**Nós de desaceleração na cidade de São Paulo:
espaços de lentidão em tempos de velocidade**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Estética e História da Arte.

Área de concentração: Estética e História da Arte
Linha de Pesquisa: Teoria e Crítica da Arte

Orientadora Professora Doutora Katia Canton Monteiro

São Paulo
2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL E PARCIAL DESTE TRABALHO,
POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO
E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da Publicação
Biblioteca Lourival Gomes Machado
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo

Toledo, Natália Alves de.

Nós de desaceleração na cidade de São Paulo : espaços de lentidão em tempos de
velocidade / Natália Alves de Toledo ; orientadora Katia Canton Monteiro. -- São Paulo,
2018.

225 f. : il.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da
Arte) -- Universidade de São Paulo, 2018.

1. Arte Contemporânea – Brasil. 2. Cidades. 3. Espaço (Estética). 4. Tempo (Filosofia).
5. Fotografia Artística. I. Canton, Katia. II. Título.

CDD 709.81

Nome: NATÁLIA ALVES DE TOLEDO

Título: **Nós de desaceleração na cidade de São**

Paulo: espaços de lentidão em tempos de velocidade

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Estética e História da Arte

Aprovado em: _____

Banca examinadora

1º Membro Titular

Prof. Dra. Katia Canton Monteiro

Instituição: Programa de Pós-Graduação Interunidades
Estética e História da Arte

Julgamento: _____ Assinatura: _____

2º Membro Titular

Prof. Dr. Adair Marques Filho

Instituição: FAV - Universidade Federal de Goiânia

Julgamento: _____ Assinatura: _____

3º Membro Titular

Prof. Dr. Maria Sílvia Barros de Held

Instituição: Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

4º Membro Titular

Prof. Dr. Alecsandra Matias de Oliveira

Instituição: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de
São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

5º Membro Titular

Prof. Dr. Glaucia Eneida Davino

Instituição: Universidade Presbiteriana Mackenzie

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos que preferem a margem ao centro.

Agradecimentos

São muitos agradecimentos que devo por esta etapa de trabalho e duas páginas são poucas para expressar minha gratidão. Sem as pessoas aqui citadas não seria possível tal realização, não importa quanto esforço fosse empreendido.

Agradeço a Universidade de São Paulo por acreditar e apoiar este trabalho.

Agradeço a minha querida orientadora Dra. Katia Canton Monteiro, pela paciência e gentileza em me emprestar seu enorme conhecimento e carinho. Sou grata por toda vida por ter você comigo.

Agradeço a Equipe Lenine pela música Paciência que muitas vezes se fez norte e alento a esta pesquisa.

Agradeço ao meu amigo e amor Otavio Moraes, por rir e chorar comigo, e me mostrar que é possível sim ser feliz. Pelos abraços nos momentos de angústia e pelas palavras de incentivo: “vai dar tudo certo!” Todas as palavras do mundo não são suficientes para agradecer tudo que fez e faz por nossa família. Obrigada por me ouvir ler inúmeras vezes esta tese para você e te perguntar milhares de vezes se ficou bom, e por acompanhar cada pincelada e comentar cada uma delas.

Agradeço o presente que ganhei durante o processo de doutoramento, meu filho Otto Moraes, que enche minha vida de futuro e esperança em um mundo melhor e me ensina a ser mãe e amar cada movimento seu.

Agradeço a minha mãe Maria Alexandre pelas noites mal dormidas lendo a tese ainda desestruturada e por me ensinar todos os dias a perseverar, muitas vezes dizendo: “e o doutorado como está?” Tenho orgulho de te-la como mãe, amiga, e leitora ávida do que rascunho. Agradeço pelos irmãos que me deu e pela importância que eles tem em minha vida. Sem minha mãe nada do que sou hoje seria possível.

Agradeço aos meus sogros Elisete e Osvaldo Moraes, por me apoiarem e não medirem esforços em ajudar não só neste trabalho, mas no dia a dia de nossa família. Obrigada por tudo que fazem por nós.

Agradeço as meninas, mestras e doutora Ivy (Ivy Lima), Gabi (Gabriela Abraços) e Cris (Cristina Bonfiglioli), por ouvirem meus desabafos acadêmicos intermináveis e por suportarem com leveza a nossa amizade não só acadêmica, mas de vida.

Agradeço aos amigos irmãos Sandra e Joarlei Coragem por estarem comigo a todo tempo e fazer com que minha família seja a sua também. Agradeço por todos os

conselhos, ombro no momento de desespero e por partilhar as conquistas. Sou grata por te-los em minha vida de uma maneira que nunca poderei retribuir o suficiente.

Agradeço ao Carlos Scopinho pela parceria e pela amizade leve e sincera. Obrigada por trilhar o caminho do conhecimento comigo.

Agradeço aos amigos Fernanda Marinho, Dilara Rúbia, Jonathan Feital, Wan Chi Ming, Alexandre de Caprio e Marcelo Costa, pela parceria, amizade e pela alegria dos momentos felizes e compreensão dos momentos difíceis. Vocês são parte deste trabalho.

Agradeço a Carlos Borsatto e Douglas Barnabé, por todo apoio que me emprestam no dia a dia. Pelos diálogos e cuidado que demonstram a cada contato, muitas vezes em seus horários de descanso. Se este trabalho hoje chega a suas considerações finais, vocês são co-responsáveis.

Agradeço a Vanessa Rebello, Jorge Feitosa e Jonhson Cavalcante pela amizade e parceria, pelas conversas e pela confiança.

Agradeço a Arley Andriolo, Giselle Beiguelman, Maria Cristina Palma Mungioli e Sandra Maria Patricio Ribeiro pelas manhãs e tardes de conhecimento que despertaram meu olhar a questões da cidade, do sujeito e do próprio tempo que estamos. Obrigada por me fazerem olhar o mundo por outros ângulos.

Agradeço a Lygia Reinaldo pelas traduções e por me ouvir recitar o meu problema científico por diversas vezes.

Agradeço a Alecsandra Matias, por todos os conselhos nesta trajetória, pela revisão do trabalho por mais de uma vez e por se fazer presente em meu caminho acadêmico.

Agradeço a Adair Marques Filho, Maria Silvia Barros de Held, Glaucia Eneida Davino, Rodrigo Queiroz, Elisabeth Araújo Lima, Artur Matuck e Helouise Lima Costa, por gentilmente disporem de tempo de suas vidas para ler este trabalho.

Agradeço a todos e a todas que direta ou indiretamente me apoiaram nesta linha veloz que se tornou a vida.

Obrigada por tudo.

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Até quando o corpo pede
A vida não para pouco mais de alma
A vida não para

Enquanto o tempo
Acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora
Vou na valsa
A vida é tão rara
A vida é tão rara

Enquanto todo mundo
Espera a cura do mal
E a loucura finge
Que isso tudo é normal
Eu finjo ter paciência
Eu finjo ter paciência

O mundo vai girando vai girando
Cada vez mais veloz
A gente espera do mundo
E o mundo espera de nós
Um pouco mais de paciência
Um pouco mais de paciência

Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
Tão rara
Tão rara

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Até quando o corpo pede
Eu sei, a vida não para
Eu sei, a vida não para
A vida não para não

Será que é tempo
Que lhe falta pra
perceber?
Será que é tempo
Que lhe falta pra perceber?
Será que temos esse tempo
Pra perder? E quem quer saber?
E quem quer saber?
A vida é tão rara
A vida é tão rara
Tão rara

Mesmo quando tudo pede
Um pouco mais de calma
Até quando o corpo pede
Um pouco mais de alma
Até quando o corpo pede
Eu sei, a vida não para
Eu sei, a vida não para
A vida não para não

A vida é tão rara

A vida é tão rara

Paciência
Lenine

Resumo

TOLEDO, N.A. Nós de desaceleração na cidade de São Paulo: espaços de lentidão em tempos de velocidade. 2018. 225 f. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

O objetivo desta pesquisa é analisar os tempos e os espaços de velocidade na cidade de São Paulo, no que diz respeito aos seus não-lugares. Para documentação da análise a fotografia foi o instrumento utilizado para intermediar o olhar do observador e do observado e a representação estética fica a cargo de impressões traduzidas pela autora pelo abstracionismo. Metodologicamente a observação participante foi escolhida por permitir flexibilidade à pesquisa e pelo aspecto emocional admitido pelo método. Após contato com textos dos autores Hall, Agambem, Giddens, Borriaud, Hardt e Negri, estabeleceram-se as bases de sustentação da pesquisa. Esses autores, além realizarem leituras atentas sobre o momento atual, tratam com profundidade da imbricação do tempo e do espaço no contemporâneo. Milton Santos traz definições que contribuem para entender a diferença entre território e espaço. Certeau elucida a diferença entre espaço e lugar. Augé, com uma lente ainda mais próxima, trata dos lugares e não-lugares. E é sobre os não-lugares onde se debruça a atenção deste estudo. Até o presente momento o resultado que se chega nesta pesquisa é de que, se em tempos anteriores onde o espaço estava diretamente ligado ao tempo havia uma má distribuição do espaço, hoje a distribuição desequilibrada se dá também através do tempo, não proporcionando ao sujeito espaço livre para construção de pensamentos aprofundados sobre o meio e sobre quem se é. As cidades refletem este desequilíbrio. Alguns espaços são disponibilizados na cidade para o descanso, porém, percebe-se que servem para energizar o sujeito para que volte ainda mais rápido a alimentar o sistema.

Palavras-Chave: Arte Contemporânea - Brasil. Cidades. Espaço (Estética). Tempo (Filosofia). Fotografia Artística.

Abstract

TOLEDO, N.A. Deceleration nodes at City of São Paulo: Backwardness spaces in times of speed. 2018. 225 f. Thesis.(PhD in art) - Post Graduation Inter-units in Appearance and Art History of University of Sao Paulo, Sao Paulo, 2018.

This study objective is to analyze time and spaces backwardness in velocity spaces at Sao Paulo city, regarding the non-places. Photography was the main instrument used for analyzes documentation to intermediate the observer and observed sights, and the appearance representation shall be borne of translated impressions by the author thought the abstractionism. Methodologically the participant observation was chosen due to permit flexibility to the study and for the emotional aspect supported by the method. After the acquaintance to the texts of the author Hall, Agambem, Giddens, Borriaud, Hardt and Negri, the bases for the study were stablished. This authors, in addition to accomplish mindful readings regarding the current moment, treat the depth imbrication of time and space at the contemporary. Milton Santos brings definitions that contributes to understand the different between territory and space. Certeau elucidates the difference between space and zone. Augé in a closer sight, treats places and non-places. The focus of this study is about the non-places. Up to the present time the result that is reached in this study is, if in former times, where space was directly connected to time was a misdistribution of space, and today the unbalanced distribution also occurs over time, not providing to the individual free space to construct deep thoughts about the environment and about it who is. Cities reflect this imbalance. Some spaces are available in the city to rest, however, perceives that it serve to energize the subject, to get back even fast to feed the system.

Key words: Contemporary Arts - Brazil. City. Space (Appearance). Time (Philosophy). Art Photography.

Sumário

Introdução

Primeiras palavras: o contemporâneo

1º Nó: o contemporâneo como cenário, o cenário contemporâneo

2º Nó: o sujeito contemporâneo, o contemporâneo sujeito

3º Nó: território de embate, tempo e espaço que abrigam o sujeito

Considerações finais

Referências bibliográficas

"Ela respondeu: Gilgamesh, onde vais com tanta pressa? Jamais encontrarás a vida que procuras. Quando os deuses criaram o homem, eles lhe destinaram a morte, mas a vida eles mantiveram em seu próprio poder. Quanto a ti, Gilgamesh, enche tua barriga de iguarias; dia e noite, noite e dia, dança e sê feliz, aproveita e deleita-te. Veste sempre roupas novas, banha-te em água, trata com carinho a criança que te tomar as mãos e fazes tua mulher feliz com teu abraço, pois isto também é o destino do homem."

Ele que o abismo viu: a epopeia de Gilgamesh (2017).

Introdução

Um nó em uma linha barra a passagem livre pela agulha, impedindo a costura. Mesmo conseguindo, a união de retalhos não seria forte o suficiente. A solução é expandir a linha, deixá-la grossa, forte o suficiente para dispensar o tecido, ser ela mesma o substrato, podendo ser malhada por agulhas como as que tricotam. Os nós quebram a monotonia, permitindo uma velocidade maior, se permite pular pontos sem ser percebido na malha tecida. Os nós deixam a linha mais forte. Nós são respiros, espaços e tempos que apreendem a energia de tal forma que aparentam desacelarar.

A cidade é linha veloz, os nós de desaceleração servem de reforço, de respiro, para se continuar. Para uma pequena elite se é permitido escolher os nós a conviver, como que um privilégio respirar durante a corrida. Para alguns o dia é todo tomado de nós, como uma reserva de energia, pois não possuem velocidade suficiente para fazer parte do sistema líquido piramidal. E ficam de nó em nó a espera de serem acionados.

No ritmo contemporâneo, é preciso nós no espaço e no tempo, não para se pensar a própria existência, mas para não se pensar, para acumular energia, para prosseguir; caso contrário, uma linha rápida e frágil não subsiste. Como se fosse preciso parar para prosseguir. Esta é a hipótese.

Nós em um espaço e tempo, que se deslocam e se otimizam, criam outro espaço-tempo próprio de velocidades e de potencialidades ainda maiores. Em um tempo de nós, esta pesquisa ousa afirmar que este espaço-tempo é como sistema de experiências que se apresenta em tudo que cabe no contemporâneo, incluindo, portanto, o movimentar nas

idades. Quanto à modalidade básica da pesquisa, propõe-se o estudo de como se dão os pontos, chamados na pesquisa de nós de desaceleração.

Esses nós de desaceleração na cidade foram captados em fotografias, o que é justo com o espaço-tempo em que se está, uma vez que a fotografia se apresenta como uma tradução de uma realidade e o contemporâneo um acúmulo de traduções. As traduções estéticas ficam a cargo de imagens abstratas desenvolvidas com base no sentimento que cada fotografia proporciona a autora.

As fotos documentaram a análise e intermediam o olhar do observador e do observado e contribuem para uma leitura poética dos nós de desaceleração. Para tanto, escolheu-se a cidade de São Paulo, por ser uma cidade reconhecida nacionalmente e internacionalmente por sua velocidade. Os espaços urbanos do Brás, Higienópolis, Pinheiros e Avenida Paulista foram utilizados como recorte do objeto de estudo por apresentarem diferenças arquitetônicas e aceleração e desaceleração da percepção que se tem do tempo.

As fotos foram tiradas em preto/branco e cor no mesmo local e instante, e posteriormente sobrepostas, proporcionando o efeito de lupa sobre o nó de desaceleração.

Durante o texto, algumas distâncias foram propositalmente deixadas entre os parágrafos, a fim de proporcionar respiros ao pensar, pois pensar é um ato, e como tal, precisa de um tempo e de um espaço. Aconselha-se que ao ler este trabalho, quando as paradas são solicitadas, sejam mesmo permitidas, para que o pensamento se construa com base no que foi apresentado.

O texto em si não se quer linear, assim como o tempo contemporâneo. As palavras foram tomadas em um formato diastólico, pois vão e voltam, iniciam o pensamento e se retomam após outros.

Como metodologia foi utilizada a observação participante para investigação. O método contribuiu pela flexibilidade, aspecto emocional e ideológico da pesquisa.

A pesquisa iniciou-se pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual se formulou a hipótese, e pelo processo de inferência dedutiva, testou-se a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese, se utilizando, portanto, o método hipotético-dedutivo .

O presente estudo foi dividido em nós. No 1º Nó, tratou-se das características do contemporâneo. No 2º Nó, a atenção ficou por conta do sujeito que habita esse tempo e espaço contemporâneo. No 3º Nó, a lente foi posta sobre o território de embate: os não-lugares e a cidade de São Paulo. Nas considerações finais se apresentam os resultados que podem ser lidos como outros, dependendo de quem observa.

Quanto ao referencial teórico, a pesquisa retomou os estudos de Agambem, Giddens, Borriaud e Hall para a primeira parte da pesquisa que tratou das características do contemporâneo. Na segunda parte, da pesquisa a atenção foi para o sujeito contemporâneo, nesta o apoio foi através das leituras feitas dos estudos de Agambem, Giddens, Borriaud, Hall e Hardt e Negri. Para se pensar a cidade, a revisão bibliográfica fez uso dos pensamentos de Milton Santos, Certeau e Augé. Santos por pensar nos territórios, Certeau pela acuidade ao termo lugar e Augé pelo conceito de não-lugar. Embora, muitos outros autores foram consultados e serviram para elucidar o problema escolhido para pesquisa.

Dessa forma, esta investigação busca compreender como se dá espaços e momentos de desaceleração na cidade de São Paulo. Com esse intuito, a análise do tempo contemporâneo, do sujeito contemporâneo e da cidade de São Paulo torna-se relevante. Nesse sentido, compreende-se que há momentos de parada no cotidiano dos sujeitos contemporâneos que parecem

aceitos pelo senso comum, porém, é importante verificar como se dão esses momentos de desaceleração e com quais intenções são disponibilizados pela ordem social.

O objetivo desta pesquisa é verificar como se dão os espaços e tempos de desaceleração na cidade de São Paulo. Acredita-se que a observação de tal fenômeno pode contribuir para um aprofundamento do estudo das chamadas estéticas do cotidiano.

A pesquisa durou quatro anos, dividida em módulos semestrais com relatórios de acompanhamento sob orientação. Durante esse período a equipe Lenine, gentilmente, cedeu o uso da letra e música da canção *Paciência*, que serviu de inspiração e epígrafe da tese. A letra aparece sobreposta, demonstrando a repetição com que foi ouvida durante a pesquisa.

Primeiras palavras: o contemporâneo

É de importância dizer que o que se colocará nas palavras que seguem tem a intenção de se estabelecer certa ordem para o pensamento desta que escreve e servirá de alguma forma para alguém que já pensou sobre isso.

Um alerta: não é de interesse citar autores neste espaço de escrita como epígrafe, mas de demonstrar algumas bases pelas quais se possa afirmar sobre, a fim de dar os próximos passos. Fissuras sempre ficam abertas, mas proporcionam que outros estudos possam ser executados.

Embora, o objetivo seja pensar em como as pessoas na cidade de São Paulo respondem muitas vezes com ações de desaceleração a espaços e tempos de alta velocidade, a sensação que fica é de que não é no ponto de partida ou no ponto de chegada onde se deva colocar as lentes, mas no trajeto. Portanto, o trajeto disposto nesta pesquisa será o de documentação de forma poética destas ações de desaceleração, cabendo a investigações futuras a consequência destes atos de calma dentro de espaços de velocidade, mesmo que aqui fiquem algumas hipóteses.

Não é novidade dizer que o estudo do tempo contemporâneo é um assunto cheio de proposições e sobreposições. Há certa dificuldade em se estabelecer fronteiras rígidas, pois elas são amolecidas todas as vezes que tocadas pela teoria. Cada teoria deve ser observada como um viés, pois a partir do momento que o fenômeno é incluído nas teorias, percebe-se que a categorização absoluta não é justa com o objeto estudado, que neste caso é o tempo contemporâneo que ainda caminha. Outra dificuldade em se categorizar o tempo contemporâneo está na limitação histórica, uma vez que este tempo ainda se discorre. Observar o fenômeno depois de assentado é mais fácil do que enquanto

o mesmo ainda se movimenta. A vantagem de se observar o fenômeno enquanto está ativo é a riqueza de elementos que a efervescência proporciona. A desvantagem mora na validade do que é coletado, pois pode em um momento ser intenso e posteriormente obsoleto e falso.

Para alguns autores o tempo contemporâneo pode ser dividido em moderno e pós-moderno, outros defendem que o contemporâneo compreende o tempo moderno apenas; não é consenso os limites temporais. Esta falta de consenso quanto aos termos se dá, por alguns estudiosos considerarem o tempo pós-moderno uma ruptura com o moderno; outros acreditam que o termo pós-moderno é frágil, o que existe é uma exacerbação do moderno. Mas, uma concordância há entre os que se debruçam sobre o tema: algo de novo ocorre nos últimos anos.

Aqui não serão discutidos os limites (se é que há) entre moderno e pós-moderno, altermoderno ou sobremoderno, mas as rubricas deixadas pelo contemporâneo, principalmente as que dizem respeito à percepção do tempo e do espaço pelos indivíduos, portanto, definições tanto do moderno como do pós-moderno (ou a modernidade tardia) serão entendidas como adequadas para a discussão arrolada na presente investigação.

A descrição foi preferida a explicação, pois como diz Coelho (2011, p. 15): "a descrição abre a porta do possível, que a explicação costuma fechar com um pontapé".

A imagem na sociedade contemporânea é fotografada, pintada, impressa e refotografada, causando a suspensão da literalidade e da nitidez. As cenas são propositadamente banais, usadas, sobrepostas e cromaticamente (des)saturadas, nela há uma sucessão de camadas de tempo que se especializam, incluindo a dimensão temporal no instante fotográfico.

As legendas nas fotografias não servem de descritivo da imagem, uma vez que as imagens por si descrevem-se de

forma muito mais justa do que as palavras o fariam. As legendas servem aqui de sinalizador para o leitor, pois procura apontar o sentimento da pesquisadora ao ler a imagem. A fotografia possui capacidade documental, mas também tem potencial de colagem, montagem e disposição sequencial. As fotografias aqui são postas de forma que quem as captura retrata-as de seu interior, olha através delas para outras áreas e foca os planos abertos e médios.

As tentativas de observar a cidade pela experiência da rua implica em uma renovação da percepção. A configuração atual da cidade não permite uma localização correta, mas imagética, pois o espaço urbano perdeu situabilidade dando lugar ao homogêneo e fragmentário.

A imagem fotográfica por mais abrangente que seja, não dá conta do entorno, projetado e edificado, uma vez que é sobrecarregado por dimensões abstratas, com isso ocorre uma ruptura radical entre experiência diária com os modelos abstratos de espaço. Sobre as imagens pode-se afirmar que é preciso ter consciência das causas de sua produção e clareza de que não é o fenômeno em si imaginado, caso contrário corre-se o risco da aparência ser deslocada da essência.

As imagens permitem um movimento duplo de captação do mundo e distanciamento dele. É nesse interim, entre olhar e imagem, que se dá o pensamento e através dele se cria o imaginário. O risco de uma sociedade pautar-se nas imagens é a anulação da contemplação passiva em substituição ao vivido, porém, são capazes de suscitar quase todas as emoções humanas positivas e negativas.

As fotografias captadas se refletiram nas impressões abstratas construídas pela autora, uma vez que a imagem começa quando não é possível perceber imediatamente o suporte material, mas outra coisa que não é dada pelo suporte. Uma representação dá forma presente para algo ausente,

representa-se o que não está, o que falta é sempre uma relação com aspectos de aparência visível. Quanto menos traços a imagem tome emprestados do objeto, melhor o representa. É suficiente que se pareça com alguma coisa, porém deve ter uma semelhança imperfeita, não deve se assemelhar, mas parecer, sob pena de se confundir com o fenômeno.

A imagem é um recorte do mundo e por essa razão se coloca como menor do que o que representa, é um falso ser e por construir-se dessa forma é, portanto, irracional. A vantagem da imagem é sua potência. Com palavras são necessárias longas descrições que resultam em incompletude, inexatidão e impotência. As imagens representam com sua presença, o que ela pode mostrar nada pode dizê-lo.

A imagem tem como característica nivelar o real e o possível, dando o sentimento de realidade que a palavra não dá. Para isso apresenta-se sempre na afirmação. Não é possível representar através dela algo que não se está, mas apenas provocar o sentimento de falta através de uma imagem.

A imagem não representa o tempo com fidelidade, podendo simulá-lo. O tempo da imagem é o presente, representando tanto o passado como o futuro, vivos e mortos, com o mesmo peso do tempo em que se apresenta. A imagem não apreende o tempo em sua totalidade, mas traz a ilusão de contemplá-lo. A imagem é acidentalmente ausente em representar o presente. Substancialmente, ausente passa a representar o passado por emanção. Absolutamente, ausente representa o futuro por ilusão instigando o imaginário.

A imagem tem a capacidade de distorcer a percepção se tornando ela a ilusão de uma presente que não se faz. Quanto mais a imagem se pretende ser transparente, mais ela esconde-se de si mesma. Quanto mais opaca se parece, mais única e fácil é de ser percebida. O risco maior provocado pela imagem

é sua capacidade em tornar-se uma ilusão ou uma falsa realidade.

A intenção das legendas não é explicar as imagens nem embelezar um texto, pois seria um ato insano o fazê-lo, uma vez que nunca seria alçado; nem usar das imagens como suporte à escrita. O propósito da imagem aqui posto neste trabalho é outro, é primário, nuclear, pois carrega em si a potência do raciocínio.

É preciso tempo para dar-se a ver uma imagem, ela demanda tempo de espera e olhar debruçado para que seja decodificada e entendida em sua potência. Através da imagem a realidade representada é reinventada e tão forte quanto à própria realidade primeira.

As fotografias utilizadas neste trabalho são imagens que serviram de suporte às imagens abstratas desenvolvidas. As fotografias não possuem linearidade, pois não se pretendem ser um ensaio. Porém as imagens abstratas que se constroem possuem um fio que as une. Pois, assim como as palavras usadas neste trabalho, há um vai e vem, dito e não-dito, se permitindo ser em algumas vezes uma provocação para aquele que lê.

As imagens foram escolhidas por se apresentarem como uma constante no contemporâneo. Contemporâneo esse que se apresenta para seus sujeitos: traduzido, sem fronteiras, sem situabilidade, que capta o mundo e se distancia dele, onde a essência abre alas à essência, onde se afirma mais que se indaga, onde a percepção é distorcida para que se possa ler o mundo cheio de legendas que se apresenta aos sujeitos que nele estão.

1º Nó
O TEMPO

“Os acontecimentos são a espuma das coisas.
Mas é o mar que me interessa.”

(VALERY, 1962, p. 1508)

1º Nó: O TEMPO

o contemporâneo como cenário, o cenário contemporâneo

Aqueles que procuram pensar a contemporaneidade puderam fazê-lo apenas com a condição de cindi-la em mais tempos, de introduzir no tempo uma essencial desomogeneidade. Quem pode dizer: "o meu tempo" divide o tempo, escreve neste uma cesura e uma descontinuidade; e, no entanto, exatamente através desta cesura, dessa interpolação do presente na homogeneidade inerte do tempo linear, o contemporâneo coloca em ação uma relação especial entre os tempos. Se como vimos, é o contemporâneo que fraturou as vértebras de seu tempo (ou, ainda, quem percebeu a falha ou o ponto de quebra), ele faz dessa fratura o lugar de um compromisso e de um encontro entre os tempos e as gerações (AGAMBEM, 2009, p.71).

O que é o tempo? Diversos autores descreveram sob a sua ótica o tempo em que viviam. Tal ação não é recente e nem inédita, seja nas ciências humanas, exatas, biológicas, no conhecimento religioso ou de senso comum, os sujeitos procuram decodificar o tempo em que vivem, o que faz com que congruências e divergências com os tempos anteriores se apresentem. Pode-se afirmar que não é diferente com o tempo que ainda se discorre.

Para Santo Agostinho, a dificuldade não está em se perceber a existência do tempo, mas sim em defini-lo: "eu sei; mas seu eu quisesse esclarecer o que ele é para alguém que desejasse um explicação, não sei" (AGOSTINHO, s.d. p.17).

Tal dificuldade é compreensível uma vez que o tempo não é um conceito forjado individualmente e sim coletivamente. Assim, não se consegue criar uma ideia de tempo, pois o sujeito assimila o conceito de tempo percebido pela sociedade em que se está inserido, tornando-se parte indispensável de sua formação como sujeito (ELIAS *apud* SOUZA, 2010, p.11). O sujeito, portanto, amolda sua subjetividade de acordo com o tempo em que vive e da mesma forma o tempo é reconstruído pelos sujeitos que por ele passa.

Há disciplina por parte do sujeito, no que diz respeito ao tempo, em função de uma convenção no qual o sujeito constrói sua existência (SOUZA, 2010, p. 11). Tanto Koselleck (*apud* SOUZA, 2010, p. 9) como Norbert Elias (*apud* SOUZA, 2010, p.12) afirmam que o tempo não deve ser resumido à cronologia ou a algo natural e evidente. Há fatores históricos que determinam sua passagem. Apoiado nos estudos de Koselleck (*apud* SOUZA, 2010, p.11-12), pode-se afirmar que “em cada época existe um modo específico de relacionamento entre o passado e as ‘possibilidades que se lançam ao futuro’”. Dessa forma, a experiência e os marcos históricos alteram a forma como o sujeito lida com o tempo (SOUZA, 2010, p.13).

Os estudos sobre o tempo de Norbert Elias e Koselleck se complementam. Norbert Elias (*apud* SOUZA, 2010, p. 12) trata a ideia de tempo como uma construção histórica que “não somente compreende o entendimento dos símbolos numéricos presentes nos relógios e calendários, mas também a sua relação com eventos naturais e sociais inerentes a determinados espaços e sociedades.” Logo, a linguagem é o que possibilita o sujeito interagir com o tempo. Um exemplo é que “mesmo as marcas presentes em um relógio, números e o significado das horas, são linguagens compreendidas por membros de uma mesma comunidade” (ELIAS *apud* SOUZA, 2010, p. 12). Koselleck (2006, p. 11) completa que “a linguagem se modifica ao se submeter a um conjunto de processos simultâneos como os de democratização, temporalização e ideologização.”

d e s a c e l e r e

A métrica do tempo é uma exigência político-social que permite convencionar ações.

Com os aparatos de medição, como o relógio, é possível separar o tempo em partes iguais e idênticas. O tempo passa a ser uma sucessão de pedaços iguais que unidos tem-se um período. Com isso o sujeito liberta-se do Sol e tem tempos disciplinados, ordenados, o que favorecerá o tempo fabril. A vida cotidiana passa a ser ordenada por sucessões de ações pré-estabelecidas no dia anterior: acorda-se, prepara-se ao trabalho, trabalha, retorna-se a casa, descansa, acorda-se e, assim, sucessivamente. O relógio mecânico, portanto, mudou o tempo biológico e proporcionou a subversão do mesmo.

Como consequência dessa subversão do tempo, a solidão passa a ser acompanhada e compartilhada pelas redes virtuais alimentando sujeitos ansiosos pela próxima notícia. Uma vez que a informação que o sujeito recebe é fragmentada, sua personalidade passa a ser construída da mesma forma, nos mesmos parâmetros.

Uma sociedade pós-industrial, não serve apenas para produzir bens materiais, mas também imateriais, como informações, serviços, estética. O tempo passa a ser usado para construir coisas, ser útil para o fazer, projetar, gerando mudanças político-sociais que "devem ser lidas como índices de mudanças conceituais, visto que existiria uma relação direta entre elas" (FERES JUNIOR *apud* SOUZA, 2010, p. 14). Sendo assim, tais mudanças, nos lançam às novas experiências no tempo.

O tempo se multiplica ao deslocar-se do espaço. O mesmo acontece com o espaço que se multiplica ao deslocar-se. Tempo e espaço ao se fundirem também se multiplicam, ou seja, cria-se outro espaço-tempo que não o do relógio ou dos pontos cardeais, mas, tempo e espaço que tem o intangível como substrato. No contemporâneo, espaço e tempo se deslocam se fundem e se multiplicam em um movimento diastólico e, neste espaço-tempo contemporâneo expandido, que não é nem o tempo

cronológico nem o espaço territorial, tudo que possa dar massa ao sistema começa a importar.

O tempo deslocado do relógio altera o peso das coisas, fazendo com que o registro de uma grande guerra ou o café da manhã de uma personalidade tenham o mesmo valor. O instante é re-medido e potencializado. A quantidade de tempo é mensurada pela sucessão de acontecimentos, com isso o sujeito tem a sensação de ser engolido pelos segundos, que nunca são suficientes. Ações individuais impactam o todo, sendo o oposto também verdadeiro.

Se antes o espaço não era igualmente calibrado aos envolvidos, ao deslocar-se o tempo do espaço, o tempo também não tem igualmente o mesmo valor para todas as camadas sociais, o que para Masi (2017, p. 274) está diretamente ligado à fruição do tempo livre modelada pelos modos de organização do tempo de trabalho.

Alain Corbin (*apud* MASI, 2017) nomeia o tempo livre como tempo-mercadoria, pois mesmo ausente de trabalho é de alguma forma preenchido por algum hábito de consumo.

Escreveu Alain Corbin: "No alvorecer do século XIX, o tempo do camponês, o do artesão e o do operário eram descontínuos, repletos de imprevistos, casuais, sujeitos a interrupções fortuitas ou recreativas. Esse tempo relativamente lento, flexível, maleável, ocupado por atividades frequentemente indeterminadas, foi aos poucos substituído pelo tempo calculado, previsto, ordenado, apressado pela eficiência e produtividade; tempo linear, rigorosamente medido, que pode ser perdido, desperdiçado, recuperado, ganho. Foi o que despertou a reivindicação de um tempo para si, que tem seu símbolo em ficar na cama até mais tarde ou pescar de anzol. Mas o desejo desse tempo vazio, insidiosamente ameaçado pelo tédio, paradoxalmente produziu outro tempo de trégua e distração, por sua vez previsto, organizado, preenchido, agitado, fundado em novos valores: tempo-mercadoria dos primeiros clubes de férias, que se diferencia do tempo inicial da modernidade somente pela ausência de trabalho" (CORBIN *apud* MASI, 2017, p. 274-275).

d e s a c e l e r e

[A velocidade era menor, o espaço de passagem era menor, o homem era menor, a idade era menor, mas o peso era maior].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília - São Paulo.

15 de novembro de 2015.

pelo avesso
brush sob illustrator

Algumas visões alertam sobre os riscos do tempo contemporâneo: Ulrich Beck (1944-2015), por exemplo, defende que no contemporâneo se vive em uma sociedade de risco, onde o sujeito é esmagado por possibilidades ameaçadoras. Quanto ao sujeito, Slavoj Žižek (1949) alerta que a subjetividade no contemporâneo é caracterizada por identificações múltiplas e cambiantes. Maffesoli (1944) caracteriza o período como politeísta e pagão, eclético e pluralista comandada por uma identidade frágil que está sempre em movimento. Bauman (1925) fala de uma competição generalizada entre empregados descartáveis, consumidores e consumidos.

Nota-se que não há como pensar o contemporâneo sem se pôr em uma situação de ruptura. Colocar-se em ruptura implica em rever contratos prepostos no contemporâneo. A todo o momento o sujeito é colocado em revisão. Os contratos contemporâneos são frágeis e alterados continuamente, o que causa inquietação para locatários e locadores do tempo contemporâneo, exigindo uma identidade que se amolde às situações cotidianas, e que o valide como consumidor apto a ser consumido, somente assim será um bom competidor e se submeterá a ser parte do motor contemporâneo. Para isso é necessário estar sempre em movimento, romper-se, ser flexível às mudanças, disponível em alterar o cotidiano sempre que uma nova tecnologia se apresenta.

A ruptura é apenas um fio que se puxa desta corda que se nomeia contemporânea, como em um movimento de esgarçar, a ponto de saber até onde se pode chegar.

A tendência na ciência é dissecar o fenômeno e a teoria em partes, a fim de tirar o máximo do que pode ser visto e entendido, porém, ainda que seja necessário colocar o tempo em uma caixa para observá-lo. Agambem (2009, p. 59) critica o subestimar do contemporâneo como um dado temporal, pois para ele o contemporâneo está mais para um estado de espírito, mesmo que o contemporâneo tenha uma estreita e singular relação com o próprio tempo.

Tal relação não se faz com um olhar fixo, mas com certa distância para poder sobre ela se verter. É uma dissociação anacrônica que entrevê sua íntima obscuridade que só pode ser percebida ao tornar neutras as luzes que são excessivas e que impedem de ver, como a da televisão; "entender o silêncio, quando a música está exageradamente alta; as relações sociais, enquanto todos se evitam por pressa; a arte, enfim, quando o que há de produção artística é um sem-fim de lugares comum" (AGAMBEM, 2009, p. 64).

Os excessos no tempo contemporâneo geram um paradoxo de potência e impotência. Ao mesmo tempo em que disponibilizam dados, impotencializam o sujeito, uma vez que dão a falsa pretensão de se apresentar como conhecimento. A luz intensa e as imagens acumuladas são algumas das muitas consequências da multiplicação do tempo e do espaço no contemporâneo. Ao passo que se deslocam e se emancipam, multiplicam-se, iniciando uma temporada de tentativas insaciáveis de otimização dos corpos, dos comportamentos, dos espaços e do próprio tempo.

O contemporâneo não é tanto um movimento de retorno ao passado, conservador e reacionário, mas "um processo de análise, de ana-mnese (ana-:ação ou movimento contrário) para poder refletir, para poder lembrar" (COELHO, 2011, p 98). A visão sobre o tempo contemporâneo só pode ser

realizada, se houver um retorno às condições perdidas na história - mesmo assim, esse olhar por sua vez se daria sob a ótica escura do presente.

Para Giorgio Agambem (2009, p. 21-22), desse modo, é garantido que não haja saudosismo que impeça de se mirar o futuro sem esperanças outras que não a própria capacidade de repensar o presente, ou seja, é garantido que o passado não interfira na construção do futuro, sendo a atenção do sujeito contemporâneo toda voltada ao presente. Portanto, há uma dificuldade, uma vez que o futuro é próprio do humano, servindo de combustível para suas ações.

Viver é um ato de fé, alimenta o hoje na esperança de que o tempo presente se multiplique. Sem essa capacidade o humano se torna incapaz de projetar e planejar o presente. Desse modo, o sujeito deixa marcas no mundo na tentativa de reforçar sua existência no presente e no futuro.

[Quem espera nunca alcança. Assim disse o muro].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

alcandorado
brush sob illustrator

O contemporâneo sofre de excesso de presente e muito embora isso ocorra, o agora por si só não é suficiente, necessitando de doses homeopáticas de passado e de futuro. Passado e futuro, quando pautados, servem de reforço às ações que devem ser tomadas no presente. Perceber a relação entre o tempo presente e o passado (estabelecido como origem) não se faz de forma nostálgica no contemporâneo, mas serve de energia pulsante para o tempo presente. Pode-se afirmar que, a cada mudança no presente, as relações não só de futuro, mas também de passado se alteram, (SOUZA, 2010, p. 14) citando Valery (s.d., p. 1135) "entramos no futuro de ré".

O futuro parece tentar caber no presente, em falas como: "o futuro é agora", "o futuro chegou", "quem quer faz, não espera", "passado e futuro não existem, o que existe é o presente", dentre vários outros exemplos que demonstram a pressa do presente em caminhar a passos largos, como se fosse ele mesmo o futuro. O ponto de atenção está em servir o presente mesmo de previsão de futuro e de autorrealização, tendo o sujeito um futuro espelho de um presente ou um passado recontado pelas sensações do hoje. O futuro quando não cabe no presente se reserva à esfera do sagrado.

[O passado não é presente mas insiste em ser futuro].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

temporal
brush sob ilustrator

O extrapolar do tempo é reflexo de um sujeito que não cabe em si. Como consequência há uma insatisfação e até mesmo a fuga da velhice. O futuro compactado no presente não permite as linhas de velhice nos corpos, lembrando uma carga do passado. O passado mais aceito é o recontado, traduzido.

Modelos de negócios velozes e vorazes, pautados no *fast*, refletem o encurtamento do tempo contemporâneo: *fast fashion*, *fast food*, *fast city*. Para que haja tanta velocidade é preciso que percepções de privacidade sejam alteradas. Não é possível alta velocidade com portas fechadas pelo caminho, seria muito difícil atender tão rapidamente às expectativas do mercado.

A literatura, que por anterioridade segue um modelo mais lento de consumo, nos dias contemporâneos é devorada, como um lanche rápido a base de carne. Não se há tempo para degustar. O próprio livro deixa de ser suporte ao intangível e passa ele mesmo ser objeto. Objeto esse que tende a ter maior sucesso mercadológico se puder ser traduzido a outras mídias, dando origens a seriados ou filmes, sendo o oposto também verdadeiro, filmes e seriados que posteriormente são apresentados como livros. Caso não seja possível a tradução, tende a ser menos consumido ou consumido de forma mais lenta.

Espaço e tempo para desaceleração não são dados na contemporaneidade. O excesso de informações não acompanha o limite de 24 horas preestabelecido. Para Souza (2010, p. 16) "pouco importa que essa aceleração seja uma realidade ou uma ilusão, que se passem, realmente ou não(...), pois é a

percepção do tempo que conta.” A possibilidade de que algo toque o sujeito, através do silêncio, está atrelada a uma interrupção e a um gesto distante nos tempos que se apresentam.

Ao deslocar-se o espaço do tempo é possível um contraponto a tanta velocidade. Em oposição e morando no mesmo espaço-tempo contemporâneo, se têm modelos de negócios *slow: slow fashion, slow food, slow cities* (o espaço-tempo influencia, também, o espaço físico). Para que alguns possam consumir ferozmente; outros precisam consumir da forma dita consciente, assim há equilíbrio no sistema.

d e s a c e l e r e

[O tempo passava, mas o espaço dizia que não].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

enredo

brush sob ilustrator

No contemporâneo, o conhecimento também é alterado em relação aos tempos anteriores, deixando de ser um saber monomaniaco para ser fragmentado, em mosaico (COELHO, 2011,p. 11). Nos ambientes de conhecimento, o futuro também é resgatado para o presente, a fim de minimizar o risco e aumentar as possibilidades (GIDDENS, 2002, p. 24). Possibilidades que, uma vez aumentadas, proporcionam a dúvida que se instaura na sociedade contemporânea, fazendo com que o conhecimento tome a forma de hipótese. Isto porque as certezas estão sempre abertas à revisão. O acúmulo de conhecimento representa a autoridade, mas não o exime de questionamentos internos e implicações divergentes.

O acúmulo de conhecimento serve de moeda de troca: aquele que detém mais conhecimento pode trocá-lo por mais distinção e poder social. Nas sociedades anteriores, quem detinha a terra ou o ouro, ou qualquer outro bem tangível, era digno de distinção. Na sociedade contemporânea, o escambo é pelo intangível. Empresas de alta tecnologia detêm bens que não ficam presos a prédios. Novas autoridades surgem, reformatando o modo de vida do sujeito contemporâneo, distinguindo quem tem maior poder de velocidade, de flexibilidade, quem está apto a validar e a seguir. O acúmulo e o exagero são palavras recorrentes ao contemporâneo.

Augé (1994, p. 32) ratifica ao dizer que a base para o contemporâneo (o autor nomeia de sobremodernidade) é o

excesso. Tal excesso para Augé só é possível graças à informação, às imagens e ao individualismo, sendo os três fatores exacerbados. Com o excesso de informação vem a sensação de aceleração histórica. As informações que partem e retornam de diferentes partes do mundo, instantaneamente, traz o sentimento de que se vive todas as histórias, sendo um desafio aos historiadores pois, “pela sua abundância de significados, pode justamente, no limite, ameaçar todo e qualquer significado” (REIS, 2003, p. 138).

Em um mundo onde as informações são frenéticas, abundantes e reconfiguradas a todo instante, se faz necessário um veículo tão veloz quanto para disseminá-la: a imagem, tornando-se segundo Augé (1994, p. 37) um desafio aos sujeitos contemporâneos no sentido de reaprender e reconfigurar o espaço segundo as regras das imagens que são múltiplas e das informações que são excessivas. Para Augé a supremacia do tempo sobre o espaço pode ser visto pelo ciberespaço uma vez que se está “na idade do imediatismo e do instantâneo. A comunicação se produz na velocidade da luz. Assim, pois, nosso domínio do tempo reduz nosso espaço” (AUGÉ, 2006, p. 105).

A consequência do ciberespaço é o excesso de individualismo, que surge com o contato mais intenso dos sujeitos com os meios de informação, tornando-os solitários interativos na medida em que convidam esse mesmo sujeito a uma navegação “solitária e na qual toda a telecomunicação abstrai a relação com o outro, substituindo com o som ou a imagem o corpo a corpo e o cara a cara” (AUGÉ, 2006, p. 106).

d e s a c e l e r e

No contemporâneo, a dinâmica é de distinção: o que para Giddens (2002), fica evidente nas instituições modernas que se diferenciam das que a antecedem pelo seu dinamismo e pela forma que interferem nos hábitos e nos costumes tradicionais, alterando a vida pessoal, no sentido individual e, ao mesmo tempo, impactando globalmente.

d e s a c e l e r e

[Chovia, mas ele preferia a margem ao centro].

Imagem captada pela pesquisadora na estação Pinheiros - São Paulo.

17 de novembro de 2015.

o marginal
brush sob ilustrator

As influências globalizantes e as disposições pessoais se interconectam na modernidade, mas o individual não é passivo, ele influencia e promove ações globais (GIDDENS, 2002, p. 10-11). Aliás, globalização é palavra de ordem no contemporâneo. Borriaud (2011, p. 9) define globalização como "súbita irrupção na esfera contemporânea de sujeitos originários de países anteriormente qualificados como periféricos, a etapa do capitalismo integral".

Ao mesmo tempo em que existe a tendência à homogeneização global, existe o lado da defesa pela diferença, da mercantilização da etnia e da alteridade. Hall (2006, p. 77-90) mostra que enquanto o sujeito sofre o impacto do global, o local começa a figurar como um interesse que cresce a cada dia. O periférico ganha atenção, visto que serve de reserva de energia. Ao ser bulido, tende à proteção, formando um cenário de cabo de guerra entre defesa e hegemonia.

Pela visão de Borriaud (2011,p. 38) a consequência da globalização é um banco de culturas mundiais, que armazena signos vivos em uma reserva natural de tradições, de forma a estarem disponíveis para qualquer empreendimento de mercantilização - o que é possível graças a uma promessa de pseudoautenticidade. No contemporâneo globalizado, explora-se as idiossincrasias regionais com um apelo global, celebra-se a cultura local e os dialetos que se movimentam. A construção de objetos tem foco nos símbolos, costumes e conquistas de comunidades periféricas.

Se antes era preciso uma reserva de mão-de-obra com um espaço físico bem definido pelos subúrbios urbanos, hoje é necessário também um repositório simbólico, abastecido pela captura daqueles que não possuem velocidade suficiente para se beneficiar do capital. O repositório simbólico periférico é acionado ao vencer a validade de uma estética dominante.

Algumas vezes, esse acionar vem travestido de inclusão social, outras vem como forma de estender o consumo para sujeitos desprivilegiados financeiramente, sem ter que produzir algo próprio que os atenda: uma falsa horizontalização, que acaba por expandir o mercado de consumo.

d e s a c e l e r e

[Brinquedos periféricos ganharam preferência].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

à beira
brush sob illustrator

d e s a c e l e r e

O que não se pode negar é que a globalização trouxe uma maior interconexão entre diferentes áreas do planeta, porém, a batuta fica a cargo não só da troca, mas também da imposição cultural. A velocidade é compartilhada pelas redes, alterando a percepção do tempo e do espaço dos que têm contato com ela. Grupos, que não possuem a mesma aceleração, são atropelados por aqueles que têm o poder de direção. Tempo e espaço não são dados igualmente a todos os sujeitos.

d e s a c e l e r e

[O vento empurrava a árvore que não se movia.
A chuva empurrava o rapaz que não se movia.
E olhavam um para o outro como se fossem um...
porém, entre eles a pilastra austera lembrava que não].

Imagem captada pela pesquisadora na estação Pinheiros - São Paulo

17 de novembro de 2015.

impraticável
brush sob illustrator

d e s a c e l e r e

Giddens (2002) destaca que a globalização faz o período contemporâneo ser aquele que apresenta maiores transformações em toda a história, alterando drasticamente até as relações mais íntimas. As relações que eram regidas pelo tempo tornam-se efêmeras e delicadamente superficiais. Ações que antes eram próprias do privado ou própria do público extrapolam as paredes.

Pode-se no contemporâneo, estar em dois lugares ao mesmo tempo, desde que o corpo seja otimizado para tal, portanto, se faz necessário um corpo analógico e outro digital. O tempo se quebra e se funde, exigindo maior agilidade daquele que deseja fazer parte dele. Seres híbridos são necessários para a funcionalidade de um espaço-tempo expandido.

d e s a c e l e r e

[Ela esperava porque sabia que ele chegaria].

Imagem captada pela pesquisadora na estação de metrô

Consolação - São Paulo.

16 de novembro de 2015.

[Ele esperava porque sabia que ela chegaria].

Imagem captada pela pesquisadora na estação Pinheiros - São Paulo.

17 de novembro de 2015.

pausa
brush sob ilustrator

Na modernidade, era preciso que ocorresse uma homogeneização da cultura, vista como agente unificador da identidade nacional dos sujeitos. A sugestão era de um pensamento cultural que deveria ser único e para todos. Já na modernidade tardia acontece, dentro de um mesmo Estado-nação, um grande processo de hibridismo cultural, no qual as variadas culturas que migram para diferentes regiões ou países se entrelaçam (HALL, 2006, p. 47-60), o que faz com que múltiplas origens e influências tomem o lugar de culturas singulares, ao costurar raízes culturais.

No Brasil o hibridismo é uma constante, pois o país foi formado e formatado pela mistura. Quanto mais forte é a miscigenação mais forte tende a ser, uma vez que é um berço simbólico a ser explorado. A dificuldade internamente fica em se observar tais possibilidades, ao invés de tentar homogeneizar as diferenças, o que se resolvido poderia abastecer simbolicamente uma rede global.

A rede global conecta uma nova geração de artistas, *designers* e pensadores, acelerando a evolução cultural. A *internet* e os modelos econômicos atuais abrem novas relações de amizade e um novo entendimento cultural, criando canais que torna possível redesenhar a história global e incluir múltiplas perspectivas através de uma estética que mistura marcas, estilos, valores e ícones que encarnam suas origens culturais.

Katia Canton (2009, p. 9) ao pensar sobre as narrativas

enviesadas, diz que a arte por si só faz esta aproximação, "misturando cada vez mais questões artísticas, estéticas e conceituais aos meandros do cotidiano, em todas as instâncias: o corpo, a política, a ecologia, a ética, as imagens geradas na mídia, etc." "A pintura não morreu, tampouco a escultura. Juntaram-se a elas instalações, objetos, textos, internet e outros meios." (Canton, 2009, p. 34)

A herança futura poderá ser de sujeitos hiper-híbridos, resultados de uma coletânea de influências hegemônicas.

No contemporâneo, segundo Duarte (2005, p. 95), os valores e interesses tomam proporções econômicas, para em segunda instância tomar dimensões éticas. O que Novaes (2005, p. 9) nomeia de mundo da mercadoria onde o espetáculo "torna-se sinônimo de cultura, o centro de significação de uma sociedade sem significação" e Debord (1997, p. 14) chamou de sociedade do espetáculo, sendo o espetáculo "uma relação social entre pessoas, mediada por imagens." Por sua mediação o espetáculo se torna mais presente na medida em que se torna invisível, fazendo da sociedade do espetáculo uma sociedade do monólogo.

A descentralização está não apenas no tempo, mas também no espaço, uma vez que a circulação não é apenas de bens e serviços, mas de sujeitos, isto porque há uma perda de sentido do nomadismo profissional e uma constituição de entidades políticas transnacionais. Para Borriaud (2011, p. 16-19), a evidência está na "intensificação dos fluxos migratórios e financeiros, a banalização da emigração, o adensamento das redes de transporte e a eclosão do turismo de massa, recuos identitários, étnicos ou nacionais".

Tudo em excesso é banalizado e não é diferente com a intensificação dos fluxos migratórios, uma vez aumentada faz parecer menos importante. O mesmo acontece com o turismo de massa que se extrapola para safaris urbanos, demonstrando um interesse cada vez maior por condições socialmente periféricas.

Nas artes o deslocamento do espaço se dá em partes e em direção oposta ao do cinema de massa. Enquanto as artes produzem notícias ao mundo (BORRIAUD, 2011, p. 29), o cinema de massa se dirige para a imagem em detrimento do plano, o que para Borriaud (2011, p. 29) é fugir do simbólico para encontrar o real por meio da forma documental, servindo de ferramenta de pacificação. A arte vai à direção do embate, na contramão, evidenciando o mundano.

A realidade no contemporâneo não se faz mais de uma narrativa única e linear. Nada é como parece: passado e presente, real e falso se unem para criar uma nova paisagem visual. No documentar esta realidade, formas e símbolos surgem como linguagem para contar a história de agora.

Uma linguagem que precisa como qualquer outra de pausas para ser entendida e fazer sentido. No contemporâneo, o registro é em sua maioria traduzido por imagens. A linguagem é simples para ser massificada, ora dita universal é sempre hegemônica e excludente de alguma forma, vide os aplicativos para leitura em trânsito (Qr code). Caso o sujeito não tenha o porte de algum aparelho de tradução, é impedido de decodificar o que se está escrito.

Teoricamente, na contramão do mercado, mas na prática dependente de sua moeda, as artes ficam submissas ao paternalismo da avaliação estética. Borriaud (2011, p. 25) sinaliza que há certa complacência cortês com artistas não-ocidentais, que são tratados com a polidez necessária a convidados e não como atores de fato da cena cultural. Tal cenário, ocorre na busca por uma cultura verdadeiramente mundial e paradoxalmente pautada nas singularidades e diferenças em contraponto a uma globalização capitalista (BORRIAUD, 2011, p. 15).

O paternalismo polido evita o embate, isto porque o embate produz clareza. O velado é mais difícil de ser combatido. Em um tempo onde se evita embates, parecer adequado é mais cômodo que ser adequado, em tempos de aparência parecer, completa o ser e muitas vezes o substitui. O embate resultaria em possibilidades de liberdade. Para alguém que diariamente constrói seu cárcere, é menos provável que se perceba como cativo, alimentando relações paternas de poder.

Liberdade é um estado de relação com o outro. Difícil afirmar portanto que um sujeito é plenamente livre, uma vez que suas ações impactam e são impactadas para e pelo outro sujeito. Dizer que um sujeito é livre é o mesmo que afirmar que possui total governança sobre seu agir, o que nem sempre ocorre por depender de ações sociopolíticas e socioeconômicas.

Implica também em liberdade de querer, o que nem sempre é possível, pois alguns querereres, desejos, são coibidos para que seja amistosa a convivência do sujeito com o grupo o qual faz ou pretende fazer parte. Além da ação e do querer, a liberdade está intimamente ligada ao pensar, que por sua vez está relacionado ao tempo que se tem para construir e estabelecer relações de repertório apreendido.

Canton (2009, p. 11) alerta, em sua pesquisa sobre narrativas enviesadas, que "o que é considerado um ato ou pensamento de liberdade em determinado momento histórico pode não ser em outro."

Uma vez que nem todos têm condições de construção de repertório amplo e nem tempo para se pensar sobre as relações estabelecidas, pode-se afirmar que nem todos os sujeitos são livres, mas sim que se é livre em relação a algo específico. Dependendo da amplitude da liberdade, estabelecem-se relações de poder.

d e s a c e l e r e

As relações de poder são completamente desiguais entre o Ocidente e Oriente, não apenas nas artes, mas segundo Hall (2006, p. 77-90) , a disparidade é levada em todas as instâncias. O mesmo diz Borriaud (2011, p. 12) sobre as diferenças, que embora pareça que ocorreram avanços nas questões de minorias, o que acontece é uma substituição de legendas, "pois os vestígios de um não-dito homofóbico, racista, falocêntrico ou sexista ainda permanecem".

Em relações paternas de poder, a régua que é utilizada se altera dependendo do que será medido. A violência permanece e é dissimulada, o que dificulta a defesa.

[Um ponto branco e amarelo insistia em existir no asfalto cinza].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília - São Paulo.

15 de novembro de 2015.

supervivente
brush sob ilustrator

A partir das argumentações de Hall (2006, p. 77-90) e Borriaud (2011, p. 15), a globalização, desse modo, contesta e desloca/descentra as identidades antes estáveis e fechadas de uma cultura nacional, como sequela se tem as interpretações mais importantes do que os fatos, o evento em oposição à ordem monumental, o efêmero no lugar da eternidade, a fluidez em lugar da onipresença da reificação (BORRIAUD, 2011, p. 15). A notícia pesa mais do que o próprio fato, uma foto que documenta vale mais que o tempo vivido, o documentar valida a vida contemporânea.

As tentativas são constantes em captar o instante. Como resultado se tem mais traduções do tempo e do espaço do que tempo e espaço para revisitá-las. Cria-se um museu de novidades que não será visitado. Quando o tempo era preso ao espaço, a oportunidade de captura era maior com a multiplicação do espaço é preciso mais evidências do espaço físico a fim de abastecer o espaço-tempo.

O corpo biológico não alcança as regras postas por um tempo demasiadamente acelerado, sendo necessário outro corpo, otimizado, acordado e intensificado. Um corpo aparelhado a fim de estender as capacidades mentais. Para que este sujeito resista a essas regras, o próprio sistema produz cápsulas de desaceleração como sustentação. Caso contrário, o corpo biológico não resistiria ao espaço-tempo criado no contemporâneo.

[O homem que se recusou a correr].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

no nó
brush sob ilustrator

Hall (2006) aponta que com a globalização as sociedades tornam-se mais complexas e com isso passam a adquirir uma forma mais coletiva, fazendo com que o sujeito passe a ser mais social, aumentando a reciprocidade entre "interior e "exterior", ou seja, entre sujeito e sociedade. Porém, Borriaud (2011, p. 79) alerta que essa forma mais coletiva favorece a generalização do descartável, tornando a vida social mais frágil do que nunca e os laços que a compõem esfaceláveis.

A resposta são relacionamentos efêmeros, instantâneos, nos quais a compreensão de quem se é também é frívola. Não é por acaso que a depressão seja a doença do século, isto porque em um sistema no qual não se sabe quem é, além de não se ter uma noção clara de quem é o outro, juntada a falta de perspectivas contundentes de um futuro, o excesso de presente acaba em afogar o sujeito contemporâneo.

O que parece é que o sujeito contemporâneo assume uma forma mais coletiva e cordial, porém a fala muitas vezes é simulada e impulsionada pelo capital, por exemplo: o gerente de um negócio, em sua maioria, atende bem um cliente, não por afeição ou empatia ou por compactar dos mesmos ideais, mas para que esse mesmo cliente continue comprando e o gerente continue intermediando a venda.

O descartável não se apresenta só nas relações, mas é evidente nos usos dos objetos. E no próprio momento, a importância pode variar, dependendo do espaço ou do tempo que se encontra.

Quanto à política contemporânea globalizada, essa se apresenta como um padrão planetário, imutável e intocável. Ela rege o espaço e o tempo onde tudo muda, se reatualiza, se reformata; no qual o momentâneo sobrepuja o longo prazo e o direito ao acesso a propriedade; é o espaço onde a estabilidade das coisas, dos signos e dos estados se torna

exceção (BORRIAUD, 2011, p. 79). O descrédito na política é universal. Coelho (2011, p. 10) ressalta que "agora a política é apenas um modo privado ou grupal de ascensão social (em todo caso, de ascensão econômica) pelos caminhos legais ou ilegais."

Nesse cenário, ocorre intersecções entre presença e ausência de eventos, além de relações sociais distantes com contextualidades locais, fazendo com que a informação seja disseminada. Contudo, disseminação não é sinônimo de assimilação. A informação ao ser difundida não é necessariamente entendida em sua plenitude, causando certo conforto, mas também permanente dúvida. Coelho (2011, p. 10) complementa esse pensamento ao dizer que "as revisões estão na ordem do dia - na teoria econômica, na teoria política, na psicanálise, na religião." O que "não implica propor que alguma coisa nova substituiu de uma vez por todas aquilo que existiu antes" (COELHO, 2011, p. 15).

Em uma condição de paradoxo constante, a vida social se reorganiza quando se trata de tempo e espaço.

[A placa de lentidão me parece rápida].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

impaciência
brush sob ilustrator

No contemporâneo, o tempo não está mais preso ao espaço, da mesma forma o espaço não cabe mais na caixa de um tempo. Esse deslocamento, para Giddens (2002, p. 23), faz com que as relações aconteçam sem as particularidades do lugar físico, o que provoca um esvaziamento do espaço. O esvaziamento do tempo também acontece a partir do esgarçamento do presente na tentativa de caber o passado e o futuro, fazendo com que o sujeito fique preso a ele.

Uma liberdade seria possível se o sujeito percebesse que é cativo, o que é penoso de ser identificado pela velocidade do espaço-tempo, o mesmo sujeito que é cativo é também guardador e engenheiro do seu cativo.

O fato das relações se desprenderem dos lugares específicos, recombina-as através das distâncias de tempo e espaço, é chamado por Giddens (2002) de mecanismos de desencaixe. Os mecanismos de desencaixe e a reorganização do tempo e do espaço transformam a vida cotidiana dos sujeitos contemporâneos. Para Giddens (2002) são dois os mecanismos de desencaixe: as fichas simbólicas e os sistemas especializados.

Giddens (2002, p. 23) explica que "as fichas simbólicas são meios de troca que têm um valor padrão, sendo assim intercambiáveis numa pluralidade de contextos. O primeiro exemplo, e o mais importante é o dinheiro". Esse formato econômico que tem o dinheiro como símbolo de troca, "põe entre parênteses o tempo, (porque é um meio de crédito) e também o espaço, pois o valor padronizado permite transações entre uma infinidade de sujeitos que nunca se encontraram fisicamente". Enquanto "os sistemas especializados põem entre parênteses o tempo e o espaço, dispondo de modos de conhecimento técnico que têm validade independente dos praticantes e dos clientes que fazem uso deles".

No deslocamento do espaço e do tempo, proporcionado em sua maior parte pela globalização, o saldo que fica é do lado sul do mundo expandindo-se, demandando uma nova geopolítica, novos rearranjos estéticos (que não são apropriações), outros formatos historiográficos que só cabem neste tempo, uma lógica do abandono do específico, dos estilos particulares e das *expertises*.

Na estética o olhar fica vertical, desligando os sujeitos da janela renascentista. Há dificuldade em se mapear a distância entre espaços e sujeitos, favorecendo uma desierarquização e uma descolagem dos pertencimentos.

[O jardim é vertical porque a cidade é vertical.
Assim, o jardim perturba menos com seu barulho].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.
15 de novembro de 2015.

em pé
brush sob illustrator

Nas artes, tais sintomas do contemporâneo são latentes. Gerhard Richter visita as obras de Beuys e Warhol, pintando figuras desfocadas a partir de fotografias. O resultando são imagens borradas, refletindo “sobre o périplo sem fim da imagem na sociedade contemporânea – fotografada, pintada, impressa, refotografada” (WISNIK, 2013, 253), contestando a literalidade *pop*. Michael Wesely também questiona a literalidade e a nitidez ao desenvolver fotografias de longa exposição a partir da década de 1990 (WISNIK, 2013, 253).

A ironia torna-se praxe nas artes, a derrisão e a desconstrução, como formas de desmontagem, desestruturação e desfiguração da forma (COELHO, 2011, p. 9). “Os tempos agora são daqueles artistas que não tem fé na pintura mas mesmo assim continuam pintando” (COELHO, 2011, p. 9-10). Coelho chega a afirmar que os artistas contemporâneos, diferentes dos Impressionistas, Suprematistas, Renascentistas e Barrocos, produzem a arte sem a crença em seu poder transformador absoluto, com um sentimento de impossibilidade e desnecessidade de abandonar a prática das artes (COELHO, 2011, p. 10). Como exemplo, Coelho aponta artistas como Jeff Koons e Damien Hirst, o primeiro trabalhando a arte como mercadoria, *commodity* “sem remorsos e sem desculpas, e o segundo fazendo o mesmo enquanto alega estar assim corroendo por dentro o sistema que Koons preserva e defende convictamente” (COELHO, 2011, p. 10).

A arte ao se descolar da religião, ganha autonomia e se interessa por seu próprio projeto de ser arte (COELHO, 2011, p. 37), porém não abandona estéticas anteriores, pelo contrário, as revisita para comentá-las, “sem rompê-la de todo e sem gerar formas e conceitos radicalmente novos” (COELHO, 2011, p. 10).

Como consequência se tem uma arte afastada do povo, (assim como, a filosofia e a ciência), passando a "circular apenas no circuito dos iniciados, os próprios artistas, os críticos, os pensadores, os explicadores" (COELHO, p. 2011, p. 38).

Quanto ao artista, muito embora fique mais exposto ao público, não o faz para que o povo opine sobre ele, mas para convencer a todos da justeza de suas escolhas artísticas (COELHO, 2011, p. 38). A base do trabalho dos artistas, não em sua totalidade, mas em sua maioria, é a sua subjetividade. Se antes o artista se apoiava em um coletivo ou em princípios de coletividade para calcar seu trabalho, no contemporâneo os balizadores da ação do artista são buscados dentro dos recursos e singularidades de seu eu criador (COELHO, 2011, p. 58).

Para o artista contemporâneo, "a única norma é que não há normas" (COELHO, 2011, p. 64). Se antes o aqui e o agora o motivava e o amparava, no contemporâneo o seu trabalho essas forças sociais podem recebê-lo ou repeli-lo (COELHO, 2011, p. 59). O artista atual vê o cotidiano, porém precisa de uma licença temporal para registrá-lo. Coelho evidencia que embora sujeitos ditos comuns sejam mencionados nas artes, torna-se muito difícil para esse ser o documentador de seu cotidiano, uma vez que precisa diariamente recorrer a recursos para sua sobrevivência (COELHO, 2011, p. 60).

Disse-se também que o herói da modernidade é (ou foi) o homem comum. A leitura de *Le Sleen de Paris*, de Baudelaire, confirmaria isso. Os "heróis" de seus curtos poemas em prosa são todos "homens comuns": a velha senhora da rua, o rapaz de olhos baixos que precisa reunir toda sua coragem para entrar num bar, o vidraceiro, as multidões, as viúvas, o saltimbanco, o pobre, etc. Mas é obvio que o herói, o herói real, o grande herói, é o dono desses olhos que se debruçam sobre o vidraceiro e a velha senhora: o escritor, o poeta, o artista da modernidade. O próprio título do livro já aponta isso: o *sleen* é uma espécie de prostração nervosa que ataca o tipo *blasé* habitante da metrópole. Só que não é qualquer um que se pode dar ao luxo de ser *blasé*. Não o será um vidraceiro ou

um saltimbanco ou a velha senhora, nem o velho cão - mas, sim, o intelectual, o artista, ele mesmo, o poeta (COELHO, 2011, p. 60).

Paul Klee ensina com seu trabalho que tão importante quanto refletir o visível é tornar visível, tornando dicotomicamente, o ato da percepção e da figuração um substituto da realidade (COELHO, 2011, p. 64).

Quem faz isso bem é a televisão, o vídeo e o cinema ao tornar as imagens visuais uma forma de espetáculo em si com pouca ou nenhuma referência ao material e ao tangível (BAVCAR, 2005, p. 151), confundindo o espectador com o visual e visível, invisível e ausência de visão, fabricando assim escravos das imagens "como se estas formassem uma cadeia inquebrável, em que nenhum elo fosse diferente dos outros," (BAVCAR, 2005, p. 151) apresentando a "imagem como realidade autossuficiente cujo único sentido seria a consumação direta do visível" (BAVCAR, 2005, p. 152).

d e s a c e l e r e

A noção de experiência muda no contemporâneo com a dificuldade da tangibilidade e da instabilidade. O sujeito contemporâneo fica no limite da previsibilidade.

O território é ocupado pela capacidade de se tornar visível e na disputa pela visibilidade o resultado fica no excesso que paradoxalmente torna os sujeitos invisíveis.

Quanto mais objetos e imagens se colocam em um espaço, mais imperceptível fica a unidade. O espaço-tempo criado

pelo deslocamento do tempo e do espaço subsiste do máximo ao contrário do mínimo. Se usa do excesso para subsistir, inutilizando o sujeito quanto à sua particularidade, cabendo somente unidades que fortaleçam o todo e não que o fragilize. As contestações e embates servem para movimentar, porém, só são aceitos se estiverem na pauta contemporânea.

d e s a c e l e r e

[Sua existência era propositadamente imperceptível].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

derroca
brush sob ilustrator

2º Nó
O SUJEITO

“Pedimos, por favor, não achem natural
o que muito se repete!”

BRECHET. Bertold. *Da peça teatral: A exceção e a regra*. 1929-1930

2º Nó: o sujeito contemporâneo

A globalização fabrica sujeitos globalizantes e contrariamente em busca constante pelas raízes. As coisas e seus usos conectam o sujeito contemporâneo mais que as relações de parentesco, identidade ou território.

Maricato (2015, p. 69), em seus estudos sobre a cidade, percebe que da mesma maneira que modelos de pensamento como o taylorismo e o fordismo modificaram o sujeito de sua época, a globalização faz o mesmo com os sujeitos atuais, alterando sua percepção de Estado, mercado, trabalho, estética dos objetos, hábitos, valores, cultura, subjetividade individual e social, ocupação e delimitação de territórios, produção de ambiente construído e relação com a natureza; de forma que para o grupo que não é dominante ou aliado ao poder, a globalização torna-se um *tsunami* que varre o que encontra pela frente (MARICATO, 2015, p. 72).

Com a globalização, o sujeito utiliza a comunicação em rede como extensão de suas potencialidades de comunicação. Nicholas Carr (*apud* ALCIDEZ, 2013) se ocupa em estudar as influências da comunicação em rede no cérebro humano e suas conclusões apontam uma tendência contemporânea à superficialidade, uma vez que cobre vastas extensões, mas dificulta o poder de concentração e reflexão em profundidade (CARR *apud* ALCIDEZ, 2013, p. 271).

Carr (*apud* ALCIDEZ, 2013, p. 271) identificou que a comunicação em rede não alterou apenas o comportamento do sujeito contemporâneo, mas também seu cérebro em sua constituição neurológica. É de senso comum, porém, cada vez mais comprovada pela ciência que a plasticidade do cérebro se altera constantemente de acordo com as experiências e práticas que absorve ou é levado a empreender. No sentido

neurobiológico, o sujeito se amolda às tecnologias dominantes, prolongando-o e limitando-o simultaneamente.

Ainda sobre as alterações do cérebro, Carr evidencia que quanto mais o sujeito faz uso das comunicações em rede, maior será seu nível de distração, processando informações de maneira rápida, eficiente, porém sem atenção prolongada. “Nosso cérebro se torna um adepto do esquecimento, inepto para relembrar” (CARR, 2010, p. 30-31).

No contemporâneo, facilitadores como sites de buscas (Google), além de proporcionar conforto e facilidade na busca por informações, desestimulam o envolvimento profundo e prolongado com um argumento, uma ideia ou uma narrativa, ao promover de forma eficiente e abundante suas informações (CARR, 2010, p. 30-31).

Carr (2010) não foi o único a recomendar cuidado com o uso das comunicações em rede, McLuhan (1995, p. 348-349) já advertiu sobre a sincronização instantânea de operações numerosas como causa do fim do padrão mecânico do arranjo das operações em sequência linear. “Com o advento da tecnologia elétrica, o homem prolongou ou projetou para fora de si mesmo um modelo vivo do próprio sistema nervoso central,” (MCLUHAN, 1995, p. 61) “um organismo que agora usa o cérebro fora do crânio e os nervos fora de seu abrigo” (MCLUHAN, 1995, p. 61).

O sujeito contemporâneo conta com a memória artificial para suportar a quantidade de informações globalizadas a que está exposto. E, em contra partida, quanto mais uso o sujeito faz das comunicações em rede para ter acesso às informações, mais difícil se torna reter essas informações na memória biológica, fazendo com que o sujeito dependa dessa memória externa abrangente e facilmente buscável, transformando-o em um pensador raso, explica Carr (2010).

No futuro, Alcidez (2013, p. 275) e Lima (2000, p. 71-161), preveem uma consciência livre do processo individual, passando a ser ela própria um compartilhamento. Com isso, dissolve-se a ideia de um sujeito autocentrado, idealmente estável, sempre idêntico a si próprio, proprietário de suas representações e supostamente responsável por seus atos.

Ao pensar sobre o sujeito contemporâneo Giorgio Agambem (2009, p. 59) esclarece que são aqueles inquietos quanto ao seu tempo, que não coincidem muito plenamente com a época que vivem, uma vez que para o autor a contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e ao mesmo tempo, dele toma distâncias, uma relação, portanto, de dissociação e anacronismo.

Olgária Matos (2013, p. 131) cita que a relação do homem com o tempo se dá antes do enclausuramento dos dias em calendários. Os gregos tomavam o tempo como uma dádiva dos deuses, o tempo *kairós*, o instante feliz; tempo esse de difícil reconhecimento e apreensão no contemporâneo, pela multiplicidade dos momentos que se sucedem. O tempo qualitativo, segundo Olgária Matos, se perdeu mediante as pressões da aceleração de um tempo homogêneo com tendências conformistas (MATOS, 2013, p. 131).

O *just in time* e o *timing*, termos recorrentes em estudos de gestão de processos fabris, degradaram o *kairós*, constrangendo o tempo pelo planejamento, "pelo cálculo, pela força ou pelo terror" (MATOS, 2013, p. 131), em oposição da "espera descansada do bom momento" (MATOS, 2013, p. 131), colocando o tempo sempre em uma posição de algo a ser superado, "seja como aparência, seja como desordem, seja como concepção insuficiente da realidade no se ser" (LEOPOLDO E SILVA, 2013, p. 63).

A construção da subjetividade do sujeito está intimamente ligada a temporalização, pois a experiência do

tempo vivido significa que cada sujeito é a história de si mesmo, "a vivência íntima do processo de existir" (LEOPOLDO E SILVA, 2013, p. 71), indicando também o Eu superficial e o Eu social, definido, respectivamente, por Leopoldo e Silva (2013, p. 71) a expressão exterior da subjetividade e as relações intersubjetivas guiadas pela necessidade prática.

a representação pragmática do tempo resulta na exteriorização espacial e na extensão como medida privilegiada da nossa relação com o mundo, quer se trate do senso comum ou da ciência. O motivo desta configuração representativa é a conveniência prática, logo torna a necessidade lógica, de determinar a realidade, articulando objetivamente seus elementos, para melhor discernir as possibilidades de ação (...) (LEOPOLDO E SILVA, 2013, p. 71).

Apoiado nos estudos de Leopoldo e Silva (2013, p. 72), pode-se afirmar que o sujeito necessita suportar uma realidade segmentada, com movimentos de justaposição sucessiva de momentos descontínuos organizados em série para construir suas experiências temporais únicas.

Olgária Matos (2013, p. 103) define experiência como "vestígios de tempos heterogêneos que permanecem na memória inconsciente, onde se aloja a aura do tempo." Ainda pela voz da autora, Benjamin diagnostica o sujeito moderno com pobreza de experiência e experiência da pobreza, como sintoma de sobrecarga e saturação de experiências que levam o sujeito a procurar sempre vivências mais veementes ao invés de dispor de tempo, convertendo-as em experiências que construirão sua subjetividade de forma mais crítica, provocando o tédio no sempre novo e igual (MATOS, 2013, p. 103). Logo, a aceleração do tempo, proporciona uma comoção da tradição que não orienta mais um saber viver (MATOS, 2013, p. 103), o que para Moser (1999) é a esquiva do sujeito de seu vazio interior preenchendo o tempo com hiperatividade e entretenimentos.

Enquanto na Renascença e no passado clássico o sujeito se subordinava a uma melancolia, no contemporâneo o

servilismo se dá por uma temporalidade depressiva, que Agambem (1977) entende vir do sentimento de uma perda de tempo, sem que se saiba o que se perdeu.

Desse modo, o sujeito contemporâneo vive em um mundo sem experiência, construído pelo mercado, automação e ciência. Sem tempo livre e conforto do espírito, o sujeito substitui a busca do sentido do conhecimento e do aperfeiçoamento de si pela inovação que cria profissões “voltadas ao desenvolvimento pessoal, indústrias da imagem de si com seus dispositivos advindos das ciências cognitivas e das neurociências” (MATOS, 2013, p. 103).

A relação do sujeito com o tempo acontece no contemporâneo através da distância. A aderência e a distância do tempo ficam por conta do sujeito contemporâneo precisar se dividir também com o espaço-tempo multiplicado. Com isso, o sujeito tem a necessidade de otimizar o corpo para atender a velocidade desse espaço-tempo.

d e s a c e l e r e

O sujeito se coloca em um tempo vivido que não é mais o estabelecido pelo relógio, o espaço não é determinante de uma ação, da mesma forma que o corpo que age não necessita mais ser o biológico, mas multiplica-se para o virtual e ao fazê-lo multiplica sua velocidade e performance, ressignificando o conceito de distância.

Rouanet (2013, p. 369) explica que se antes o sujeito se estabelecia em um tempo biológico, natural, no qual sua consciência se fundava no envelhecimento e na passagem objetiva do tempo originariamente definida pelos astros (ROUANET, 2013, p. 369), hoje o sujeito expõe sua subjetividade a simultaneidade excessiva das imagens o que

acaba por abolir o tempo e transformá-lo em eterno presente. Citando Novaes (2005, p. 11), embora a imagem tenha uma relação de passado e futuro, “quando repetida inúmeras vezes, de forma excessiva, acaba por abolir o tempo, transformando-o num eterno presente”.

O tempo em si é percebido pelo sujeito em três graus de ser: “o grau superior é o passado (o que não pode ser); o grau intermediário é o presente (o que é, simplesmente); e o grau inferior é o futuro, que pode ser ou não ser” (WOLFF, 2013, p. 46).

Ainda que, para Wolff (2013), o presente seja o que é simplesmente, para Novaes (2013, p. 17) a própria ideia de presente se altera no contemporâneo, convertendo-se no imediato, pelo fim das grandes narrativas, adaptando-se ao provisório. Novaes (2013, p. 19) adverte que há uma indissociabilização da ideia de presente, passado e futuro, e quando se retira um desses tempos, a própria ideia de tempo desaparece, pois o que o sujeito vê são acontecimentos e não o presente apenas como se supõe.

Por conseguinte, o que se observa é um excesso de presente, o que Augé (apud ROUANET, 2013, p. 367) chamou de presentismo, ideologia “que consagra a hegemonia absoluta do presente”. Desse modo, o presente deixa de formar-se da lenta maturação do passado e dos possíveis futuros, para se impor como fato universal (ROUANET, 2013, p. 367).

Quanto ao passado, o sujeito aparenta ter uma relação de dispersão que suplanta a atenção e a repetição, como se lembra de uma percepção já vivida, o que para Bodei (2007, p. 73), o leva a uma renúncia da própria existência e para Rouanet (2013, p. 363), coloca o sujeito em uma condição de amnésia, hipomnese ou hipermnese.

Na sociedade contemporânea, o homem parece estar condenado à amnésia, ao esquecimento do passado. Esse esquecimento pode assumir a forma de uma hipomnese,

ouvido total ou parcial de fatos e relações entre fatos. Ou pode, pelo contrário, assumir o aspecto de uma hipermnese, que os neurologistas e psiquiatras definem como capacidade anormal de lembrar-se.

(...)

Ora, pensar é esquecer diferenças, generalizar, abstrair. Portanto, ele não podia pensar. Nem se lembrar, porque quem só pode se lembrar de detalhes desconexos, se perceber o vínculo que os une, é incapaz de verdadeiras recordações.

O mundo contemporâneo está cheio de amnésicos assim: os desmemoriados, que não se lembram de nada, e os memoriosos, que se lembram de tudo, exceto o essencial. O que Engels chamava de 'falsa consciência' tem como ingrediente principal o esquecimento. Há várias formas de esquecimento. O esquecimento originário, o fetichismo da mercadoria, que nos faz esquecer que o valor não é uma relação entre coisas, e sim entre classes. O esquecimento histórico, que faz os alemães se esquecerem da ignomínia do nazismo, e os brasileiros se esquecerem de quatro séculos de escravidão. O esquecimento político, que nos faz esquecer os mortos e os torturados pelo regime militar. O esquecimento moral, que levou os que arriscaram a vida num combate heroico contra a ditadura a desonrarem sua biografia, praticando a corrupção como receita de governabilidade.

E há o esquecimento sectário dos que querem obliterar o caminho percorrido pela humanidade, destruindo todas as ideologias e substituindo a treva da ignorância pelo fulgor da verdade (ROUANET, 2013, p. 363-364).

Embora haja um presentismo, há contradição no fato do sujeito se preocupar com espaços temporais que de certa forma não o pertencem. Ocupa-se de um passado para detê-lo como demasiado rápido e de um futuro como fim a ser alcançado, como lugar bom aonde a felicidade fará morada. Para Pascal (1994), o sujeito sempre espera viver e, dessa forma, é inevitável que nunca o seja, já que o impedimento a felicidade pode ser justamente a busca insaciável por prazeres incertos (GROS, 2013, p. 135).

Paradoxos não faltam ao sujeito deste tempo. Santo Agostinho em seu livro XI descreve que embora o futuro não exista, sua espera está no espírito do sujeito; mesmo o passado não existindo mais a lembrança permanece gravada; o presente é sem extensão, fugidio e desconhecido, mas a

atenção debruçada sobre ele é duradoura (AGOSTINHO, 2013, p. 12) ainda que não seja, para Wolff (2013, p. 61), o que faça o sujeito viver.

Quanto ao futuro, ele é seguramente uma ilusão, uma pura ilusão. Existe apenas em função da nossa imaginação, em nossos temores e esperanças, em nossos medos e desejos. Pois, só o presente existe. É aí que somos, é no presente que vivemos. Mas não é o presente que nos faz viver. Pois se nos ocupássemos só do que o presente nos dá, não viveríamos, nos contentaríamos em sobreviver, sem finalidade. Um ser inteiramente voltado para a realidade, mas sem memória nem desejo, talvez pudesse saber tudo, mas não teria razão alguma de viver. Pascal tinha razão: somos incapazes de nos contentar com o presente, o único tempo existente. Sentimos a necessidade de imaginar, de sonhar, de desejar sempre um futuro inexistente. Estamos condenados a viver no presente, mas dele nos libertamos pela imaginação do futuro. Libertamo-nos do presente, que existe, nos voltando sempre a um futuro que não existe. Que não existe, mas que nos faz existir, dando sentido à nossa existência. O futuro, portanto, não é mais o que era. Ele está sempre por se reinventar. Essa é a verdadeira definição da liberdade humana (WOLFF, 2013, p. 61).

Frédéric Gros (2013, p. 138) pensa o futuro como um estado de tempo programado pela *ubimedia*, ou seja, um tempo presente regulado por máquinas, no qual o presente é excessivo e autorregulado sem consciência, o que faria desaparecer a noção de futuro. Para ele, o mundo se tornaria autoprogramável e o sujeito se absteria da tomada de decisões, pois os objetos que cercam o sujeito não cessariam de interagir, fazendo com que o sujeito não projete o futuro, mas funcione nele. Tal distopia é baseada na *internet* das coisas é apresentada hoje como um universo de perfeita segurança, pois considera que a consciência do sujeito é falha e responsável por erros fatais, negligências culpáveis e esquecimentos perigosos. Gros (2013, p. 138) vê o futuro como um mundo de segurança perfeita, sem futuro e sem consciência.

As distopias contemporâneas colocam o sujeito em dois caminhos possíveis: conformista, onde não há final feliz para quem desafia o poder e a única saída seria prosseguir

sem lutar; ou alarmista que mostra um futuro ruim e tem a intenção de advertir sobre o presente, por essa visão há esperança.

Em um cenário onde o entretenimento é uma imersão do presente e uma constante reiteração do presente, do momento, a perda de futuro resulta em distopias. O pensamento do sujeito é moldado por uma visão de tempo e lugar e a visão de futuro é baseada no presente que se vive, ainda que ficcional.

A perda de perspectiva no presente resulta em perda de perspectiva futura, porém, como o sujeito é um ser que necessita pensar no futuro para que conclua suas ações presentes, acaba por criar um futuro imaginário de medo. É provável que o ser biológico não esteja evoluindo na mesma velocidade que os avanços tecnológicos o que agrava essa sensação de temor.

A intervenção das altas tecnologias deixam de ser promessas futurísticas de ficção científica e passam a fazer parte do cotidiano do sujeito contemporâneo. Enquanto alguns sobrevivem em escala de pobreza e não têm acesso às altas tecnologias, mas apenas sentem suas consequências, outros tem livre caminhar pelas redes de informação, o que aumenta a desigualdade social e gera medo de ser rechaçado do sistema por aqueles que o dominam.

Se antes as distopias em filmes demonstravam uma sociedade padronizada, os filmes pós-sociedade de consumo refletem uma sociedade administrada pela gestão de seus prazeres. Tais formas de incitação do prazer tendem a ser eficazes e perversas: eficazes por acionarem questões primitivas do sujeito e perversas por fazê-lo acreditar que essa motivação é uma inspiração e, portanto, tem total controle sobre tais prazeres.

Quanto à utopia, passa a ser corrompida seu sentimento

de esperança quando ganha como sinônimo o impraticável. Segundo Ernest Bloch, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas, as sociedades que não se deixam levar por um pensamento de futuro utópico estão fadadas à irrelevância. Para Rouanet (2013, p. 364-365), a consequência mais grave da crise do futuro é que ela resultou no assassinato da utopia, pois o sujeito contemporâneo não especula mais sobre o futuro e sim no mercado de futuros, com a sensação de um futuro fechado, familiar e próximo, a fim de evitar a angústia, como diz Bergson (1959, p. 928).

O sujeito tem para si um tempo duplicado que subverte a biologia humana, tempo reinventado, potencializado. O tempo por si só existe e pode ser medido além do calendário e dos relógios, como exemplo, se tem a distância de tempo entre o desejo e a posse de algo. O tempo se deixa perceber ao sujeito através da mudança sucessiva dos acontecimentos, sendo imperceptível quando perto de objetos constantes e invariáveis (HUME, sd). Esse tempo nada mais é que o sentido da duração (NOVAES, 2013, p. 32), dando ao sujeito a falsa impressão de que "se as coisas parassem de mudar, o próprio tempo pararia" (WOLFF, 2013, p. 46).

É redundante, porém, justo dizer que o Tempo não se acelera, mas a quantidade de eventos que se sucedem no limiar do tempo altera a percepção de velocidade. Nessa percepção alterada do tempo, o espaço livre e o tempo livre tendem a desaparecer e com isso a liberdade do sujeito sentir o tempo e perder-se na busca por excitações (NOVAES, 2013, p. 34), além de perder uma relação autêntica com o tempo (ROUANET, 2013, p. 370).

Nas artes, ocorreram momentos nos quais o sujeito se ocupou do futuro, como os modernistas; e do passado como os pós-modernistas. Hoje, o sujeito não toma nem da utopia nem da nostalgia, mas vai rumo a uma espacialização própria: a

experiência da globalização. Espacialização essa que é indeterminada, pois o sujeito imerge sem distanciamento para enxergar o seu contorno, reflexo de uma subjetividade reestruturada por profundas mudanças de paradigmas, conforme aponta Wisnik (2013, p. 247).

Novaes (2005, p. 11) explica que esse excesso cega o sujeito e completa que esse enxergar não depende do objeto nem do sujeito que vê, mas também do processo de reflexão. Ora, se o sujeito não possui tempo livre para refletir, sua subjetividade é constituída de forma apressada e alterará a arte que expressa. A velocidade não empresta tempo ao expectador de ver novamente, é um emaranhado de primeiras impressões, o que cria um sujeito notável em julgamentos provisórios o que pode ser causa de extremismos. O olhar é um exercício que pede repetição o que não é sinônimo de soterramento de imagens. Usando das palavras de Novaes (2005, p. 12), pode-se dizer que o sujeito contemporâneo "não cessa de consumir imagens, e é certo que seu olhar acolhe mais do que sua capacidade de refletir sobre elas."

Starobinski (1985) explicita que as imagens fascinam o sujeito e nessa fascinação torna-se desatento ao mundo tal como ele é, e ao tentar apreender tudo acaba por não capturar muito. Novaes (2005, p. 12) ratifica o pensamento de Starobinski ao dizer que quando um só olhar quer observar muitos objetos, termina por não ver distintamente nenhum deles. O mesmo ocorre com o pensamento do sujeito que num só ato de ver fica com o espírito confuso.

Olgária Matos (2013, p. 107) aponta que essa ânsia em captar tudo que está à volta, incita os sentidos do sujeito com tal velocidade que não sobra espaço para a contemplação. O que a autora especifica não se trata de uma atenção profunda, mas sim de uma hiperatenção que fica em estado próximo a espreita dos animais que vivem em meio a perigos,

sendo ainda descontínua e dispersa (MATOS, 2013, p. 107). Stiegler (2007, p. 144) define atenção profunda como imersão em objetos de reflexão e hiperatenção, por rápidas oscilações entre diferentes tarefas, “entre fluxos de informação múltiplos, buscando um nível superior de estimulação, e tendo uma tolerância muito tênue para o tédio”, e sua causa, conforme Wisnik (2013, p. 249), é o excesso de nitidez que o mundo se coloca à percepção do sujeito, fazendo tudo parecer nítido e destituído de ambiguidade.

No que diz respeito ao tédio, mencionado por Stiegler (2007), sua causa vem do espaço liso da *internet* - o que para Wisnik (2013, p. 249), não reconhece barreiras nem físicas nem temporais, intensificando a circulação de imagens, demonstrando um falso mundo sem fissuras, “que parece não ser mais passível de qualquer ação transformável por parte do sujeito e sim, apenas, de uma leitura passiva dos seus códigos de funcionamento”.

Para o sujeito contemporâneo, contraditoriamente, a essa nitidez, o melhor tempo vivido fica a cargo do passado, o que melhor se pode viver é reservado ao futuro, ao presente se reserva o motor que é sempre constante. Passado e futuro se confundem no presente, formado por acumulações de instantes.

A poesia está contida no instante. Se faz preciso exercício para enxergá-la, espaço que não se tem em tempos tão rápidos. Os olhos precisam reaprender a ver. Não se vê por natureza, se vê por prática de exemplos, se ensina e se aprende a ver.

Pelas palavras de Novaes (2010, p. 10) pode-se afirmar que “sem os ideais de posteridade e julgamento não há trabalho do pensamento. Novas experiências podem levar a novos pensamentos”.

A vida que antes era vivida como um destino coletivo, no contemporâneo é vivido como uma história pessoal. O sujeito contemporâneo é intimado a ser empresário de sua própria vida. As incertezas são apoiadas em ações que representem algum tipo de engajamento. O sujeito se apoia sobre si, procurando construir um sentido para sua vida, inventando a si mesmo. Nesse inventar e reinventar a si mesmo o sujeito profissionaliza a vida na tentativa de conquistar a sua autonomia e referendar sua existência e posição social, o que gera uma descolagem dos pertencimentos.

Ao mesmo tempo em que se espera autonomia do sujeito, não lhe é permitido seguir e nem pensar só, o que impede a conclusão de um pensamento que por natureza é um ato individual.

O pensar exige compromisso. Pensamento exige reflexão. Reflexão no sentido próprio do refletir, olhar de fora, reenviar, repercutir, reverberar, traduzir, incidir, pensar com detenção e mais de uma vez, traduzir, dar a conhecer, mudar de direção. O pensamento traz com ele a oportunidade de olhar de fora e nesse ato há o risco de não ser justo com a totalidade, já que o pensador está limitado ao seu espaço e tempo no mundo. Na tentativa de escapar desse espaço e tempo, toma-se por empréstimos pensamentos já assentados o que não assegura a certeza da verdade, mas serve de lugar

para pensar, como que uma posse momentânea no assento de observação dos que antecederam.

O pensar não é pronto, embora existam meios principalmente publicitários que proporcionam o conforto do pensamento livre de incertezas e desordem. Apesar de aqui citar os meios publicitários, é perceptível que tais discursos invadam outros cenários, inclusive acadêmicos, nos quais um protótipo de pensamento é entregue a fim de ser indistintamente replicado.

No refletir sobre o que existe leva-se em conta as respostas já dadas para se formular novas perguntas. O que de certa forma pode ser vantajoso pelo conforto e velocidade, é também uma desvantagem no sentido de que as respostas anteriormente dadas partem de um espaço e tempo pré-definidos por aquele que observa, o que pode levar a obscurecer a verdade ao concluir parte dela.

“Pensar é um ato” (LISPECTOR, 1984) e como tal, se faz preciso parar para pensar. Gesto que é indecoroso no tempo contemporâneo, pois o parar significa ócio, que tem uma conotação de preguiça, mandriice, que deve ser realizada apenas quando não houver mais nada a ser feito, herança da revolução industrial, na qual as mãos que não se moviam inabilitava todo o sujeito.

Mendes (2017, p. 32) aponta que o pensamento é insensível às exigências apressadas. Se faz preciso tempo para combinações, compreensões e invenções. É necessário silêncio para se pensar, uma vez que é no silêncio o lugar onde as palavras e as imagens ganham sentido. “O tempo para o vazio e para a solidão já não existe” (MENDES, 2017, p. 30), no entanto, são combustíveis, junto com o silêncio e a paciência, para o trabalho de criação, na falta deles “a relação entre a suposta consciência e a coisa apresentada leva a certezas simples e imediatas” (MENDES, 2017, p. 30).

Entre caminhos opostos de calma, correria, tudo, nada, euforia e depressão, Miranda (2013, p. 9) vê o sujeito contemporâneo como alguém que tenta a todo custo equilibrar-se em meio a momentos nebulosos. Para Kraus (2013, p. 11), o desafio está em saber se o mundo subsistirá após a destruição do espírito.

d e s a c e l e r e

[Espaço e tempo se confundem na mesma rua].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

travessia

brush sob ilustrator

As distâncias entre os sujeitos tornam-se menores, fazendo com que acontecimentos ocorram em determinados lugares, podendo impactar prontamente pessoas em lugares diferentes e distantes, com isso são impulsionados laços identitários fora das relações-padrões de um Estado-nação (HALL, 2006,p 67-76).

Hall (2006), assim como Giddens (2002) e Borriaud (2009), evidencia que a globalização também tem forte impacto sobre a identidade cultural, tornando-a fragmentada. A fragmentação das identidades causou o deslocamento do sujeito e a ruptura em seus discursos, o que se deve segundo Hall (2006, p. 23-46), ao pensamento marxista, redescoberto na década de 1960, aos estudos de Freud sobre o inconsciente, a linguística estrutural proposta por Saussure, a genealogia abordada por Foucault e aos movimentos feministas. Hall(2006) afirma que as identidades modernas têm sofrido um “descentramento” e ao mesmo tempo uma fragmentação. Esse deslocamento e fragmentação deixam o sujeito por conta própria.

Mudanças estruturais que aconteceram no final do século XX têm mudado a percepção em relação à classe, gênero, etnia, sexualidade e nacionalidade, que antes nos forneciam um lugar sólido no mundo enquanto sujeitos. Essas mudanças também afetaram as noções de identidades, na medida em que os sujeitos foram vistos como sujeitos integrados.

[Parar para prosseguir].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

displicência
brush sob ilustrator

A compreensão que se tem do sujeito no contemporâneo, tanto para Hall (2006) como para Borriaud (2009), é daquele que não possui identidade fixa, ideia que se dissemina a partir da segunda metade do século XX. As identidades no contemporâneo são abertas e inacabadas, abrindo possibilidades para que novas identidades sejam criadas, ao mesmo tempo em que novos sujeitos surgem, também fragmentados e abertos, num processo contínuo. Se antes o sujeito tinha a certeza de poder construir sua identidade com base em seu país natal, no contemporâneo nascer em um país não significa pertencer a esse país.

Em tempos de traduções, aparências que tomam o lugar do fato e experiências extremas, a identidade acaba por se confundir com a identificação. Identidade é construída ao longo da vida do sujeito, podendo sofrer alterações com a reflexão do sobre sua existência. A identidade é de difícil acesso, pois é flexível e mutável. Identificação diz respeito as relações do sujeito com o outro. É a partir desse conectar-se que o sujeito reforça sua existência. Nesse movimento de conexão e reforço, alguns meios são utilizados como comunicação, entre eles: a música, as artes plásticas e outras expressões culturais.

A busca na identificação por uma identidade una, não faz do sujeito contemporâneo senhor de si ou conhecedor de si próprio. Ao contrário, o que se tem são sujeitos que trocam por convenção a preocupação na construção de sua identidade pela identificação, tecem um eu, a partir de como desejam serem vistos, captando modelos de vida, modos e culturas pelas quais se identificam. Como se a vida pudesse ser um cardápio de instantes significativos e ao mesmo tempo frágeis. A facilidade está em poder ser a qualquer momento outro, aumenta-se, portanto, a flexibilidade.

Confusos e depressivos, o sujeito contemporâneo convive melhor na velocidade contemporânea. A calma intermitente o assusta, pois aciona o eu: um eu que não quer ser visto, um eu farroupilho, um eu que precisa ser outro para conviver bem. Desse modo, não é trivial notar que a depressão acometa tantas pessoas no século XXI. Não que a tristeza ou melancolia não tenha acometido os sujeitos em tempos anteriores, mas no século XXI a busca pela felicidade é quase que uma obrigação aos sujeitos. Como se não houvesse o direito de ser triste e menos ainda espaço para ser depressivo.

desacelere

A identidade desse sujeito é pautada no que Hall (2006, p. 7-22) chama de "celebração móvel", ou seja, a identidade é transformada constantemente pela relação que se tem com os sistemas culturais. Essa compreensão que se tem do sujeito é herança do sujeito iluminista e sociológico. O entendimento que se tem do sujeito iluminista é do sujeito centrado, unificado, racional, consciente que passa a dar subsídios para o sujeito sociológico, presente na primeira metade do século XX, no qual o sujeito não é mais autossuficiente, e sim dependente das relações com os outros que o cercam, e sua identidade se forma na interação entre o eu e a sociedade. Hall (2006, p. 67-76) demonstra que a globalização atua como um catalisador na substituição das identidades nacionais por identidades particularistas, que prezam pela identificação cultural dos sujeitos já que o processo em si vem deslocando essas identidades nacionais.

Com uma visão ainda mais árdua, Borriaud (2009), vê a identidade contemporânea constituída de sujeitos sem aura, com identidades duras cujo repertório é formado por nacionalismos, integrismos e por “vagos grupo-sujeito moles” proposto pelo pensamento pós-moderno, onde a escolha fica em juntar-se àqueles que provêm de um mesmo lugar ou unir-se àqueles que se dirigem para um mesmo lugar, ainda que o lugar a ser alcançado seja vago e hipotético.

Para Novaes (2010, p. 23), o sujeito toma por empréstimo o que o cerca, pois seu pensamento não se descola do mundo em que está. Esse pensamento foi bem desenvolvido por Certeau (*apud* BOCCHETTI, 20015) ao defender que o sujeito absorve o cenário e o pratica conforme sua realidade. O meio influencia, mas não é usado de forma direta, mas sim de forma indireta. Certeau (*apud* BOCCHETTI, 20015, p. 46) coloca que para entender o sujeito é preciso olhar para suas práticas, maneiras pelas quais usa do que tem a intenção de o controlar, moldar e o produzir e passa a ser subvertido pelo sujeito por suas individualidades. Essas individualidades para Certeau (*apud* BOCCHETTI, 20015, p.51) são os lugares por onde atuam as pluralidades incoerentes e contraditórias. As individualidades embora subvertidas são constituídas pelo percurso incompleto que este sujeito comum e inventivo faz.

Enquanto as elites possuem estratégias para o silêncio, o pobre tem táticas para o silêncio como brechas na cidade para que possa descansar nela. A formação do sujeito está na relação entre os objetos e seus usos, no contato com os discursos que recebe e as práticas que as eles se somam ou se contrapõe. O modo como esses saberes se constroem e se desconstroem e a decisão do sujeito em resistir ou se apropriar deles constituem a subjetividade do sujeito (BOCCHETTI, 2015, p. 54). Mesmo o individual pertencendo a um lugar ele se torna um individual reconstruído pelo lugar em que está (COLI, 2005, p. 89).

O sujeito mesmo possuindo táticas para subverter as estratégias que são construídas pelas elites para o dominar, passa a existir conforme aquilo que vê, o que nem sempre é real, pois pode estar apoiado em ideias de posse de bens. Salles (2013, p. 380) entende que o ver efetivo é sempre perspectivo, “não se descola dos seus pontos de contato com o mundo, de suas formas de expressão, nem de suas próprias condições. E ver demais não é realmente ver”. Coelho (2011, p. 32) reforça que o sujeito faz uma representação de sua existência e das relações que com essas mantém e essas relações nem sempre são pertinentes.

A consequência está em um sujeito formado por aparências muitas vezes superficiais e efêmeras. Novaes (2005, p.9) se apoia na fala de Frédéric Martel ao dizer que os sujeitos foram transformados por seu tempo; se antes a transformação se deu do ser para o ter, agora a transformação se dá na degradação do ter em parecer. O que cria não apenas “uma mercadoria para o sujeito, mas criam-se também, sujeitos para a mercadoria” (NOVAES, 2005, p. 10).

Há dificuldades, portanto, em se cartografar e buscar raízes de um sujeito que se constrói em um mundo sem fronteiras. Peixoto (2005, p. 286) completa esse pensamento dizendo que este sujeito constrói suas subjetividades por entrelaçamentos, por conexões e inclusões contínuas. “As distancias são substituídas por novas proximidades, redistribuídas segundo outras conexões”.

desacelere

A consequência dessa subjetividade nas artes é a de artistas e pensadores que escolheram andar na mesma direção.

“Um pôr-se em marcha. Um êxodo” (BORRIAUD, 2009, p. 41). É custoso ao sujeito coevo construir sua identidade, uma vez que essa construção demanda de linearidade temporal, o que falta no tempo contemporâneo. Uma das saídas é a criação de uma suposta linearidade sobre narrativas, o que recria uma memória.

d e s a c e l e r e

[Precisava abastecer, não de álcool ou gasolina, porque não tinha onde guardar...
Mas precisava abastecer...]

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.
15 de novembro de 2015.

resiliência
brush sob ilustrator

O deslocamento do tempo e do espaço tanto na direção de aglutinação como de oposição, muda a velocidade com que os fenômenos acontecem no contemporâneo, impulsionando o sujeito a criar sua identidade de forma frenética, o que Borriaud (2009) chamará de forma-trajeto. O excesso de informações obriga o espectador a entrar em certa dinâmica e construir de forma autônoma um percurso pessoal.

Esse percurso pessoal é construído através de um encaminhamento ou duplicação de um princípio de composição baseado em linhas traçadas no tempo e espaço que se desenvolve como um encadeamento de elemento articulados entre si e não mais na ordem de uma geometria estática assegurando uma unidade, é o que Borriaud (2009) afirma constituir a forma-trajeto.

A iconografia da globalização está na intensidade e flexibilidade desse deslocamento que encontra seu ponto de ancoragem nos fluxos caóticos dessas forma-trajeto (BORRIAUD, 2009, p.117-118).

Na arte a forma-trajeto deixa dúvida sobre sua presença objetiva, não se pode afirmar com certeza onde começa ou termina, justamente porque ao expressar uma trajetória, a forma-trajeto, como afirma Borriaud (2009, p. 122), põe em crise a linearidade ao injetar tempo no espaço e espaço no tempo, uma vez que o tempo se identifica espontaneamente com a sucessividade e o espaço com a simultaneidade.

[Os castelos se formam na cidade na mesma velocidade do azul].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília - São Paulo.

15 de novembro de 2015.

conto
brush sob ilustrator

No contemporâneo, o passado define-se em termos territoriais, fazendo com que o tempo se confunda com o espaço. Se o tempo não é um atributo do espaço, pode ser multiplicado ao infinito. Como resultado, o sujeito contemporâneo ganha a forma de turista que busca um estranhamento temporal através da distância geográfica (BORRIAUD, 2009, p. 123).

Essa distância geográfica faz com que o artista no contemporâneo parta do ponto de vista temporal e não espacial, pois ao lidar com o tempo, potencializa e multiplica o espaço; espacializa o tempo, como diz Borriaud (2009, p. 125-178), e cria um espaço fragmentário onde virtual e real se emaranham e se confundem, constituindo uma dimensão suplementar do espaço. A sociedade nos moldes clássicos, enquanto um sistema bem delimitado, vem sendo deslocada ao longo desse processo de globalização, no qual a relação espaço-tempo vem sendo comprimida nessa nova configuração, criando uma hibridização das diferentes identidades do mundo (HALL, 2006, p. 67-76).

Se antes podia-se falar em rizomas hoje o que mais se aproxima do estar sujeito contemporâneo é a radicância. Nesse espaço de tempo globalizado contemporâneo, Bourriaud (2011, p. 36) diz que o sujeito é radicante, organismo capaz de fazer brotar as raízes no seu deslocamento, assim como fazem as eras, e, ao mesmo tempo, nômade coletor de signo, consumindo signos culturais - o que não acarreta nenhuma conotação identitária duradoura. Borriaud (2011) habilmente cunha o termo semionauta, para esse sujeito contemporâneo que coleta e consome signos de forma descartável e frenética. O autor esclarece ainda que semionauta é o sujeito criador de percursos dentro de uma paisagem de signos.

O que não é sinônimo de ser cativo desses signos, pois, assim como o tempo e espaço são fragmentados a identidade

(como já posta) também o é, reflexo de um cenário onde o sujeito é expectador-autor (no sentido daquele que observa) de "objetos e formas que saem do leito de sua cultura original e vão se disseminar no espaço global, eles ou elas erram em busca e um território sem limites a priori, encontram-se na posição do coletor de outrora, do nômade," (BORRIAUD, 2009, p. 102) que acaba por produzir seu universo e percorrer incansavelmente o espaço.

Como semionauta se tem um sujeito que vagueia de uma pessoa a outra, de um lugar a outro, construindo analogias entre o ofício de criador, de relator e de ator, pirataria tolerada graças a um sistema de produção globalizado (BORRIAUD, 2009, p. 102).

O sujeito contemporâneo põe as formas-trajeto em movimento, mas também inventa trajetórias em meio aos signos. O que por vezes é contraditório ao sujeito por outras é concomitante com o estar contemporâneo. A esse inventar trajetórias em meio a colheita de signos, Borriaud (2011) nomeia de radicante: sujeito que cria raízes à medida que avança, em vez de ficar preso a uma fonte original ou submetido à homogeneização decorrente da globalização econômica.

Para Borriaud (2011), não é cômodo falar em rizomas, pois, hoje o que mais se aproxima do estar sujeito contemporâneo é a radicância. Não que o conceito de rizomas proposto por Delleuze e Guatari estejam desgastados, longe disso, porém o termo diz respeito a um sistema sem sujeito, e o que Borriaud apresenta é um conceito que parte e se fecha no sujeito, por esse motivo, um conceito que diz respeito a fala desta pesquisa.

Ao defender a teoria da radicância, Borriaud (2011) alerta que contrariamente ao rizoma que se define pela multiplicidade ao distanciar a questão do sujeito e do objeto e pautar-se em determinações, o radicante assume a forma de uma trajetória, de um percurso de um caminhar efetuado por um sujeito singular, o que não implica em uma identidade estável e fechada sobre si mesma, pelo contrário, o sujeito contemporâneo existe como radicante apenas sob a forma dinâmica da errância. Paradoxalmente, o sujeito que vive sob a forma da errância é submetido por um sistema que fixa um início e uma ordem, impedido de ser conectado a qualquer ponto como prevê o conceito de rizoma (BORRIAUD, 2011, p. 54).

O sujeito contemporâneo elabora sua identidade ao mesmo tempo em que constitui para si um *corpus* de obra, recortando fragmentos de significação, colhendo amostragens e compondo seu repertório de formas.

Tal composição, embora, à primeira vista, pareça uma apropriação de signos, não é o que ocorre: o sujeito contemporâneo trabalha com os signos de forma a desapropriá-los, como se ao tomar por empréstimo um signo, o relacionasse a outro e abandonasse ou renunciasse, as referências coletadas de forma a constituir seu próprio herbário de forma que não é nem o primeiro nem o segundo, é uma extração temporária de um contexto e inserção de outro a propósito de testar e ganhar nova capacidade criativa, transferindo conceitos de um domínio para outro.

[Ela foi lentamente aprendendo a conviver com quem parecia ser mais forte. Até que se tornaram um bloco só].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília - São Paulo.

15 de novembro de 2015.

simbiose
brush sob illustrator

Embora, o rizoma implique em uma subjetivação por meio de captura, conexão e abertura para o externo, o radicante compõe o eu mediante empréstimos e citações próximas. A diferença está na tônica que o radicante dá ao itinerário, ao percurso, ao relato dialogado e, ou intersubjetivo.

Há para o radicante forte relação com a superfície que o toca. “O sujeito radicante apresenta-se assim como uma construção, uma montagem: em outras palavras, uma obra, nascida de uma negociação infinita” (BORRIAUD, 2011, p. 54). A confusão com a falta de determinação de ancoramento a um solo, faz parecer falsamente que o radicante é uma apologia a amnésia voluntária, quando a justificativa do pensamento radicante está na adesão, na partida e no relativismo.

O termo é justo com o conceito, Borriaud (2011) toma de empréstimo a definição botânica das heras que se prende por meio de várias gavinhas e faz nascer suas raízes à medida que avança. As heras criam suas raízes secundárias ao lado da principal e se desenvolve no solo que a acolhe, acompanhando, adaptando-se e se traduzindo nos termos do espaço em que se move.

O radicante é simultaneamente dinâmico e dialógico, está dividido entre a necessidade de um vínculo com seu ambiente e as forças do desenraizamento; entre a globalização e a singularidade; entre a identidade e o aprendizado com o outro: a identificação. Sendo assim, o sujeito radicante é objeto de negociações constantes no caminho que se põe e ao fazê-lo não dispõe de nenhum lugar para onde voltar, levando consigo fragmentos de identidade, a fim de transplantá-los em outros solos. Pode-se afirmar que escolhe o solo mais do que se conforma a ele (BORRIAUD, 2011, p. 50-51).

[As **heras** cresciam, e cresciam, e criavam novas raízes enquanto cresciam, e cresciam confortavelmente porque sabiam que haviam nascido no alto].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília - São Paulo.
15 de novembro de 2015.

zenith
brush sob ilustrator

O radicante apresenta-se como uma forma de tradução com a intenção de apresentar o estrangeiro sob uma forma familiar. O que combina com o tempo contemporâneo, uma vez que tradução é, por essência, um deslocamento (BORRIAUD, 2011, p. 52). Ao se pôr em constante estado de tradução o radicante recusa todo código-fonte que atribua uma origem única às obras e aos textos, e coletiviza o sentido do discurso, recusando ver na prática artística uma atribuição a um campo específico, identificável e definido (BORRIAUD, 2011, p. 133). A desapropriação da tradução está na perda de detalhes contido no original. Ao se fazer uma tradução ocorre deformações, ou seja, é sempre uma representação, com a radicância a experiência será equivalente, mas sempre diferente.

Ao assumir o conceito de radicância e do sujeito contemporâneo como radicante, semionauta criadores de percursos dentro da paisagem cultural, de nômades coletores de signos (BORRIAUD, 2011, p. 38), a uma tendência à subversão com o termo *flaneur* de Baudelaire, pela direção para as margens da informação e similaridade com o papel de testemunha que os dois sujeitos (radicante e *flaneur*) se propõe (BORRIAUD, 2011, p. 8).

O *flaneur*, tal como proposto por Baudelaire, é um sujeito que compreende o mundo e as razões dos usos, se interessa pela trivialidade da aparência, tem como preocupação o fugidio – como artista se apresenta como um caleidoscópio, representando a vida múltipla (BORRIAUD, 2011, p.92). Para Borriaud (2009, p. 98) “a erre, linha invisível que atravessa o centro das cidades, congrega todos os que não sabem para onde ir (vagabundos, nômades, ciganos, marginais, imigrantes ilegais)”.

O errante se vê, assim, rapidamente associado ao universo da delinquência e não da graça como o *flaneur*. O

flaneur transita pela cidade num ocioso momento de pausa, enquanto o errante esbarra “como inseto na vidraça, nesses territórios em que o espaço público (partilhado) se reduz mais e mais a cada dia que passa” (BORRIAUD, 2011, p. 97). A errância arrasta os praticantes para fora da legalidade, para fora do óbvio e constrito.

A emigração, o exílio, o turismo e a errância urbana são figuras dominantes da cultura contemporânea, evidencia Borriaud (2011). Segundo o Ministério das Relações Exteriores brasileiro, estima-se que, até o ano de 2015, cerca de 2,5 milhões de brasileiros vivam em outro país¹. O número de refugiados políticos que entra legalmente em fronteiras brasileiras também é expressivo: até outubro de 2014, foram reconhecidos 7.289 refugiados, de 81 nacionalidades diferentes, sendo 25% deles, mulheres. Além da Síria, há um grande fluxo de exilados da Colômbia, Angola e República Democrática do Congo, de acordo com o Comitê Nacional para os Refugiados.

O conflito gerado na Síria levou, segundo a Organização das Nações Unidas, ao abrigo de 1,14 milhão de sírios para o Líbano; para a Jordânia 608 mil e, para a Turquia 815 mil sírios. Há mais de 3 milhões de refugiados sírios em todo o mundo, o que significa que um a cada oito cidadãos do país é obrigado a atravessar a fronteira². O exemplo Sírio é político, mas a emigração e imigração acontecem por motivos econômicos, sociais, financeiros, religiosos, entre outros.

Nesse cenário, Borriaud (2011, p. 105) vê o artista como precário, no sentido daquele que existe por meio de uma autorização revogável, gerando aculturações temporárias, procedendo por seleção, acréscimo e multiplicação, para

¹ **Emigração brasileira**, disponível em < <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil/impressao> > acesso em 10 jan. 2016.

² **Refugiados sírios**, disponível em < <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-11-18/sirios-sao-maior-grupo-de-refugiados-no-brasil-numero-cresce-3-vezes-em-1-ano.html> > acesso em 10 jan. 2016.

organizar os signos a fim de multiplicar uma identidade por outra (BORRIAUD, 2011, p. 50-51).

Como consequência, se tem uma arte contemporânea que leva a precariedade até o próprio âmago do sistema de representações pelo qual o poder gera os comportamentos, fragilizando todo e qualquer sistema, a fim de proporcionar aos hábitos mais arraigados ares de um ritual exótico. "A arte é, portanto, uma espécie de ilha de ficção tosca que apreende o real social pela forma" (BORRIAUD, 2011, p. 99). Com isso, o fictício opõe-se à realidade na qual se inspira; o ficcional, que é o regime do relato ou da narrativa, faz as vezes de legenda ou dublagem, mas sem apagá-la. No contemporâneo, tudo e qualquer coisa pode servir de substrato para essa narrativa (ao passo que o tempo permeia e se desloca do espaço, podendo ser multiplicado), fazendo com que nada possa ter distância suficiente para não influenciar um fenômeno próximo.

Giddens (2002, p.12) percebe e afirma que "a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos, e sobre as intimidades do eu, se torna cada vez mais comum" no contemporâneo, trazendo um cenário apocalíptico, não por se aproximar à calamidade, mas por proporcionar riscos diferentes das gerações que a antecederam: risco da guerra, risco de catástrofes ecológicas, risco de colapso dos mecanismos econômicos globais e risco de surgimento de super-Estados totalitários.

Hardt e Negri (2014) afirmam que toda essa multiplicidade de potência e impotência contemporânea gera quatro formas subjetivas a partir da crise: o endividado, o mediatizado, o securitizado e o representado. Nesse sentido, o sujeito passa a ser medido por sua capacidade de endividamento. Gros (2013, p. 141) completa tal pensamento ao dizer que o sujeito é identificado por seu crédito, cifra

que o acompanhará por toda a vida e evoluirá com o passar dela. Tal crédito é representado por sua capacidade de reembolso.

Gros (2013, p. 139) apoiado no texto de Vedas (considerado o texto mais velho do mundo a definir o que é humanidade) diz que a dívida já nasce com o sujeito:

O homem quando nasce, nasce em estado de dívida; ele é uma dívida, uma dívida para com os deuses, os sábios, os ancestrais e os homens.

É por ser uma dívida para com os deuses que o homem deve fazer sacrifícios; é por ser uma dívida para com os sábios que deve ensinar seu saber; é por ser uma dívida para com os antepassados que deve engendrar; é por ser uma dívida para com os homens que deve praticar hospitalidade.

A dívida nata faz o sujeito refém do trabalho, que por sua vez quer ser necessário e para isso precisa obedecer algumas regras como padronização, subdivisão e economia de escala, o que gera pressa e estresse no sujeito contemporâneo. Gros (2103) aponta que, em sua maioria, o sujeito passa horas de seu dia, percorrendo apressadamente caminhos para chegar até o trabalho e se mantém estranho a todos esses espaços percorridos, já que a quantidade, racionalidade, separação, velocidade não emprestam tempo de qualidade para os sentimentos, motivação, gosto pela reflexão, para o convívio e a pausa (MASI, 2017, p. 351-352).

Se o sujeito trabalha para arcar com suas dívidas, pode-se afirmar que tanto a dívida quanto o trabalho são responsáveis pela falta de pausa para reflexão. Pela dívida se abre mão do tempo dedicado ao silêncio. O endividado carrega com ele culpa e responsabilidade pelas dívidas feitas para se adequar a um padrão de consumo, como consequência suas possibilidades são sempre reduzidas (HARDT, e NEGRI, 2014, p. 22-27).

A visão contemporânea hegemônica do sujeito adulto implica em responsabilidades financeira, profissional, afetiva e familiar, sendo a busca pela estabilidade e autorrealização pessoal caminhos de avanço e recuo, exigindo aprendizagem contínua. Dependendo das responsabilidades atendidas se abre uma carta de escolhas, opções.

d e s a c e l e r e

Giddens (2002) coloca que é a multiplicidade de opções que faz com que o sujeito seja forçado a fazer escolhas que constituirão seu cotidiano. Essas escolhas constituem o estilo de vida que, por sua vez, é influenciado pelo consumo. "Os pobres seriam quase completamente excluídos da possibilidade de escolher estilos de vida" (GIDDENS, 2002, p. 11), pois, a modernidade produz diferença, exclusão e marginalização, que por consequência cria mecanismos de supressão e de não realização do sujeito, por isso a sensação de insaciabilidade constante.

Por outro lado, o consumo encontra um meio de inserir os menos privilegiados, fabricando um sentimento de pertencimento que, por sua vez, alia as decisões tomadas pelos sujeitos, transportando-os a um estilo de vida próprio - tanto pela escolha ou pela falta dela. O sujeito é levado a dívida.

desacelere

[Ela dormia, como se não houvesse amanhã].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

O OCO
brush sob ilustrator

[Lá no alto alguém dormia, era mais seguro].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

alheio
brush sob ilustrator

Na sociedade contemporânea, *status* e estilo de vida são dependentes da renda, não de um grupo, mas individualmente. Com isso aumenta a autonomia individual sobre o estilo de vida e a ausência de instituições e de códigos sociais e morais. O consumo passa a ser individual e tem seu poder máximo no direito de escolha. O direito de escolha é o marco dessa sociedade que é, cada vez mais, pautada no novo. O consumo fácil anestesia o sujeito.

Pode se dizer que ao mesmo tempo em que há uma ruptura entre espaços e tempo, tendendo a unificação do coletivo, há uma demanda pela preservação do sujeito quanto à sua participação social, para que o sistema de consumo se mantenha. Sistema esse que Hardt e Negri (2014) demonstram se manter diante de contratos de dívida.

O tempo e o espaço expandem-se no contemporâneo em todas as esferas, incluindo a do trabalho. A relação de servidão, que antes se dava entre o dono do capital e o detentor da força de trabalho, extrapola o ambiente fabril, não se apresentando apenas aos ambientes contidos. Não mais a mão está a serviço do capital, mas a mente também se faz necessária em uma sociedade produtora de signos.

Na relação por dívida empregador e empregado estão sujeitos ao sistema. Concomitantemente, são autores e espectadores, cada hora o seu papel. A dívida faz do sujeito contemporâneo coadjuvante da vida do outro, produzindo cordialidades e afetos ilegítimos de forma a preservar a normalidade e o avanço do modelo capitalista.

A hierarquia pela dívida é planificada. A relação de poder se altera. Se antes a servidão se confinava ao ambiente fabril, no contemporâneo as fronteiras são amolecidas, misturando a vida privada com a pública; o ambiente de trabalho extrapola as outras esferas da subjetividade do sujeito. A divisão perversamente se amplia, de forma a não ser tão evidente que se possa combater diretamente, nem se omitir ao fato de deixar de existir.

Os sujeitos parecem não perceber a relação de dívida, por aquelas que são de subsistência, como a dívida por pagamento de água, de alimentos, de vestuário, de energia, do uso do espaço, ou pelo direito de transitar pela cidade. A dívida só é percebida quando foge ao custo fixo, programado, planejado pelo sujeito adulto.

Hardt e Negri (2014) dizem que para sobreviver o sujeito deve vender todo o seu tempo de vida, e o faz, pois para si aparentam ser consumidores e não produtores; trabalham para pagar suas dívidas pelas quais são responsáveis porque consomem.

Se antes a negação aos mais pobres era do espaço, agora também o é ao tempo. Reforça-se aqui a fala de que no contemporâneo tempo e espaço se deslocam, ora se sobrepondo, ora afastando-se.

Dívida sem contrapartida usurpa o instrumento público e beneficia o setor financeiro privado. A fim de saudar sua dívida de vida, o sujeito contemporâneo deve dispor de todo o seu tempo para receber o ônus de poder consumir mais. Para tal abre-se mão dos espaços de tempo de silêncio.

O tempo pós-espetáculo atinge os sujeitos no corpo e faz dele retransmissor dos aparatos que construiu. Borriaud (2011, p. 40) fala de uma nova figura de sujeito que “não vende apenas sua força de trabalho, mas também sua pele, seu cabelo, seu coração e seu lombo”. Hardt e Negri (2014, p. 29) acrescenta que o sujeito pode ir a qualquer lugar e continuar ocupado, o que significa que continuará trabalhando aonde for. A midiaticização é o fator principal das divisões cada vez mais indistintas entre trabalho e vida.

d e s a c e l e r e

Impulsionado pelos *media*, o sujeito demandado pelo contemporâneo deve a todo o momento ter algo a dizer, diminuindo a qualidade do que é dito. A todo o tempo o sujeito é motivado a participar, a escolher compulsivamente, a contribuir e a narrar. Em troca os *media* são responsivos às preferências captadas desde que o sujeito continue

constantemente atento. O mediatizado, impulsionado pela quantidade de informações que recebe, tem a necessidade de controle tudo que está a sua volta, sendo combustível para uma sociedade de controle.

Lapoujade (2013, p. 239) explica que viver em uma sociedade de controle não quer dizer que o sujeito está sob controle, mas que produz controle enquanto comunica.

Percebe-se: as sociedades de controle não nos colocam sob controle, elas nos fazem controlar. Ou, se preferirem, estar sob controle é ter fluxos ou atividades sob seu controle. E todos esses diversos organismos de controle, individuais ou coletivos, não estão submetidos a uma forma superior que os englobaria; quando muito se pode dizer que cada organismo de controle faz parte, ele também, embora parcialmente, de outro organismo de controle, por sua vez controlado por outros, sem que se possa falar de unidade última ou de uma forma superior, centralizada, do controle (LAPOUJADE, 2013, p. 240).

Quanto maior o esforço em ligar os fluxos de controle entre si, maior a descontinuidade e a desconexão, reflexo de um mundo estilhaçado, implodido, fluido e interconectado (LAPOUJADE, 2013, p. 240).

d e s a c e l e r e

Hardt e Negri (2014, p. 29) afirmam que a subjetividade contemporânea está mais para mediatizada do que alienada, isto porque enquanto a consciência do alienado é dividida ou separada, a do mediatizado é incluída, absorvida, fragmentada e dispersa. A subjetividade do mediatizado ampara a do endividado, principalmente pela capacidade de multiplicação do espaço pela *internet* e aparelhos que possibilitam expansão, mascarando uma falsa realidade.

d e s a c e l e r e

De certa forma, um possibilitador dessa alteração de realidade são os meios de comunicação. Subirats (2010, p. 35-36) adverte que os meios de comunicação não são sistemas de representação da realidade, mas sim “uma realidade concebida, produzida e globalmente difundida como montagem”. As redes de comunicação para Subirats (2010, p. 35-36) são consensos corporativos “da irrealidade de uma ficção como realidade objetiva e verdade universal. E a inversão absoluta do ser”.

A *internet* proporcionou ao contemporâneo a uniformização galopante das culturas e linguagens. Borriaud (2011, p. 40) salienta que a paisagem cultural mundial está modelada para a superprodução de objetos, informações e reprodução técnica de imagens, alterando a noção de autenticidade tanto nas artes como nos novos modos de produção de imagens, implicando tanto novas relações de trabalho quanto uma redefinição do sujeito.

O mediatizado enfrenta a ausência do silêncio, sensação de tudo feito, bloqueio de criatividade e dificuldade de diferenciar o público do privado (HARDT e NEGRI, 2014, p. 27-33). O silêncio traz um caos maior que sua ausência. E ocorre porque é no silêncio que se constrói a identidade, quando em uma sociedade de consumo o que se quer reforçar é a identificação.

Em uma sociedade de mobilização infinita, a exaustão fica como seqüela do constrangimento de se ter opinião formada sobre tudo (MATOS, 2013, p. 111). Matos (2013, p. 111) afirma que o cansaço é uma decorrência de exigências, de tomada de posição que acontecem seja por intervenções, manifestos, abaixo-assinados ou por pressão social.

Na cultura da arrogância, o mediatizado não tem o direito ao silêncio, visto que está sob a tutela da visibilidade, de ordens constantes, de imposições, de

desafios, terrorismos, e sentimentos devotados ao ininterrupto, ao querer capturar, apoderar-se, dominar (MATOS, 2013, p. 111). Um presente saturado de informações leva a uma temporalidade de curto prazo e de não reflexão, dissipando a capacidade de projetar e fechar-se em si mesmo. “O cansaço de existir pesa sobre o presente” (MATOS, 2013, p. 111).

[A ansiedade do silêncio].

Imagem captada pela pesquisadora na estação de metrô
Consolação - São Paulo.
16 de novembro de 2015.

ânsia
brush sob ilustrator

d e s a c e l e r e

A falsa impressão de que tudo é conhecido do sujeito traz consigo a angústia da impotência do tempo. Com isso, a experiência do sujeito contemporâneo se altera. A sensação é de que a sociedade do espetáculo é passada e a tentativa de superá-la é carregada de homogeneização através de experiências afetivas e simbólicas.

Há uma lógica do abandono do específico, dos estilos particulares, das *expertises* e uma necessidade de afirmação permanente de aceitação. O território é ocupado pela capacidade de se tornar visível. Contraditoriamente, é a disputa pela visibilidade e excesso de imagens produzidos pelos sujeitos que os tornam mais invisíveis, fomentando uma crise subjetiva.

d e s a c e l e r e

Além do medo da dívida e o medo de não ser visto, o sujeito teme as instabilidades da falta de emprego, medo do outro, o medo de catástrofes ambientais, medo de crises financeiras, medo da velhice, medo da violência, medo da doença e o medo de não se apresentar suficientemente como sujeito que atua.

Hardt e Negri (2014, p. 33-39) definem esse sujeito como securitizado, que por medo tende a sofrer com o excesso de segurança. Na maioria das vezes, se aprisiona em condomínios fechados e tem o privado como proteção ao público. Segurança essa que é falsa, porque de acordo com a etimologia, segurança é a "ausência de preocupações e de perturbações na alma, isto é, um estado de tranquilidade e de serenidade perfeitas", diz Gros (2013, p. 135).

Mongardi (2007, p. 18) alerta que ao passo que as normas tornam-se inseguras, a moral fica problemática, o medo se reforça e a vida do sujeito em grupo tende a buscar formas primitivas de sociabilização. Bauman (2009, p. 54) aponta que o medo não é próprio apenas dos sujeitos que são refém da disparidade social, mas das elites entrincheiradas atrás dos muros, sob a égide de câmeras em vias de acesso e apartamentos, protegidas por guardas armados, dentro de carros blindados, vestindo roupas que protegem o corpo e corpos que se protegem com aulas de artes marciais, tentando "se proteger contra o perigo: difuso, mas onipresente, visível ou invisível, manifesto ou pressentido, conhecido ou desconhecido."

Bignotto (2013, p. 175) defende que “o medo de uma época revela não apenas a percepção que ela tem do presente, mas também como enxerga o futuro”. Nesse sentido, pode-se afirmar que quanto maior a busca por proteção, mais se reforça o medo. Altheide (2003, p. 9-25) assinala que as atividades que reforçam e contribuem para a produção de segurança, faz com que o sujeito tenha uma sensação de caos agravada ainda mais.

Cada fechadura suplementar na porta de entrada, em resposta aos insistentes alertas sobre desenfreios criminosos de aspecto estrangeiro, ou cada nova revisão da dieta, em resposta ao “pânico da comida”, faz surgir um mundo mais desconfiado e medroso, e induz ações defensivas posteriores que terão inevitavelmente o mesmo efeito” (BAUMAN, 2009, p. 54)

Por trás da angústia do medo há uma indústria que obtém grandes lucros comerciais (BAUMAN, 2009, p. 54). Os investimentos postos no capital do medo pode transformar-se em lucro político e comercial. Quanto ao lucro comercial, Bauman (2009) exemplifica o uso de segurança pessoal que tornou-se um importante argumento de venda em estratégias de *marketing*. A promessa de segurança pessoal também é usada em campanhas eleitorais, tal como o projeto político. A exposição das ameaças a essa suposta segurança é elemento de índices de audiência nos meios de comunicação de massa, o que reforça os dois usos para o medo: comercial e político (BAUMAN, 2009, p. 55).

O medo reforça não só o lucro, mas também a violência, uma vez que coloca o sujeito distante dos diferentes e muitas vezes dos iguais socialmente. Moraes (1981, p. 16) explica que quanto “mais distante o outro for, mais manipulável será sua apresentação” e “mais desconhecida será sua identidade.” Desse modo: “onde há medo, há ameaças; e onde estão as ameaças está a violência” (MORAES, 1981, p. 16).

[Silêncio... parecia que não vivia ninguém].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

sintomático
brush sob illustrator

A violência reforçada pela mídia ganha proporções que levam a parecer que o número dos que praticam delitos é maior do que a realidade. A sociedade deixa de imaginar os contos para vivenciá-los. No contemporâneo, o medo se desloca dos contos e mitos para o discurso cotidiano, que é fortalecido pelas imagens transmitidas pela mídia. O securitizado não nasce da falta de segurança, mas da sensação de falta de segurança causada, principalmente pela superficialidade de informações.

A emergência da crise subjetiva pautada pelo medo está na seleção feita pela mídia que, muitas vezes, intitula o pobre como portador da violência, o que resulta em muros que separam ricos dos pobres; um sujeito do outro, incutindo a necessidade (errônea) na sociedade de higienização e rotulação dos desiguais. O medo do desigual é ingrediente para divisões sociais que, na cidade de São Paulo ficam claras, quando observados condomínios, ocupados por sujeitos mais ricos e bairros negligenciados pelo Estado, ocupados pelos mais pobres.

O sistema desigual e subordinado se reforça pelo medo, justificando um controle social altamente repressivo. O medo do caos e da desordem reforçam estratégias exclusivas e de disciplina de controle aos menos favorecidos socialmente.

Os *media* ao fabricar medo controla a realidade, criando um poder extra real, pautado no símbolo, o que por sua vez reverbera na criação de sujeitos amoldados a incontestação ao que lhes é apresentado. O mediatizado por medo do público se aloca cada vez mais no privado. Ao se prevenir do público em detrimento do privado, nasce a crise de subjetividade do representado. O sujeito contemporâneo delega a outros a responsabilidade pelas ações públicas, principalmente porque sente-se fora do espaço de representação (HARDT e NEGRI, 2014, p. 40-45).

O representado sente-se confortável a não participar dos embates, embora é improvável distanciar-se uma vez que está sujeito ao tempo e espaço que o abrigam. Uma das causas da representação é a confiança e descrença habitarem a mesma morada, quando se trata de discursos políticos. Em ambientes artificiais, a tentativa é parecer o mais natural possível. Na corrida pela autenticidade, vale o fingir. Para se alcançar a simulação de sinceridade, usa-se o enganar. Em meio as crises de subjetividades nada é decisivo porque nada compreende o sujeito de fato (BORRIAUD, 2011, p. 80).

O tempo e espaço contemporâneos são compartimentados pela engenharia doméstica suportada pelas câmeras de controle e pela indústria mundial do imaginário, fazendo com que os signos circulem mais fortemente do que as forças que os conformam.

[O mundo visto pelas beiradas das frestas].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Brás - São Paulo
10 de março de 2016.

desterro
brush sob ilustrator

[- Por que tantos olhos? Perguntou o rapaz.
- Para te enxergar melhor. Respondeu a cidade.]

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília -
São Paulo.

15 de novembro de 2015.

sonda

brush sob ilustrator

O sujeito contemporâneo move-se pela cultura sem se identificar com ela e sem emergir profundamente, justamente pela negação ao silêncio e desaceleração em que são postos (BORRIAUD, 2011, p. 40-41).

O “adiamento do descanso, do ócio e do contato consigo próprio” (MENDES, 2017, p. 29) tem suas consequências e também suas causas. Masi (2017, p. 351-352) distingue sete causas para aceleração, todas ligadas ao trabalho: mal uso do tempo; fundir tempo livre com tempo no trabalho; criar defasagem entre os serviços comerciais e do trabalho; sincronizar e combinar horários de funcionamento da sociedade; exigir que todas as ações de trabalho sejam feitas no ambiente de trabalho; esperar que o tempo de descanso gasto com o trabalho possa se recuperar na aposentadoria; o trabalho é um imperativo divino.

A primeira astúcia organizacional consiste no mau uso do tempo (períodos sobrecarregados de compromissos e períodos incompreensivelmente vazios), na má distribuição das cargas de trabalho (pessoas obrigadas a se matar de esforço, ao lado de colegas que se entediam pela falta do que fazer), no hábito de muitos chefes que, desprovidos de poder na família e impotentes nos locais de trabalho ao infinito, pretendendo manter, com várias desculpas, a companhia de seus empregados.

A segunda astúcia organizacional está em trazer para dentro dos locais de trabalho aqueles serviços que se poderiam frequentar muito melhor no tempo livre: bares, lojas, creches, bancos, bibliotecas, bancas de jornal e tudo o que poderia atrair os trabalhadores fora do seu falanstério empresarial, levando-os a querer uma redução da jornada.

A terceira astúcia organizacional consiste em criar uma defasagem entre os serviços, o trabalho e as vidas familiares: mães obrigada a sair de casa justamente quando os pais regressam (reler um dos deliciosos Amores difíceis de Italo Calvino), lojas que fecham bem no horário em que os trabalhadores saem do trabalho, estudantes de férias enquanto os pais precisam trabalhar.

A quarta astúcia organizacional - igual e contrária

à terceira - consiste em sincronizar e combinar todos os horários, como se toda atividade fosse comparável a uma linha de montagem. Desse modo, pode-se obrigar sem nenhuma necessidade técnica real, que milhões de trabalhadores sigam para o escritório na mesma hora, saiam de férias todos no mesmo dia, regressem ao trabalho todos na mesma data: com superlotação dos aeroportos, caos nas estações, engarrafamentos nas estradas e incontroláveis consequências em cadeia sobre o eros e o tãatos de milhões de pessoas.

A quinta astúcia organizacional consiste em fazer no escritório aquilo que se poderia muito bem fazer em casa: trabalhos de tradução, data entry, projetos, elaboração de documentos e assim por diante, com a consequência de que, em nome da poupança e da eficiência, metade da cidade fica vazia durante o dia e metade da cidade fica vazia durante a noite, enquanto toda a população é obrigada a se deslocar neuroticamente, gastando tempo, dinheiro e tranquilidade, dos bairros habitacionais para os industriais, dos bairros comerciais para os destinados ao entretenimento, à oração, à sepultura.

A sexta astúcia consiste em iludir-se que todas as ocasiões de gozo e crescimento pessoal sacrificadas em nome da carreira durante os anos dedicados ao trabalho poderão ser recuperadas naqueles de aposentadoria. Por isso, grande parte dos trabalhadores acumula massas enormes de livros, discos e filmes, na esperança de podê-los ler, ouvir, ver, degustar quando já será semissurda, semicega ou embotada.

A sétima e mais sutil dessas astúcias organizacionais é de natureza religiosa e consiste na difusa convicção de que o trabalho é um imperativo divino sobre o qual não se admite discussão.

E para os sujeitos que não cedem às astúcias do trabalho em detrimento do tempo livre é acusado de violência, individualismo, queda econômica e disputas (MASI, 2017, P. 353).

Se por uma ótica, Rouanet (2013, p. 368) critica os teóricos do ócio (como, Masi) de confundir a possibilidade técnica de se produzir um bem em menos horas de trabalho e com isso, uma redução da jornada de trabalho, explicando que o que é tecnologicamente possível nem sempre é socialmente posto em prática, por outra ótica, Mendes (2017, p. 29) defende que há uma autoimposição em ser produtivo, marcando a existências dos sujeitos nas cidades e os impedindo de

praticar palavras de calma e de ouvir o outro com atenção.

Se a produtividade está no centro da vida dos habitantes dos centros urbanos, a inaptidão à quietude – verborragia, em oposição ao silêncio – é uma marca comportamental dos sujeitos. A falação tomou conta da realidade e passamos a nos importar com o que não importa (MENDES, 2017, p. 29).

Nesse cenário, Borriaud (2011) vê o meio urbano como uma embalagem do qual o artista-precário irá retirar fragmentos, pois captar a cidade em imagens seria uma forma de acompanhar seu movimento (BORRIAUD, 2011, p. 96-97). A estética do deslocamento se funda nesse colocar-se em marcha, na interrogação política da cidade e, paradoxalmente, habitando suas estruturas e aceitando ser locatário das formas presentes, no território, espaço e lugar que lhe são dados (BORRIAUD, 2011, p. 55-100).

A autenticidade fica a cargo da tradução, da dublagem e da legendagem, o que nas artes se apresenta como expressão e comunicação em formatos móveis, negando qualquer pertencimento a um espaço-tempo ou família estética identificável ou irrevogável. No entrecruzamento das propriedades do espaço e tempo, nasce um território temporal físico, sujeito a uma trajetória, um percurso, onde o *site specific* passa a dar lugar a *time specific* (BORRIAUD, 2011, p. 45-115).

Em 1514, Dürer, na sua obra *Melancolia I*, já apontava esse novo sujeito, que possui a ciência aos seus pés “nas mãos o compasso, ao lado a ampulheta e, atrás de si, no horizonte, um sol amplo e aterrador que escurece o céu” (MATOS, 2013, p. 108). Os instrumentos de medição do tempo e do espaço, que lhe dariam o controle do mundo, são inúteis ao anjo feminino de compleição masculina, prostrado em uma meditação metafísica (MATOS, 2013, p. 108).

Wisnik (2013, p. 248), apoiando-se nos estudos de Borriaud (2009) acusa as artes de horizontalizar-se, por

basear-se no respeito politicamente correto, nas diferenças e na crítica da subjetividade autoral, dando lugar à pirataria, às autorias abertas e ao sampleamento dos motivos originais, como forma de apropriação e recriação, nomeado por Borriaud (2006, p. 9) de pós-produção.

Procurando se contrapor ao consumismo e à coisificação crescente das relações humanas, guiadas pelo individualismo, a assim chamada estética relacional busca uma utopia de proximidade, que interpretando o legado dos anos 1960 e 1970, procura transformar o processo de criação e recepção dos trabalhos de arte em momentos compartilhados de diálogo e negociação, que se convertem, por vezes em declarado utilitarismo, criando postos de serviço para a população. Desenhando objetos de mobiliário urbano, a arte tende muitas vezes a assumir, no 'campo ampliado' contemporâneo, a forma positiva da arquitetura e do design.

A arte passa a ser compreendida com as lentes do declínio histórico da noção de trabalho, flexibilizado e cada vez mais precarizado (WINISKY, 2013, p. 250), como se o sujeito estivesse na medida do desaparecimento como qualquer objeto inanimado, perdendo a existência como fim (MATOS, 2013, p.111). É possível, em uma sociedade de consumo, estabelecer relações entre a ubiquidade da imagem e abolição da opacidade do mundo. A matéria em poder do artista, perde sua resistência, pela relação com o trabalho e a descrença no instrumento de percepção como forma de inteligência(WINISK, 2013, p. 251).

3º Nó
O NÃO-LUGAR

“Primeiro nós moldamos as cidades,
depois elas nos moldam.”

GEHL (2010,p.9).

3º Nó:
o território de embate,
tempo e espaço que abrigam o sujeito

Milton Santos (2006, p. 182) entende por território uma totalidade resultante de um contrato que é limitado por uma fronteira. Embora, as fronteiras possam se enfraquecer pela mundialização (entendendo mundialização como aproximação de pessoas por semelhança de interesses) não são totalmente desfeitas, pois em algumas situações, os Estados e suas formas de regulação e controle impedem que assim seja feito. Em algumas situações e não em todas por não ter poder absoluto sobre o conhecimento.

No contemporâneo, os usuários do conhecimento e o conhecimento passam a ter uma relação mercadológica de consumidores e produto. O conhecimento deixa de ser para si mesmo seu próprio fim, atendendo como produto certas leis de mercado. O que não exime as cidades, ao estarem em um sistema próprio do capital, estarem submissas também as suas regras.

A informação passa a ser na sociedade contemporânea um item de poder. Da mesma forma que, em épocas anteriores, dominar territórios, ter matérias-primas e deter a mão-de-obra foi objeto de competição. Tratada como mercadoria e posta como moeda, a informação faz com que os detentores da decisão tomem partido de quais dados servirão para pagamento e quais servirão para manter o vínculo social entre os sujeitos, e ainda, quais meios servirão de caminho para o destinatário que muitas vezes não conhecerá o remetente e nem terá conhecimento absoluto sobre o referente, apenas os que forem permitidos transitar pelos canais de distribuição.

E quanto mais a existência e a evolução da sociedade dependem das informações e da facilidade de decodificação das mensagens mais o Estado é cobrado por uma ideologia de transparência comunicacional e tal cobrança está estritamente ligada à comercialização dos saberes.

A relação entre as instâncias econômicas e as instâncias estatais torna-se cada vez mais uma relação de direito. Já as relações estatais com a sociedade civil tornam-se cada vez mais genéricas. O Estado perde a capacidade total de proteção, guia e até a de planejador de investimentos, pois as decisões são tomadas por representantes do poder privado. Com isso, acontece uma dissolução do vínculo social da sociedade civil com o Estado que, por sua vez, depende do serviço de informações prestado pelos decisores. Sendo assim, o espaço urbano tem sido generalizado pelo centro, pela cidade, onde se produz localidade e, portanto, poder de troca. O poder de troca não é democrático. Poucos têm condições de participação, da mesma forma acontece com o uso da cidade.

Muitos são chamados a investir na cidade, com seu capital ou com seu trabalho, porém, poucos têm o direito de uso sobre a cidade. Isto é, todos contribuem, porém, poucos usufruem da cidade. Desse modo, a consequência da fragilidade do Estado resulta em má distribuição, ou distribuição desequilibrada.

d e s a c e l e r e

O poder de uso e de troca não são igualmente distribuídos e o Estado que por função poderia equalizar a situação não o faz, pois é autorizado a interferir apenas quando falta equilíbrio entre oferta e demanda de espaços.

O território tem como característica ser “marcado por um cotidiano compartilhado mediante regras que são localmente formuladas ou reformuladas” (SANTOS, 2006, p. 109). As regras na cidade se alteram sempre que demandada pelo consumo.

Por cidade toma-se as definições de Ascher (2010, p. 19) e Léfèbvre (1972, p. 65): é um objeto espacial que ocupa um lugar e uma situação, sendo portanto, uma projeção da sociedade sobre um local (LÉFÈVRE, 2001, p. 56); com agrupamentos de população que não produzem seus próprios meios de subsistência alimentar (ASHER, 2010, p. 19). As cidades, desde sua origem, tem como característica a divisão técnica, social e espacial de sua produção. O que pressupõe afirmar que estão intimamente ligados àqueles que produzem bens de subsistência e bens manufaturados: artesãos; bens simbólicos: religiosos, artistas; poder e proteção: guerreiros (ASCHER, 2010, p. 19). Quanto maior a capacidade de gerar reagrupamento e interligação de pessoas em uma cidade, maior será seu poder de urbanização (ASCHER, 2010, p. 19).

Costa (20015, p. 42-43) esclarece que as periferias, vista pelo olhar da economia e da política da urbanização, pode ser considerada uma não-cidade por ser um espaço funcionalizado pelo capital, porém, separada do espaço de poder (COSTA, p. 42-43).

Com a privatização de empresas nacionais e a desregulamentação da economia, o mercado globalizado ganha força impondo novas lógicas de centralidade mundial, colocando as cidades, como importantes atores econômicos e políticos, cidades estas que Wisnik (2013, p. 249) entende por cidades globais.

Wisnik (2013, p. 249) afirma que as cidades globais estabelecem-se em meio a processos econômicos cada vez mais transnacionais, envolvendo fluxos de mão-de-obra, matérias-

primas, mercadorias, pessoas e capitais. Léfèbvre (1999, p. 33-34) completa esse pensamento ao dizer que cada modo de viver, cada modo de produção produz um tipo de cidade, que demonstra “de maneira imediata, visível e legível no terreno, tornando sensíveis as relações sociais as mais abstratas, jurídicas, políticas, ideológicas”.

Ascher (2010, p. 20) explica que a forma da cidade seja de construção espontânea ou não, reflete e cristaliza as lógicas das sociedades que a acolhem, portanto, como aponta Persichetti (2017, p. 30) enxergar uma cidade é ver além de ruas e construções, mas perceber o sujeito que nela habita e a constrói, desse modo, o sujeito que a consome passa a ser parte integrante do ser urbano.

São as colunas, o mármore, o concreto, as esculturas, as curvas, os desenhos da rua. A luz e a sombra que nos tornam participantes de uma estrutura nos fazem habitantes de determinado lugar. A história e a historicidade da cidade estão marcadas em seus muros, nas destruições, nas construções e no entendimento de arquitetos, artistas e moradores que fazem de uma cidade sua vida, seu modo de ser (PERSICHETTI, 2017, p. 30).

[Verde e cinza: sujeitos com tempos e velocidades diferentes].

Imagem captada pela pesquisadora na estação Pinheiros - São Paulo.

17 de novembro de 2015.

variante
brush sob ilustrator

Ao se falar sobre cidades e urbanismo, a questão do que vem a ser público é posta à tona. Silva (2014, p. 21) esclarece que o conceito de público ganhou um significado político, no qual os sujeitos aprendem uns com os outros e se suportem reciprocamente, reforçando a democracia. No entanto, o espaço democrático não é a comunicação no sentido estrito, mas a isostenia, alerta Sloterdijk (2008, p. 82), que consiste "em impedir que os outros cometam atos extremamente unilaterais". Sendo assim, para que exista o espaço democrático é preciso que exista o espaço público.

O que acontece, porém, é diferente da teoria. Silva (2014, p. 23) menciona que mesmo a esfera pública, sendo uma criação de todos que ali subsistem, em sua formação tem participação de grupos privilegiados, nomeados por elites, que são um conjunto de pessoas cujas atividades e decisões tem transcendido a esfera privada, incidindo sobre o público, decidindo além do círculo da família e do ambiente de trabalho imediato (COLCIENCIAS, 1997).

São as elites que deliberam e decidem, na maioria das situações, os assuntos públicos, em concordância com as pressões populares e sociais. É possível argumentar dessa forma que os movimentos cívicos adquirem vital importância, colocando-se muitas vezes, quanto a sua capacidade motivadora, no lugar que antes ocupavam os sindicatos ou as manifestações de grupos de esquerda (SILVA, 2014, p. 23-24).

Santos (2006, p. 21) alerta que os territórios não são igualmente desfrutados pelos sujeitos, "o território é na verdade uma superposição de sistemas de engenharia diferentemente datados, e usados, hoje, segundo tempos diversos". E acrescenta que apenas os que exercem maior controle teriam acesso irrestrito ao uso desses territórios ou seja, "só os atores hegemônicos se servem de todas as redes e utilizam todos os territórios" (SANTOS, 2006, p. 26).

[O mapa apontava pontos de silêncio.
Mas ouvi falar que há pessoas lá, muitas pessoas].

Imagem captada pela pesquisadora na estação de metrô
República - São Paulo.

16 de novembro de 2015.

desalinho
brush sob ilustrator

A má distribuição dos territórios influem na percepção que se tem de uma cidade e dos que nela habitam. Silva (2014, p. 37) observa que não se constroem imaginários individuais, “e não há construção pública se estes não vão além do íntimo e do privado”. O sujeito não vê o que está diante dos olhos, o que enxerga é o que se imagina em grupo e é imposto como percepção.

O imaginário é uma aura, uma atmosfera, um “plus”, um excedente, uma interpretação, uma significação, um sentido relevante individual ou socialmente atribuído a um acontecimento. O imaginário é o fato que passou a ter sentido para alguém. Todo imaginário é um revestimento, uma cobertura, uma sequência de camadas aplicadas sobre um acontecimento, uma obra, um fenômeno, um evento, um trauma, um feito.

Só há imaginário na medida em que existe real. O imaginário funciona como acréscimo ao real, não podendo, portanto, prescindir dele. O que é o real? O existente sem a significação atribuída pelo imaginário.

(...)

O que é o real? A depressão. O real é a vida sem o sentido a ela atribuído em nossas apropriações cotidianas. O deprimido é alguém que não atribui mais camadas imaginárias ao real. Vê o fato como fato (SILVA, 2014, p. 30).

É através do imaginário de uma cidade que se identifica a cultura dos sujeitos que fazem dela uso. A “reiteração do simples desejo individual como se fosse um imaginário coletivo não seria mais um comportamento isolado” (SILVA, 2014, p. 30). As dimensões estéticas das cidades possuem proximidade com os imaginários que nela estão, sendo verdades sociais não científicas, mas simbólicas. E é nesse processo de selecionar e reconhecer os simbólicos que nasce a urbe. A urbe, portanto, é “objeto simbólico e imaginário de uma cidade” (SILVA, 2014, p. 35).

Ao afirmar-se (os simbólicos) nasce o urbano. Léfèbvre (1986, p. 159) define urbano como “simultaneidade, a reunião, é uma forma social que se afirma”. Costa (2015, p. 49) vê a urbanização brasileira como desigual e excludente.

Com relação à urbanização é importante considerar

que, longe de ser um processo homogêneo e genérico, como frequentemente aparece nas modelagens de cenários futuros, a urbanização brasileira é essencialmente desigual e excludente, materializando-se em diferentes formas e intensidades. De um lado, há a desigualdade entre sujeitos, famílias e grupos sociais envolvendo a desigualdade socioeconômica e cultural, de direitos e de poder, nas formas de acesso à terra e à habitação, nas possibilidades de apropriação da cidade e de seus atributos, nas oportunidades de trabalho e acesso a serviços, entre outras. De outro lado, existe a desigualdade entre os lugares e a capacidade de seus governos em implementar políticas públicas, inclusive planejamento: desigualdade na capacidade financeira, administrativa e política, desigualdade para atrair investimentos produtivos ou culturais, para lidar com as demandas urbanas e sociais, para influir na disputa pela apropriação de recursos naturais e bens ambientais (COSTA, 2015, p. 49).

Da mesma forma que o sujeito cria imaginários através da cidade, a cidade possibilita recriar outros imaginários e interiorizar normas; normas essas que interiorizadas servem de discurso político e aceitação de censura. Os espaços de parada fazem o sujeito sentir como se tivesse o direito de parar a qualquer momento, porém esse direito é facultado a uma elite; que domina os processos de urbanização.

Santos (2015, p. 80) mostra que a urbanização altera a forma como o sujeito se relaciona com o tempo e com o espaço, consigo e com o outro. Dessa forma, afirma-se que a cidade (espaço) por construir e constituir-se do imaginário de um grupo, altera a percepção de velocidade que se tem do tempo em que se está. Silva (2014, p. 39) reforça esse pensamento ao colocar que as regras sociais de uma cidade são vistas não apenas com os olhos físicos, mas com o imaginário que se tem dela, que por sua vez nutrem as operações cognitivas da cidade. O sujeito raciocina partindo de emoções presentes na cidade que dá forma ao pensamento do sujeito (SILVA, 2014, p. 39).

Urbanizar é carregar de significado o cotidiano, pois a presença de vários grupos de sujeitos representa a percepção individual de cada um (SILVA, 2014, p. 51-52). Sendo assim, Harvey (2005, p. 166) manifesta que não se pode separar a urbanização das mudanças sociais, o que ocorre com certa frequência nos estudos de urbanização, pois é cenário de mudanças sociais e econômicas de um tempo. Da mesma forma não se pode omitir o Estado, uma vez que, segundo Somekh (2014, p. 42), é o Estado que desenvolve o monopólio das ideias sobre o planejamento territorial, constituído por regulamentos na organização da cidade. Confirmando o papel do Estado na urbanização, Léfèbvre (1974) lembra que o Estado intervém no espaço e o produz de forma policiada.

O urbano é uma construção social, política, mas também de mercado. A economia, explica Wisnik (2013, p. 251), usa da autovalorização especulativa financeira dos imóveis para controlar os parâmetros de crescimento da cidade, usando da forma arquitetônica para demonstrar as materialidades simbólicas. Maricato (2015, p. 23-24) indica que o mercado passa a lucrar dependendo da ação do Estado. Mais uma vez, as elites dominando os sistemas de riquezas em determinados imóveis e bairros.

A renda fundiária ou imobiliária aparenta ser uma riqueza que flutua no espaço e aterrissa em determinadas propriedades, graças a atributos que podem estar até mesmo fora delas, como por exemplo um novo investimento público ou privado feito nas proximidades. A legislação e os investimentos urbanos são centrais para "gerar" essa riqueza que irá favorecer (valorizar) determinados imóveis ou bairros. Esse é um dos principais motivos para as disputas sobre os fundos públicos em obras. Por exemplo: o que será construído e, especialmente, onde. Abertura de avenidas, pontes, viadutos, parques, pode mudar o preço do metro quadrado nas suas proximidades. Por isso, os *lobbies* imobiliários atuam fortemente junto aos Executivos e Legislativos de todos os níveis de poder (MARICATO, 2015, p. 23-24).

Algumas ações de urbanização são priorizadas em detrimento de outras pelo Estado e pelo mercado, de forma a

condicionar o êxito do projeto nacional (SOMEKH, 2014, p. 42). Sendo assim, o inimigo político passa a ser o sujeito que possui informação estratégica e oportuna que possa ameaçar o Estado ou as grandes organizações (SILVA, 2014, p. 69), transformando o espaço urbano em espaço estratégico de luta política (LEFEBVRE, 1974), passando a se impor como crucial (SOMEKH, 2014, p. 46).

A importância do capital financeiro está, segundo Soja (1993), na sua crescente absorção da mais-valia no consumo coletivo, na reprodução da força de trabalho e da ordem social, e na produção industrial contínua do espaço urbanizado. Caberá a ele papel preponderante na expansão imperialista na virada do século XX, que concentra capital nos centros dos países industriais avançados, provocando demanda de investimentos infraestruturais e melhoria de habitação e serviços urbanos. Métodos de controle social serão necessários para tornar eficaz o funcionamento desses sistemas urbanos, com vistas a acumulação de capital e à gestão da inquietação social. Assim se introduz, mais diretamente, o capital financeiro no planejamento espaço urbano. E mais significativo ele será na moldagem desse espaço se conjugar suas ações com outro agente de regulação e reestruturação espacial, o Estado (SOMEKH, 2014, p. 42).

As definições e características entre público e espaço urbano não são as mesmas. Silva (2014, p. 119) define público como uma instância a ser conseguida, com característica de estar em disputa, em confronto e possuir conotação política. O espaço público, assim como a arte pública estão predispostos à política (SILVA, 2014, p. 118). Os espaços urbanos, diferente do público, são medidos pelo consumo, regulamentados e institucionalizados (SILVA, 2014, p. 119). Assim como o espaço público não tem a mesma conotação que espaço urbano, falar de arte pública não é o mesmo que falar de arte no espaço público.

Embora o termo "arte pública" surja da necessidade de propiciar uma nova relação com o cotidiano urbano e, portanto, com a vida social, permitindo um contato mais real com a vida para colocar em jogo forças diferentes daquelas encontradas no ambiente de uma galeria, é oportuno falar de "arte pública" a partir de uma dupla tradição: de um lado, aquela atada ao contexto físico, arquitetônico e histórico, que

coloca grandes esculturas em espaços abertos das cidades e, de outro, a estratégia ligada aos contextos sociais e antropológicos, identificada como "novo gênero de arte pública", "arte litoral", "arte dialógica", "arte de intervenção", "arte contextual", "arte de base comunitária", "arte de interesse público" (SILVA, 2014,p. 121).

O contemporâneo propicia que as artes ambientem-se de subjetividades representadas por materiais antes considerados não nobres: é a aproximação da vida diária na arte (SILVA, 2014, p. 120). Desse modo, a arte urbana etiqueta as expressões urbanas, dependendo do seu "grau de criação e não estejam em princípio voltadas para fins comerciais nem para recriar alguma imagem institucional" (SILVA, 2014, p. 124). A arte urbana, portanto, é um ato político.

Voltando ao pensamento que, o público é o espaço de disputa e conquista, e ainda apoiado nos estudos de Calliari (2016, p. 27), pode-se afirmar que a formação de espaços públicos na cidade são demonstrações físicas da importância que uma sociedade atribui à convivência, ao encontro e ao ato de manifestar. Calliari (2016, p. 40) demonstra que "a nova configuração urbana quebra as condições segundo as quais estranhos podem se encontrar no mesmo espaço," pois institui limites nos ambientes e, contrariamente, provoca uma heterogeneidade social e conflitualidade, conforme aponta Mongin (2009, p. 29).

O viver em condomínios murados, frequentar clubes fechados, consumir em *shoppings centers*, concentrar-se em centros empresariais, inverte as hierarquias que fundamentam a experiência urbana, ameaçando a qualidade das relações entre os sujeitos. Tanto Calliari (2016) como Mongin (2009) acreditam que essa relação alterada resulta em "perda do papel simbólico do centro. Prevalência das relações periferia-periferia sobre as relações periferia-centro" além de haver "prevalência dos fluxos sobre os lugares" e

“prevalência do privado sobre o público” (CALLIARI, 2016, p. 40).

O mundo, para Milton Santos (2006, p. 182), é a primeira totalidade que pode ser concreta, mas também aparece “empiricizado” por intermédio de redes no tempo contemporâneo. Outra totalidade é o lugar, “onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças a ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa”.

O território nacional, pela visão de Milton Santos (2006, p. 35), é um conjunto de lugares. Embora, o ideal seja uma cidade construída para um todo, o que se observa é que aquele que detém o capital tem maiores chances de gerar capital, portanto, a cidade vai sendo construída de individualidades e generalizada pelo centro. Essa construção tem apoio do medo, dos *media*, do excesso de segurança e da dívida.

Os *media* se apoiam no cansaço provocado pelo trabalho e a necessidade do sujeito pelo descanso aliado à culpa do ócio, para gerar o que Echeverría (1994, p.189) chama de telepolismo.

Um cidadão sentado na poltrona diante da televisão não só descansa e consome transmissões, mas “faz audiência”: junto com os outros milhões de telespectadores sintonizados no mesmo canal, determina seu sucesso de público e, portanto seu valor comercial. Descansando, produz valor sem sequer se dar conta. Não produz valor para si, mas para aqueles *gate-keepers*, para aqueles “porteiros” da informação (proprietários de *networks*, *anchormen*, locutores de televisão) que extraem poder e dinheiro do índice de audiência (MASI, 2017, p. 300).

O telepotismo é favorecido desde a primeira infância do sujeito, na qual televisões ligadas freneticamente amortizam o bebê que chora e os jogos infantis digitais

instigam o mesmo sujeito em sua idade escolar, preparando-o para a fase adulta de telespectador sintonizado e gerador de audiência, privando-o de tempo livre para construção de um pensamento aprofundado sobre si e sobre o mundo que o cerca.

A cidade, lugar por excelência de reprodução da força de trabalho (MARICATO, 2015, p. 22), reflete os costumes daqueles que a fabricam. Nas cidades atuais em detrimento às anteriores, Coelho (2011, p. 94) indica que restaram o trabalho massacrante, o morar indigno e o deslocar-se eterno. Os espaços tanto de lentidão como aceleração são produzidos por quem detêm o capital, pois ironicamente produzir espaços de lentidão, de desaceleração para os detentores de renda torna-se importante para que tenham tempo para pensar em como continuar detendo renda.

Por outro lado, para o motor, os menos favorecidos economicamente, também importa que se tenham espaços de descanso, mas o suficiente para não permanecerem por muito tempo e deixarem de alimentar o sistema produtivo, exemplo disso, é o fato dos espaços não se apresentarem no mesmo formato para ricos e pobres.

É na cidade onde se dá a reprodução da força de trabalho e geração de renda, porém a renda não é suficiente para que um sujeito tenha qualidade de vida. Maricato (2013, p. 33) defende que boas condições de vida dependem de políticas públicas urbanas de forma equalizada: "transporte, moradia, saneamento, educação, saúde, lazer, iluminação pública, coleta de lixo, segurança." Desse modo, a forma como as cidades são moldadas influenciam no uso que o sujeito faz de seu tempo.

A cidade além de servir e servir-se de palco para o trabalho, apresenta-se como negócio para os capitais que recebem lucros com sua produção e exploração, sendo portanto espaço de luta de quem requer melhores condições de vida e

quem tem o propósito de extrair ganhos financeiros (MARICATO, 2013, p. 33).

O conhecimento apontado por Lefebvre (1974) dos circuitos produtivos e financeiros, como circuitos paralelos, pode ajudar a explicar os períodos de aumento da verticalização. O conceito de Estado como representante das classes dominantes, porém com relativa autonomia, poderá elucidar as ações e os discursos elaborados pelos urbanistas desde 1918, com Victor da Silva Freire referindo-se a rendimentos e, mais adiante, Anhaia Mello e sua expressão da cidade como negócio, denotando o interesse explícito dos urbanistas de operar dentro das estratégias de valorização do capital que já ocorria com a aplicação do zoneamento desde os seus primórdios na Alemanha e nos Estados Unidos (SOMEKH, 2014, p. 42).

O mercado molda o espaço urbano de acordo com seus interesses de obter lucros, juros ou rendas (MARICATO, 2014, p. 22), a consequência é o sucateamento da esfera pública em detrimento do consumo coletivo (MAGALHÃES, 2015, p. 146). Os capitais que lucram com a exploração do espaço urbano, o fazem por ver a cidade como mercadoria resultante de relações mercadológicas, onde a renda imobiliária é o motor central.

Se lembramos que a terra urbana, ou um pedaço de cidade, constitui sempre uma condição de monopólio – ou seja, não há um trecho ou terreno igual a outro, e sua localização não é reproduzível – estamos diante de uma mercadoria especial que tem o atributo de captar ganhos sob a forma de renda (MARICATO, 2015, p. 23).

A exploração do espaço urbano e o sucateamento do espaço público se apresentam principalmente no deslocamento dos sujeitos do centro para as periferias distantes. O que se dá frente: ao alto valor dos espaços centrais, por receberem maior infraestrutura devido aos centros comerciais e financeiros; pelo deslocamento dos espaços amplos e controláveis para a periferia, na intenção de manter a ordem pública, afastando as guerrilhas; afastar os olhares da elite da miséria causada pela má distribuição de infraestrutura pública (MASI, 2017, p. 283).

São três as prioridades que orientam a abordagem da burguesia ao problema: melhorar as condições

sanitárias da moradia para evitar que seja arrastada aos desastres epidêmicos que ela mesma provoca; melhorar as habitações para torná-las capazes de produzir mais, tanto na fábrica quanto no lar; construir e vender casas não demasiado confortáveis para não encarecê-las, mas nem tão precárias para barateá-las demais. Na hora de fechar as contas, o físico e o sanitário se unem, portanto, aquele ligado à mais valia da produção e este ligado ao valor dos aluguéis. Mais tarde, quando os proprietários das fábricas tornam-se também proprietários das casas de seus funcionários, dobra seu poder de extorsão e pressão sobre estes últimos. O Estado, por seu lado, não tem nenhum motivo estrutural para se opor a essa solução parcial e oportunista do problema (MASI, 2017, p. 283-284).

A periferia não se limita a questões espaciais, pois espaços próximos do centro da cidade podem ser periféricos - isto se relaciona também às questões temporais. O sujeito resultado desse cenário e ao mesmo tempo formador dele, busca maximizar suas satisfações pessoais, levando em conta suas restrições orçamentárias, calculando riscos e avançando ou retrocedendo em cada situação que lhe é dada, "tornando-se um empreendedor de si mesmo" (MAGALHÃES, 2015, p. 151-152).

O trabalho é incorporado às ações e pensamentos do sujeito, sem deixar folga a ações coletivas que não estejam ligadas a escolhas racionais com potencial financeiro-econômico envolvido. Quem media esses comportamentos é o Estado que envia sinais de autorização ou reprovação das ações que é interpretado e apreendido pelo sujeito e o faz se adaptar as condições enxergando oportunidades e se posicionando de forma a aproveitá-las (MAGALHÃES, 2015, p. 151-152). Fica claro a dominação e a distribuição desequilibrada de recursos, porém o Estado e o mercado neoliberal entendem que o próprio sistema de certa forma se equaliza, um exemplo é que o sujeito que tem dívida aceita viver em periferias para que possa se abastecer e abastecer a cidade.

O medo projetado pelos *media* aumenta o receio de não poder honrar com sua dívida. O que detém o capital tem medo

de perder o capital acumulado e com isso se fecha em condomínios horizontais, assegurado por câmeras, renegando a rua e a cidade.

(...) tempos produtivos e felizes para fabricantes de sistemas de segurança, circuitos fechados, câmeras ocultas, armas, crônicas marrons nos jornais, e notícias violentas e escandalosas dos telejornais; toda uma indústria de imagens e de criação de estados mentais de angústia e impotência, o que permite observar como os imaginários têm este outro lado corrosivo de se colocar em circulação através das indústrias do medo que vivem prevenindo-os ao mesmo tempo em que os incitam. Onde há mais mecanismos de segurança ostensivos, há mais medo potencial para desenvolver os medos: esse é o paradoxo da máquina paranoica imparável que se alimenta de si mesma (SILVA, 2014, p. 71).

Magalhães (2015, p. 149) reforça o pensamento de Silva (2014) e Mais (2017) quando diz que quando o sujeito tem noção que a cidade é um espaço de medo, risco e violência, passa de certa forma a retroalimentar o sistema, protegendo-se e separando-se do que é diferente, o que por si só já é uma violência. Ver a cidade desta maneira implica trabalhar com o processo contínuo de "subjetivação em torno do espaço urbano, e esse é um processo fundamental na construção do que a cidade se torna, nos seus devires."

A arquitetura das cidades também é alterada, apresentando-se como uma arquitetura do medo. Dessa arquitetura, Bauman (2009, p. 63) fala de casas não vistas que são projetadas e construídas com exteriores hostis, semelhantes a fortalezas, desconcertando e constrangendo quem se aproxima das guaritas embelezadas e protegidas por sujeitos uniformizados com ornamentos provocadores e caros. A estética do medo e da intimação se mostra também nos espaços públicos das cidades, transformando-a sem cessar - embora furtivamente - em áreas extremamente vigiadas, dia e noite. A inventividade não tem limites nesse campo" (BAUMAN, 2009, p.63).

[O concreto que sustenta a velocidade é o mesmo que convida a parar].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília - São Paulo.

15 de novembro de 2015.

barricada
brush sob ilustrator

A cidade não é apenas vista, mas também sentida pelos sujeitos que a constituem, com isso pode se dizer que há diferenças entre espaço e lugar. Certeau (1998) faz uma distinção entre espaço e lugar, sendo o lugar uma indicação de estabilidade que configurará em posições determinadas. No lugar, os elementos se distribuem uns ao lado dos outros, em relação de coexistência, onde cada qual é situado em um lugar próprio, condição para que se defina (CERTEAU, 1998, p. 201).

Diferentemente do lugar, o espaço para Certeau é um lugar praticado. "Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres" (CERTEAU, 1998, p. 202). Construir uma cidade que facilite o trânsito somente para automóveis, é o mesmo que inviabilizar as transformações de lugares em espaço, onde se pratica a vida urbana. O problema teórico e prático que o lugar traz é quanto as suas fronteiras, uma vez que não deve delimitar posse, mas mediação entre lugares. Para Certeau, "o rio, a parede ou a árvore faz fronteira. Não tem o caráter de não-lugar que o traçado cartográfico supõe no limite. Tem um papel mediador" (CERTEAU, 1998, p. 2013).

Para Augé tanto o conceito de lugar como de não-lugar ganham uma conotação diferente da empregada por Certeau. O lugar para Augé é consumado através da palavra, pela "troca alusiva de certas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores" (AUGÉ, 2009, p. 67). Augé reserva o termo lugar antropológico a um espaço concreto e ao mesmo instante simbólico "a qual se referem todos aqueles aos quais ela atribui uma colocação, por humilde ou modesta que seja" (AUGÉ, 2009, p. 46).

Uma vez que o lugar depende daquele que o compreende, torna-se variável quanto à escala de espaço antropológico, pois "é simultaneamente princípio de sentido para os que o habitam e princípio de inteligibilidade para aquele que o

observa" (AUGÉ, 2009, p. 46). Os lugares, de acordo com Augé, possuem três características: querem-se e querem-nos identitários, relacionais e históricos (AUGÉ, 2009, p. 47). A relação histórica "que assombra as nossas paisagens talvez esteja em vias de se estetizar e simultaneamente, de se dissocializar e de se artificializar" (AUGÉ, 2009, p. 63).

d e s a c e l e r e

Ainda se tratando da característica histórica a que faz parte o lugar, Augé diz que são repertoriados, classificados e promovidos a "lugares de memória", ocupando nela uma área circunscrita e específica (AUGÉ, 2009, p. 67). Enquanto que para Certeau (1998) o espaço é o lugar praticado, para Augé o mesmo termo é *pari passu* dos não-lugares. Augé, porém, não faz tal relação sem referenciar Certeau, indicando que o faz de forma consciente quando diz "O espaço para ele, é um 'lugar praticado', 'um cruzamento de mobiles': são os transeuntes que transformam em espaço a rua geometricamente definida como lugar no urbanismo" (AUGÉ, 2009, p. 68).

O não-lugar é entendido por Augé como espaço constituído em relação com certos fins (transporte, trânsito, comércio, tempos livres), e a relação que os

sujeitos mantêm com esses espaços. Tal relação se dá de forma solitária e contratual, o não-lugar pode ser entendido como território de passagem, onde se estabelece de forma mediatizada "relações de si próprio consigo e com os outros que só indiretamente têm a ver com os seus fins: do mesmo modo que os lugares antropológicos criam social orgânico, os não-lugares criam contratualidade solitária" (AUGÉ, 2009, p. 79-80). Por esse motivo, Augé chega a dizer que o espaço do viajante seria o arquétipo do não-lugar (AUGÉ, 2009, p. 74).

d e s a c e l e r e

A relação que se dá com o não-lugar é sempre contratual e os contrastes são lembrados aqueles que o perpassa (AUGÉ, 2009, p. 85). O não-lugar, assim como o lugar também é regido por certas senhas que são acionadas todas as vezes que não cumpridas (AUGÉ, 2009, p. 85), desde placas com avisos, fazendo uso do verbo em modo imperativo à vestimentas que diferenciam abruptamente o sujeito dos demais que frequentam o lugar, ou o contrário, quando o não-lugar pretende diferenciar os envolvidos e os mesmos não se submetem a tal esforço, como no caso do uso dos uniformes.

d e s a c e l e r e

[Tem dia que sim, tem dia que não].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Santa Cecília - São Paulo.

Placa na entrada do minhocão, onde é desautorizado o uso de carros, motos e caminhões aos domingos. Neste dia, os pedestres são autorizados a circular.

15 de novembro de 2015.

inconsistência

brush sob ilustrator

Para os demais que passam, ocasionalmente, pelo não-lugar, o anonimato lhes permite uma identidade provisória e partilhada, bem como uma libertação com o cuidado à aparência: "o anonimato relativo que se liga a esta identidade provisória pode ser experimentado como uma libertação por aqueles que, por um tempo, deixam de ter de manter a sua condição, de manter a sua posição, de cuidar da sua aparência"(AUGÉ, 2009, p. 85).

Augé sinaliza, porém, que esse anonimato só é conquistado após o sujeito (que o autor chamará de passageiro) fornecer provas de sua identidade, demonstrando que faz parte de um lugar antropológico e está apto de certo modo a assinar um contrato de regras. O contrato, por outro lado, refere-se sempre "à identidade individual daquele que o subscreve"(AUGÉ, 2009, p. 86), fazendo portanto do não-lugar o espaço sem identidade singular "nem relação, mas solidão e semelhança" (AUGÉ, 2009, p. 87). "Não há individualização (direito ao anonimato) sem controle de identidade." (AUGÉ, 2009, p. 86). "De alguma maneira, presume-se sempre que ao utilizador do não-lugar cabe provar a sua inocência" (AUGÉ, 2009, p. 86).

O não-lugar tem alterado sua estética e apagado os vestígios de inteligibilidade. O efeito de contiguidade deu posto ao metafórico. Se antes as estações de trem eram pontos fortes na cidade, hoje os sistemas aeroviários contam com aeroportos fora da cidade; os prédios comerciais e burocráticos apresentam-se neutros; as igrejas aparentam como os ginásios esportivos ou como anfiteatros das universidades, é "necessário recorrer a outros media (o luminoso em neon, a placa, o entorno) para que uma construção se diferencie da outra e assinale função" (COELHO, 2011, p. 95).

um espaço de fluxo, termo cunhado por Mongin, é definido pelo transporte e não pela permanência. É

fácil de ser encontrado nas grandes metrópoles, pois trata-se do espaço resultante da construção de um elevado, um viaduto, uma via expressa. Essas intervenções, decididas a partir do ponto de vista do transporte, facilitam a circulação, mas deixam bairros e praças cortados ao meio (CALLIARI, 2016, p. 41).

O não-lugar nega a percepção. Peixoto (2005, p. 290) alerta que o não-lugar implica em não ver. Refuta tanto a localização quanto a percepção que se tem dele, o que questiona a possibilidade de mapeamento por um deslocamento de um ponto focal. Os mapas são tridimensionalmente abstratos, indicando a ilocalizadade do não-lugar. Masi (2017, p. 291) completa: "nunca sabemos se estamos 'dentro' ou 'fora' de algum lugar: percorremos ruas cobertas". Augé (1998, p. 4) defende que esse sentimento de deslocamento soma-se ao ignorar dos itinerários individuais.

Para Masi (2017, p. 294), com o multiplicar dos não-lugares, os sujeitos passam a viver uma parcela cada vez maior de seu tempo, entregando-se ao sentimento de pertencer a ele, pela familiaridade que constroem. Habitua-se retornar aos não-lugares, não para que o sujeito tornar-se homogêneo, mas para que possa ser ele mesmo com sua autonomia protegido pelo anonimato, o que convida ao narcisismo. Masi retoma as reflexões de Augé ao dizer que o não-lugar por um lado "não cria uma identidade individual, nem uma relação, mas solidão e semelhança"; de outro lado, deve admitir que "é o não lugar que cria a identidade compartilhada" (MASI, 2017, p. 295).

É no não-lugar onde estão dispostas as galerias de arte que trazem materiais relativos aos lugares, porém Peixoto (2005, p. 290) indica que as relações entre lugar e não-lugar não são apenas registros do que existe no local e sim um mapa que aponta para um espaço específico, porém fragmentado que não se pretende reconstituir as configurações e intervenções ali representadas.

A representação mais clara do que vem a ser os não-

lugares está na configuração do *shoppings centers*. Bauman (2000, p. 114-117) explica que as multidões ao preencherem os corredores dos *shoppings* aproximam-se do ideal-imaginário do que vem a ser uma comunidade e pelo conforto não há esforço por empatia, compreensão e nem concessão. Os *shoppings centers* são templos de consumo que se estabelecem nas cidades, porém não fazem parte dela, pois o mundo comum é temporariamente transformado, completamente outro a cidade, tendo como tarefa principal o consumo como entretenimento exclusivamente individual (BAUMAN, 2000, p. 114-117).

A cidade ao mesmo tempo em que é antropológica, no sentido de vomitar, cuspir e deportar o que se faz diferente, dificultando a transposição a pé e impedindo a interação social, também se mostra antropofágica pois ingere, devora e suspende a alteridade, “os *shopping centers* são expressão típica dessa categoria, ao criarem ambientes de autossuficiência e artificialidade” (CALLIARI, 2016, p. 43). Calliari (2016, p. 43) identifica nos não-lugares espaços onde não se atribui significado e a esses nomeia de espaços vazios. Bauman (2000, p. 114-117) explica que esses lugares não são proibidos, mas vazios e inacessíveis, uma vez que são invisíveis. A exemplo se tem as estradas vazias que acompanham as linhas de trens.

Os espaços vazios corroboram para a morte das cidades. Mongin (2009, p. 17) alerta que as cidades não morrem com grandes alardes, nem quando sua população a abandona em uníssono, as cidades morrem quando a população sofre com transportes penosos que fazem os trabalhadores desistirem dos empregos dos quais dependem para sua subsistência; as cidades morrem aos poucos quando o sujeito não sente-se seguro em andar pelas ruas ou até mesmo quando suas necessidades mais básicas, como água e ar puro não são possíveis.

O espaço público necessita de significado, legibilidade e diversidade para atender a população que nele vive. A significação é alterada constantemente, graças aos movimentos sociais, "a cada instante, as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas" (SANTOS, 1985). Santos alude que a arquitetura nasce com a cidade e possui um espírito próprio, uma essência que lhe é peculiar, que os romanos entendiam como *genius loci*. Sentido esse que transforma o espaço. "O lugar é o espaço vivido. O significado é o que torna um espaço um lugar" (SANTOS, 1985).

Para que esse sentido se fortaleça a cidade precisa ser convidativa ao encontro. Calliari (2016, p. 72) apoiado na obra de Willian Whyte explica que para o encontro ser promovido, algumas configurações na cidade devem ser postas, tais como: bancos, que devem ter no mínimo a largura de duas pessoas sentadas de costas uma para a outra; os degraus precisam ser baixos para serem usados como assentos, bem como as cadeiras que soltas promovem maior acomodação de grupos, pois podem ser reposicionadas.

Da mesma forma, os espaços que atraem mais as pessoas são aqueles que ficam abertos às ruas, sem escadas ou rampas ou muros, os locais que têm algum tipo de cuidador formal ou informal funcionam melhor, a presença da natureza como água limpa exposta atrai as pessoas, as árvores e suas sombras são áreas convidativas as paradas para o descanso (CALLIARI, 2016, p. 72). A triangulação ajuda as pessoas a se relacionarem, pois mesmo estranhos sorriem juntos ou trocam algum tipo de olhar quando assistem a atrações artísticas nos espaços públicos e a venda de comida estimula o uso das praças (CALLIARI, 2016, p. 72).

Os estudos de Jan Gehl (2010) apontam ainda comportamentos que favorecem o convívio e estimulam o descanso.

andar: a sensação de distância é subjetiva. Se, por um lado, as pessoas acham razoável caminhar entre 400 e 500 metros para ir a algum lugar, essa distância pode ser encurtada ou alongada dependendo do entorno, da presença de outras pessoas, do tipo pavimento.

(...)

permanecer em pé: mesmo onde não há bancos, as pessoas tendem a preferir os espaços que circundam praças e não o centro delas, aproximando-se de fachadas ou colunas. Por essa razão, os bons espaços têm bordas ou fachadas irregulares, que atraem as pessoas. Basta pensar, por exemplo, no contraste entre uma praça medieval, cercada por fachadas interessantes e com profusão de elementos, e um espaço vazio, como o que circunda o Memorial da América Latina, em São Paulo.

(...)

sentar: as pessoas que estão andando precisam parar de vez em quando. Elas cansam, querem dar uma paradinha, precisam fazer um telefonema. (...) sentar permite realizar as atividade que garantem a permanência

(...)

ver, ouvir, falar: a oportunidade de ver outras pessoas relaciona-se com a distância entre o observador e o objeto.

(...)

espaços agradáveis: Gehl aponta que uma expressão visual de espaço pode trazer um sentido de lugar e, assim, inspirar as pessoas a usufruir dele.

(...)

soft edges: é o termo usado por Gehl para descrever a região fronteira entre os imóveis e a rua. Fachadas, grades, muros, escadas, entradas, garagens e outros elementos dos edifícios, mesmo privados, influenciam diretamente na atratividade dos espaços públicos. Allan B. Jacobs aborda o mesmo conceito, mas chama essas bordas de 'transparência'.

(...)

árvores: para Allan B. Jacobs, são o elemento mais importante para o espaço público, e aquele em que mais vale investir. Árvores criam sombra, protegem do trânsito, melhoram o ar e são belas ao olhar (CALLIARI, 2016, p. 73-75).

Nos não-lugares, os muros, as longas distâncias percorridas entre um espaço e outro, as altas velocidades e os múltiplos níveis dificultam o contato entre os sujeitos e desfavorecem as paradas de descanso, e quando os locais para descanso se apresentam, acabam por acelerar ainda mais aquele que nele estaciona.

Embora em um primeiro momento, possa se ter a impressão de distinção rígida entre lugar e não-lugar proposto por Augé, vale lembrar que tanto um como o outro não se apresentam de forma pura: o não-lugar nunca é completamente apagado e o lugar nunca se consoma totalmente. "Se passa evidentemente com o não-lugar a mesma coisa que com o lugar: nunca existe sob uma forma pura, neles os lugares recompõem-se, reconstituem-se nele relações; as 'astúcias milenares' da 'invenção do cotidiano' e das 'artes de fazer'" (AUGUÉ, 2009, p. 68).

No contemporâneo, tanto os lugares como os não-lugares se interpenetram e emaranham-se uma vez que a "possibilidade do não-lugar nunca está ausente seja de que lugar for. O regresso ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares" (AUGUÉ, 2009, p. 90).

A tendência é desvincular o espaço urbano, tornado autônomo, das funções, incorporando estratégias estéticas independentes de qualquer determinação. Impõem-se então uma retórica da imagem, das formas de apreensão diretamente vinculadas à experiência e à observação individuais, mas mediadas por um aparato publicitário que tende a tudo converter em cenografia e simulacro (PEIXOTO, 2005, p.294).

d e s a c e l e r e

Augé (2009, p. 69) se apoia em Merleau-Ponty ao dizer que o espaço se diferencia do lugar ao ser o primeiro um espaço de existência, enquanto o segundo de experiência de

relação com o mundo. É no lugar que o sujeito se situa em relação com um meio. Ponty usa da metáfora da palavra e da fala para explicar a relação do espaço e do lugar. O espaço seria a palavra em si, enquanto o lugar a palavra proferida e modificada em sua apreensão na ambiguidade de uma efetivação, transmutada num termo relevante de concepções múltiplas, posta como ato de um presente (ou de um tempo) e modificada pelas transformações devidas a vizinhanças sucessivas (AUGUÉ, 2009, p. 96).

Mas, tomando a salvo as devidas conceituações de espaço e lugar posto por Certeau (1998), ou espaço e lugar colocado por PONTY, e ainda lugar ou não-lugar abordado por Augé, na coexistência dos territórios "a pedra de toque será sempre política" (AUGUÉ, 2009, p. 96).

O crescimento do mercado global altera a sua geografia, pois induz a descontinuidade dos sistemas urbanos nacionais, provocando novas formas de interdependência transnacional (SASSEN, 1991).

Surgem novas formas de concentração locacional, resultantes da mobilidade do capital e de sua dispersão territorial. Formas de aglomeração de funções centralizadas que não são geograficamente determinadas. Uma mudança na geografia das atividades econômicas que implica a constituição de novas relações entre os vários componentes de cada locação particular (PEIXOTO, 2005, p. 277).

Como efeito, se tem integrações globais entre centros financeiros que não são geograficamente aproximadas (SASSEN, 1998). As áreas onde esses centros se estabelecem tornam-se palco de projetos de redesenvolvimento urbano e parte do mercado imobiliário global (PEIXOTO, 2005, p. 278). Esse cenário reestrutura as metrópoles, pois espaços de baixa ocupação, marginais, tornam-se interessantes a novos usos empresariais e residenciais. "A matriz espacial é constantemente reconfigurada, com a formação de novas e altamente instáveis territorializações" (SOJA, 1990).

A consequência é, em sua maioria, de uso de recursos públicos implicados em projetos imobiliários privados (PEIXOTO, 2005, p.278). A evidência está na mudança de escala da cidade, com uma brutal verticalização, criando grandes complexos com infraestruturas autônomas aliadas a reconfigurações urbanísticas de regiões inteiras. O papel da administração pública passa a ser o de estrategista no que diz respeito à flexibilização de regimes legais para a implantação de empreendimentos privados internacionais, implicando evidente privatização do espaço urbano (PEIXOTO, 2005, p.278).

Em São Paulo, Magalhães (2015, p. 145-146) observa paradoxos como os problemas coletivos sendo tratados individualmente, demonstrando a incapacidade de agir coletivamente na resolução de problemas públicos e coletivos da cidade. As resoluções costumam partir de iniciativas individuais, excluindo uma ampla parcela da população sem acesso a privatização e individualização das soluções.

Peixoto (2005, p. 278-279) também tem suas considerações no que diz respeito à cidade de São Paulo. Aponta que as hierarquias sociais são indistintas e misturadas em termos de espaço, apresentando uma configuração de vastas extensões de territórios, mas com descontinuidades de solo, favorecendo a organização em setores reduzidos e improvisados com focos inesperados de novos usos. A implantação de vias de trânsito expresso e de novos empreendimentos imobiliários e comerciais faz-se em enclaves desconectados do antigo traçado urbano, fragmentando por completo o tecido da área. Com isso surgem núcleos modernizados, áreas de condomínios residências, edifícios corporativos, *shoppings centers* e franquias comerciais, que se repetem periodicamente ao longo das principais avenidas.

Ocorre uma completa remontagem da geografia urbana da área, cujo sentido só pode ser entendido em grande escala. Espaços mais distantes tornam-se mais próximos, porque mais acessíveis. Outros mais próximos tornam-se distantes, porque inacessíveis. A percepção do espaço passa a ser determinada pela velocidade, inviabilizando o reconhecimento pedestre, típico das configurações locais tradicionais. Os antigos espaços públicos, agora inacessíveis, perdem toda a significação e uso, transformando-se em terra de ninguém (PEIXOTO, 2005, p. 278-279).

Outra processo recorrente na cidade de São Paulo mostrado por Peixoto (2005, p. 279) é a desindustrialização que transforma o entorno espacial e social de acordo com as exigências do capital globalizado que desagrega e reconstrói a cidade, passando necessariamente pelo desinvestimento. Solá-Morales (1995) entende que o resultado da desindustrialização é o terreno vago.

Aqui, a velocidade das transformações no espaço urbano contrapõem-se à inércia material do mundo fabril. Uma proliferação de galpões industriais transformados em depósitos e áreas de demolição convertidas em estacionamento. O construído permanece, ocupando lugar, convertido em obstáculo. Escombros amorfos que resistem à dinâmica. Degeneração e colapso são os motores do processo.

(...)

Esses espaços indefinidos e incertos encarnam as oscilações, a instabilidade, do tecido urbano nesse processo. Aparentemente desprovidos de atividades, são espaços que existem fora das estruturas produtivas e dos circuitos da cidade, remanescentes das diversas operações de reconfiguração de suas regiões em escalas mais amplas e complexas.

(...)

Criam-se bolsões, espaçamentos no tecido urbano, ocupados por estruturas consolidadas e programas rígidos. Essas atividades reorganizam-se em ilhas que se conectam por meio de áreas ainda densamente construídas, que passam a ser ocupadas por configurações econômicas e sociais. As formas mais extremas de modernização convivem com novas condições urbanas - informais, transitórias, clandestinas - geradas pela integração global (PEIXOTO, 2005, 279).

[A escada convida a subir. A grade diz que não.
Um cadeado é mais forte que toneladas de concreto].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro de Santa Cecília
– São Paulo.

15 de novembro de 2015.

simbólico
brush sob illustrator

Os não-lugares no tempo contemporâneo são otimizados, cada vez mais, pela velocidade com que tratam o tempo e o espaço, porém, essa tentativa de massificação tem seu contraponto em instantes de desaceleração na cidade. Tais instantes, ao serem percebidos foram registrados nas fotografias que seguiram nesta pesquisa.

Canton (2009, p. 24) reforça, em seu estudo sobre espaço e lugar, que "a metrópole paulistana germinou com tal velocidade que eliminou seu passado e se perdeu ao longo de uma relação que dissolveu referências de tempo/espaço." Para a autora as vidas paulistanas deram espaço a condições de existência intoxicadas.

Nos não-lugares, os nós de silêncio na cidade de São Paulo apresentaram-se algumas vezes como representação de disparidade econômica. Alguns sujeitos na cidade estão presos aos nós de desaceleração por não caberem na velocidade exigida pelo sistema contemporâneo. Esses se encontram em periferias ou no centro da cidade em situações marginais. Os não-lugares, onde vivem estes sujeitos, refletem a condição que estão.

Outras vezes fica a cargo da atenção que o observador dá e do ângulo em que se permite estar, e na disponibilidade por experimentar pontos de silêncio na cidade. Há instantes de desaceleração para alguns sujeitos, mesmo em tempos e espaços de velocidade, como uma antítese de um pensamento

que incita, estimula, a ação constante como qualidade do que é bom.

Para alguns sujeitos que vivem na cidade de São Paulo desacelerar é uma alternativa, pela condição econômica que estão e com isso são imbuídos de escolha e se permitem desacelerar em alguns momentos do dia. Para esses há espaços na cidade que permitem desaceleração.

d e s a c e l e r e

[Lugar pra lá, não-lugar pra cá.
Alguns espaços não resistem a velocidade do tempo].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Brás - São Paulo
10 de março de 2016.

resistência
brush sob illustrator

d e s a c e l e r e

Para o precariado, os nós de desaceleração servem para que possam acelerar com maior intensidade. Param para prosseguir. As férias existem para que o trabalhador no seu retorno volte a trabalhar com maior velocidade. Descansa-se em um período para que em outro possa ser ainda mais veloz.

Com a cidade não é diferente. A cidade de São Paulo promove nós de desaceleração para os sujeitos que são motor de velocidade, caso contrário, uma linha tão fina, como é a relação humana, não resistiria se mover tão rápido. O não-lugar não define o sujeito em sua totalidade, mas o marca como ser e é a partir dessa cicatriz, que o sujeito funda sua matriz e se percebe no mundo.

d e s a c e l e r e

[Depois do trilho, uma luz escura].

Imagem captada pela pesquisadora na estação de metrô
Consolação - São Paulo.

16 de novembro de 2015.

expatrio
brush sob ilustrator

[em construção].

Imagem captada pela pesquisadora no bairro Brás - São Paulo
10 de março de 2016.

engenho
brush sob illustrator

Considerações finais

Considera-se que é preciso nós no espaço e no tempo, não para se pensar a própria existência, mas para não se pensar, para acumular energia, para prosseguir. Caso contrário, não seria suportável a carga de velocidade que é posta e apresentada pelo contemporâneo, sendo preciso parar para prosseguir.

Para se observar o contemporâneo é preciso se colocar em situação de ruptura. O sujeito a todo o momento é posto em revisão, o que causa inquietação. As situações são de frágeis contratos, exigindo do sujeito uma identidade amolecida e flexível a fim de ganhar maior velocidade.

A régua de medida contemporânea é em sua maioria pautada pelo excesso, tendo como resultado potências e impotências. Com a disponibilização excessiva de dados e informações o sujeito acaba impotencializado.

Nas cidades, o acúmulo de luzes e imagens é moldura de corpos cada vez mais otimizados. E quando se fala aqui de corpos não o é apenas de músculos, ossos e pele, mas busca-se uma constante otimização também de comportamentos.

Quanto ao tempo, o passado e o futuro servem de reforço para o excesso de presente. Como consequência se percebe a fuga da velhice como padrão estético, os modelos *fast* de negócio e o *slow* como uma forma de equilibrar o sistema. O tempo se multiplica, assim como o espaço, criando um espaço-tempo outro, expandido. Este espaço-tempo expandido tem o intangível como substrato.

Real e falso se confundem, sendo muitas vezes a notícia mais importante que o fato. Para o intangível, a linguagem com formas e símbolos tem a imagem como verbo. Imagens

simples e de alta pregnância para que possam ser massificadas. A massificação é sempre hegemônica e excludente.

Com o excluído a relação é de cortesia, a fim de evitar embates, trazendo uma sensação falsa de liberdade. De outra forma, não seria possível a manutenção do poder por uma pequena parcela dos indivíduos.

Esse espaço-tempo expandido abre mão da presença física do indivíduo, pois pode-se estar presente fisicamente em algum lugar e também presente virtualmente e muitos outros. O espaço-tempo expandido tem a necessidade de substrato do mundo físico, o que demanda mais uma vez, multiplicação e velocidade para abastecê-lo. O espaço-tempo expandido predispõe um esvaziamento do tempo e da percepção de espaço.

Há dificuldades em se mapear distâncias. A referência de perto e longe não se faz em metragens, demonstrando uma nova geopolítica. O olhar se desprende da janela renascentista e se amolda aos dispositivos tecnológicos, tornando-se vertical, apresentando novos rearranjos estéticos.

A presença é avaliada pela visibilidade do sujeito, o que implica novos formatos historiográficos. O sujeito se desloca do específico para dar conta do real e do virtual, exibindo uma descolagem de pertencimentos. O descolamento não está apenas no pertencimento do sujeito a algum território, mas também há um deslocamento do espaço e do tempo. Como já sinalizado nesta pesquisa, esse deslocamento provoca multiplicação tanto do espaço como do tempo.

Os corpos passam a capacidade de onipresença, graças a um corpo digital e outro analógico. Esse espaço-tempo altera o peso das coisas, o instante passa a ser re-medido e potencializado. A importância está na sucessão de

acontecimentos, o que provoca um soterramento do sujeito pelo tempo. Nesse caso, se faz preciso um desacelerar, um nó de desaceleração para que o sistema se mantenha estável.

As ações individuais impactam o todo, isso graças à globalização, aliás, essa é palavra recorrente quando se fala em contemporâneo. Em tempos de simbólicos e intangíveis, a globalização pede por defesa das diferenças por servir de reserva simbólica. As periferias da cidade acabam sendo repositórios de imagens a fim de alimentar o espaço-tempo.

Uma falsa horizontalização se apresenta e a consequência é uma homogeneização. Com homogeneização ganha-se velocidade, o que mais uma vez altera a percepção de tempo do sujeito.

Desses sujeitos, há os que alcançam a velocidade necessária e servem de manutenção ao motor do sistema. A outros cabe a obsolescência de mercado. Portanto, se antes a má distribuição era de espaço, hoje também o é de tempo. Há, porém, outro grupo de indivíduos que escapa dessa aceleração: os que escolhem desacelerar, seja por condições econômico-financeiras ou por entenderem o sistema e não aceitarem mantê-lo.

Desses que servem de motor pode se perceber as quatro subjetividades propostas por Hardt e Negri (2014): o endividado, o securitizado, o mediatizado e o representado. Esses de forma direta abastecem o sistema, e com isso necessitam de cápsulas de silêncio; de momento de paradas.

Na cidade de São Paulo, foi possível observar esses espaços de silêncio, seja por escolha individual dos sujeitos ou por falta dessa escolha. Os nós de desaceleração estão nas marcas dos não-lugares, linha de passagem do sujeito e nos corpos dos sujeitos contemporâneos.

d e s a c e l e r e

[illegible]

d e s a c e l e r e

[illegible]

d e s a c e l e r e

Referências bibliográficas

Bibliografia principal

- AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Santa Catarina: Argos, 2009.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Lisboa: 90° editora, 2009.
- BORRIAUD, Nicolas. **Radicante: por uma estética da globalização**. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes LOURO. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio, **DECLARAÇÃO: ISTO NÃO É UM MANIFESTO**, São Paulo: N-1. 2014
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 2. Reimpressão. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Bibliografia complementar

- Anônimo. Tradução de Carlos Daudt de Oliveira. **A epopeia de Gilgamesh**. ISBN 85-336-1389-X
- AGAMBEM, Giorgio. **Stanze: la parola e il fantasma nella cultura occidentale**. Turim: Einaudi, 1977.
- ALCIDEZ, Sérgio. **Valery on-line, McLuhan off-line** in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.
- ALTHEIDE, David. **Mass Media, Crime and the Discourse of Fear**, The Hedgehog Review. Vol.5, n.3, outono 2003, p. 9-25.
- ASCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. Trad. e Apres. Nadia SOMEKH. São Paulo: Romano Guerra. 2010.
- AUGÉ, Marc. **Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã**. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

BAUMAN, ZYGMUNT. **Confiança e medo na cidade**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Jorge Zahar, 2000.

BAVCAR, Evgen. **A imagem, vestígio desconhecido de luz**. in Muito além do espetáculo. Org. NOVAES. Adauto. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

BERGSON, Henri. **Le souvenir du présent et la fausse reconnaissance**. Paris: PUF, 1959, (Oeuvres Complètes).

BIGNOTTO, Newton. **O medo do acaso** in NOVAES. Adauto. Mutações: o futuro não é mais o que era. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

BOCCHETTI, André. **Entre golpes e dispositivos: Foucault, Certeau e a constituição dos sujeitos**. hist. historiogr. • ouro preto • n. 18 • agosto • 2015 • doi: 10.15848/hh.v0i18.921, p. 46. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.15848/hh.v0i18.921>> Acesso em 14 mai. 2018.

BODEI, Remo. **La Sensation du déjà vu**. Trad. Jean-Paul Manganaro. Paris: Seuil, 2007.

BORRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BORRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

CALLIARI, Mauro. **Espaço público e urbanidade em São Paulo**. São Paulo: Bei Comunicação, 2016.

CANTON, Katia. **Espaço e lugar**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CARR, Nicholas. **The shallows. What the internet is doing to our brains**. Nova York: Norton. 2010. Ebook, parágrafos 12, p.30-31.

COELHO, Teixeira. **Moderno pós moderno: modos e versões**. ed.5. São Paulo: Iluminuras, 2011.

COLI, Jorge. **O Invisível das imagens**. in Muito além do espetáculo. Org. NOVAES. Adauto. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

COLCIENCIAS. Bogotá: 1997. Mimeo.

COSTA LIMA. **Mimesis: desafio ao pensamento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

COSTA, Heloisa Soares de Moura. Natureza e cidade na periferia: ampliando o direito à cidade. In: COSTA, Geraldo Magela (org.); COSTA, Heloisa Soares de Moura (org.); MONTE-

MOR, Roberto Luís de Melo (org.). **Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana**. Belo horizonte: C/Arte, 2015.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Rodrigo. Valores e interesses na era das imagens. In: NOVAES. Adauto (org.) **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

ECHEVERRÍA, Javier. **Telépolis**. Barcelona: Ediciones Destino (Colección Ensayo, nº17), 1994.

ELIAS. Norbert. **Sobre o Tempo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. *apud* SOUZA. Francisco de Castro Samarino e. **O homem moderno e seu lugar no tempo**.in **Revista Filosofia Ciência e Vida**. ANO X. N. 126. São Paulo: Editora Escala, 2010.

FERES JUNIOR, João. Léxico da história dos conceitos políticos do Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. P. 18. *apud* SOUZA. Francisco de Castro Samarino e. O homem moderno e seu lugar no tempo.In: **Revista Filosofia Ciência e Vida**. ANO X. N. 126. São Paulo: Editora Escala, 2010.

GEHL, Jan. **Cities for people**. Londres:Island Press, 2010.

GROS. Frédéric. É possível esquecer o futuro? In: NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HUME. David. **Tratado da natureza humana**, livro II, seção III.

KOSELLECK. Reinhert. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos modernos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. P.9 *apud* SOUZA. Francisco de Castro Samarino e. O homem moderno e seu lugar no tempo.in **Revista Filosofia Ciência e Vida**. ANO X. N. 126. São Paulo: Editora Escala, 2010. P.. 11 e 12

KRAUS. Karl. Apocalipse *apud* NOVAES. Adauto. Mundos possíveis in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

LAPOUJADE. David. Desprogramar o futuro. In: NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo horizonte: Editora UFMG. 1999.

LÉFÈBVRE, Henri. **Espacio y política: El derecho a la ciudad**, II. Barcelona: Ediciones península, 1972.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Paris: Editions Anthropos. 1974

LÉFÈBVRE, Henri. **Le retour de la dialectique: 12 mots clef pour le monde moderne**. Tradução Margarida Maria de Andrade. Paris: Messidor/ Éditions Sociales, 1986.

LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEOPOLDO E SILVA. Franklin. O visível e o invisível do tempo in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. 9a.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984

MAGALHÃES, Felipe Nunes Coelho. **Natureza e cidade na periferia: ampliando o direito à cidade** in COSTA, Geraldo Magela (org.); COSTA, Heloisa Soares de Moura (org.); MONTE-MOR, Roberto Luís de Melo (org.). Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana. Belo horizonte: C/Arte, 2015.

MARICATO, Ermínia. **É a questão urbana, estúpido!** In HARVEY, David; MARICATO, Ermínia; DAVIS, Mike; BRAGA, Ruy; ŽIŽEK, Slavoj; IASI, Mauro Luis; BRITO, Felipe; VAINER, Carlos; LIMA, Venício A. de; MAIOR, Jorge Luiz Souto; PESCHANSKI, João Alexandre; SECCO, Lincoln; SAKAMOTO, Leonardo; MPL São Paulo; OLIVEIRA, Pedro Rocha de; VIANA, Silvia. Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram o Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARICATO, Erminia. **Para entender a crise urbana**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MASI, Domenico De. **Alfabeto da sociedade desorientada: para entender o nosso tempo**. Trad. Silvana Cobucci; Federico Carotti. São Paulo: Objetiva, 2017.

MATOS. Olgária. Dialética na imobilidade da mens momentânea à imobilidade do instante in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

MCLUHAN. Marshall. **Understanding media**. The extensions of man. Cambridge, MA: MIT, 1995.

MENDES. Renato Rocha. O ócio e o silêncio versus a tecnologia. in **Revista da Cultura**. Edição 112. São Paulo: Livraria Cultura, maio de 2017.

MIRANDA. Danilo Santos de. Imergindo no Futuro in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

MONGARDINI. Carlo. **Miedo y Sociedad**, trad. Pepa Linares. Madri: Alianza Editorial, 2007.

MONGIN, Olivier. **A condição urbana: a cidade na era da globalização**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MORAES, Regis de. **O que é violência urbana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

MOSER, Walter. Mélancolie et Nostalgie: affects de la Spatzeit, **Revue d'Etudes Littéraires**, v.31, n.2. 1999

NOVAES. Adauto. **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2005.

NOVAES. Adauto. Mundos possíveis in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

NOVAES. Adauto. O espírito recusa a abitar sua obra.in NOVAES. Adauto. **Mutações: a experiência do pensamento**. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

PASCAL, **Pensées**. Paris: Brunschvicg (ed.), 1994, n.172; Lafuma (ed.), 1992, n.47.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Mapear um mundo sem limites. In NOVAES. Adauto (org). **Muito além do espetáculo**.São Paulo: Editora SENAC São Paulo. 2005.

PERSICHETTI. Simonetta. As passagens de Cristiano Mascaro.in **Revista de Opinião, Política, Economia, Tendências e Reportagens: Brasileiros**. Número 114. São Paulo: Brasileiros Editora, fevereiro de 2017.

REIS, Breno Maciel Souza. Pensando o espaço, o lugar e o não lugar em Certeau e Augé: perspectivas de análise a partir da interação simbólica no Foursquare. **Revista Contemporânea**. N.21 | Ano 11 | Vol.1 | 2013. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/viewFile/6969/5108>. Acesso em 12 jan. 2017.

ROUANET. Sérgio Paulo. Tempo, tempo, tempo in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

SALLES. João Carlos. Uma filosofia sem destino in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

Santo AGOSTINHO. As confissões. Seção XIV. Livro XI. In NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel. 1985.

SANTOS, Thiago Andrade dos. **A produção do espaço a partir de Henri Lefebvre e a dimensão espacial da ação política** in COSTA, Geraldo Magela (org.); COSTA, Heloisa Soares de Moura (org.); MONTE-MOR, Roberto Luís de Melo (org.). Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana. Belo horizonte: C/Arte, 2015.

- SASSEN, Saskia. **Globalization and Its Discontents**. Nova York: The New Press. 1998.
- SASSEN, Saskia. **The Global City**. Princeton: Princeton University Press. 1991.
- SILVA, Armando. **Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2014.
- SILVA, Armando. **Imaginários: estranhamentos urbanos**. Trad. Carmem FERRER. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2014.
- SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação**. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- SLOTERDIJK, Peter. **Las atmosferas de la política**. Entrevista. Madri: Universidad Complutense, 2008.
- SOJA, Edward W. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Zahar. 1993.
- SOJA, Edward W. **Postmodern Geographies**. Londres: New Left Books. 1990.
- SOLÁ-MORALES. **Terrain Vague Anyplace**. Cambridge: MIT. 1995.
- SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**. 2 ed. São Paulo: Editora Mackenzie e Romano Editora, 2014.
- SOUZA, Francisco de Castro Samarino e. **O homem moderno e seu lugar no tempo**. in **Revista Filosofia Ciência e Vida**. ANO X. N. 126. São Paulo: Editora Escala, 2010.
- STAROBINSKI, Jean. **L'oeil vivant**. Paris: Gallimard, 1985.
- STIEGLER, Bernard. **Prende soin de la jeunesse et des générations**. Paris: Flammarion, 2007.
- SUBIRATS, Eduardo. **A existência sitiada**. Trad. Flávio Coddou. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- VALERY, Paul. **Discours de l'histoire**, Euvres, I, p. II35. I
- WISNIK, Guilherme. Dentro do nevoeiro: o futuro em suspensão in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.
- WOLFF, Francis. A flecha do tempo e o rio do tempo - Pensar o futuro in NOVAES. Adauto. **Mutações: o futuro não é mais o que era**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2013.

Sites

EMIGRAÇÃO BRASILEIRA, disponível em <
<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/noticias/censo-ibge-estima-brasileiros-no-exterior-em-cerca-de-500-mil/impressao>> acesso em 10 jan. 2016.

REFUGIADOS SÍRIOS, disponível em <
<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-11-18/sirios-sao-maior-grupo-de-refugiados-no-brasil-numero-cresce-3-vezes-em-1-ano.html>> acesso em 10 jan. 2016.e

a quem interessar possa
UM FORTE ABRAÇO